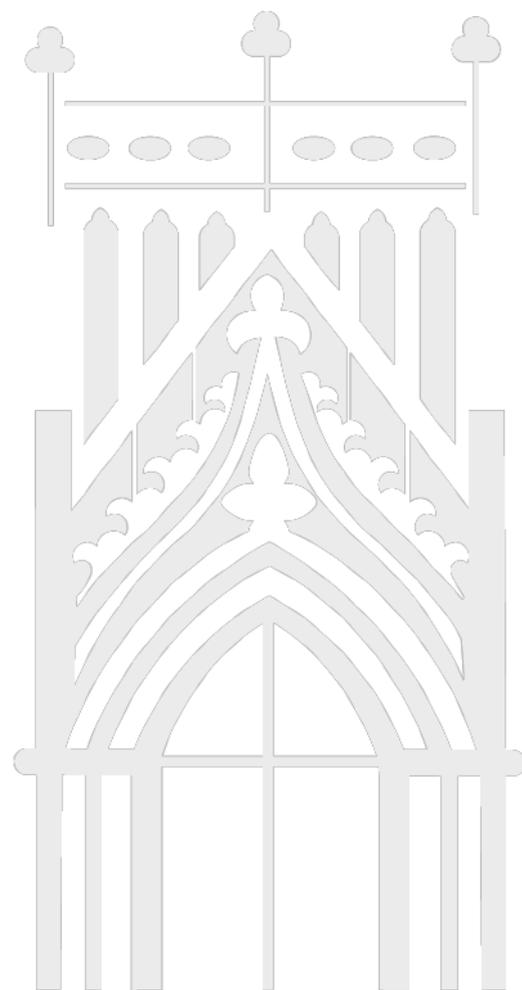


Mestrado em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio da Prática de Ensino
Supervisionada

Tânia Sofia Costa Duarte

junho | 2016





Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Instituto Politécnico Da Guarda

**Relatório de Estágio da Prática de Ensino
Supervisionada**

Tânia Sofia Costa Duarte

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo de
Ensino Básico

Junho de 2016



Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Instituto Politécnico Da Guarda

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

Tânia Sofia Costa Duarte

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo de
Ensino Básico

Orientadora: Prof. Doutora Elisabete Batoco Constante de Brito

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada, apresentado ao Instituto Politécnico da Guarda, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo de Ensino Básico

Junho de 2016

Agradecimentos

Várias foram as pessoas que de forma direta ou indireta, se mostraram muito importantes nesta caminhada e que, de certa forma, contribuíram para a realização deste relatório. Desta forma, a todos deixo o meu sincero agradecimento.

Em particular, destaco:

- A Prof. Doutora Elisabete Batoco Constante de Brito, pela competência e especial compreensão com que orientou este trabalho, transmitindo incentivo e confiança;
- A Educadora Cooperante Celeste Mendonça e a Professora Cooperante Isabel Almeida, pelo excelente modelo que foram e por todos os ensinamentos que me transmitiram;
- Às crianças do Pré-Escolar e 1º Ciclo, em especial às duas crianças do estudo que foram a peça fundamental da minha evolução, pelo carinho diário e disponibilidade em todas as atividades;
- A todos os professores que me acompanharam ao longo de todo este percurso no Instituto Politécnico da Guarda;
- Aos colegas de turma que, de certa forma contribuíram para a concretização deste relatório;
- Os meus pais, pelo orgulho, compreensão e companheirismo demonstrado ao longo de toda esta caminhada e por me proporcionarem a oportunidade de evoluir como estudante e pessoa, concretizando sonhos e objetivos.
- A Ângela Bernardino e a Ana Sofia Pinto por toda a disponibilidade e ajuda prestada e pelo apoio em todos os momentos;
- Os amigos verdadeiros, destacando a Sara Baptista, a Filipa Penha e a Filipa Gusmão, pela amizade, apoio constante e por serem o pilar nos momentos mais difíceis.

Resumo

O presente relatório de estágio surge no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES) I e II, integrada no Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda. Decorreu no jardim-de-infância da Sé, no segundo semestre do ano letivo de 2013/2014, e na escola do 1º ciclo do Ensino Básico do Bonfim, no primeiro semestre do ano letivo de 2014/2015, pertencentes ao Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque.

Ao longo deste relatório de estágio quisemos refletir acerca das práticas pedagógicas e estratégias adotadas, apresentando a sua descrição e posterior reflexão crítica das mesmas.

Nesse sentido, e no âmbito da educação pré-escolar, é apresentado um estudo de caso de carácter qualitativo no qual se privilegia a investigação-ação, cujo objetivo central foi perceber de que forma é que as histórias, através da sua “leitura”, reconto e exploração didática, poderão constituir uma ferramenta a utilizar em sala de atividades como estímulo para o desenvolvimento da linguagem oral.

Para obter respostas, foram planeadas e desenvolvidas atividades didáticas, com duas crianças escolhidas por conveniência, no ambiente da sala de atividades do jardim de infância que envolveram o conto e reconto de histórias, algumas conhecidas das crianças e presentes na sala, outras totalmente desconhecidas, o reconto com fantoches e o conto de acontecimentos recentes, referentes às festividades que ocorreram nesse período.

No final do estudo, e não obstante o reduzido tamanho da amostra que não permite a generalização de resultados, concluiu-se que as histórias poderão constituir uma ferramenta a utilizar no jardim-de-infância como estímulo para o desenvolvimento da linguagem oral, uma vez que após a realização das atividades propostas, se verificou uma clara evolução no discurso oral das duas crianças.

Palavras-chave: Prática de Ensino Supervisionada, linguagem oral, histórias, educação pré-escolar.

Abstract

This report stage comes under the unit of Supervised Teaching Practice (STP) I and II, part of Master's Degree in 1st Cycle of Basic Education, Teaching from Guarda's Politechnical Institute. It took place in the Sé's Pre-school in the second half of the school year of 2013/2014, and in the school of the 1st cycle of Basic Education of Bonfim, in the first half of the school year 2014/2015, belonging to the Group of Schools Afonso Albuquerque.

Throughout this placement report we wanted to reflect on the teaching practices and adopted strategies, giving a description and further critical reflection.

In this direction, and the scope of preschool education, a briefing is presented study of case of character qualitative in which if it privileges the inquiry-action, whose central objective was to perceive of that it forms is that histories, through its "reading", I recount and didactic exploration, will be able to constitute a tool to use in room of activities as stimulation for the development of the verbal language.

To get some answers, we planned and developed educational activities, with two children which were chosen specifically.

The activities that were carried out in the pre-school activity room were reading and re-reading stories. Some of these stories were known by children and others totally unknown. For the re-reading of some stories we used puppets and we also make the children talk about recent events related to the festivities that took place in that half-year.

At the end of this study, although we can't generalize the results because our sample is reduced, we concluded that the stories could be an educational tool for children as a stimulus for the development of their language because they showed an evolution after applying these tools.

Keywords: Supervised Teaching Practice, verbal language, stories, preschool education.

Siglas e abreviaturas

CEB - Ciclo do Ensino Básico

CAF - Componente de apoio à família

ESECD - Escola Superior de Ensino, Comunicação e Desporto

IPG - Instituto Politécnico da Guarda

OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES - Prática de Ensino Supervisionada

Índice Geral

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract	iii
Siglas e abreviaturas.....	iv
Índice de ilustrações.....	vii
Índice de gráficos	vii
Índice de quadros	ix
Índice de Anexos.....	x
Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento Institucional e Organização Escolar	3
1. Enquadramento Educativo	4
2. Enquadramento Institucional.....	8
2.1 - Caracterização do meio envolvente - Cidade da Guarda e Bairro do Bonfim.....	8
2.2 - Caracterização do meio escolar - Jardim de Infância da Sé.....	10
2.2.1 - Organização do espaço da instituição	10
2.2.2 - Organização do tempo	11
2.2.3 - Caracterização da sala de atividades.....	13
2.2.4- Caracterização socioeconómica e psicopedagógica do grupo	16
2.3 - Caracterização do meio escolar - Escola Básica do Bonfim.....	20
2.3.1 - Organização do espaço da instituição - Escola Básica do Bonfim	20
2.3.2 - Caracterização da sala de aula	23
2.3.3 - Caracterização socioeconómica e psicopedagógica dos alunos.....	25
Capítulo II - Descrição da Prática de Ensino Supervisionada	29
1. Experiência de Prática de Ensino Supervisionada I - Pré-Escolar	34
2. Experiência de Prática de Ensino Supervisionada II - 1º CEB.....	47
Capítulo III - A Importância de contar histórias no desenvolvimento da linguagem oral de crianças na Educação Pré-Escolar.....	59
1. Introdução	60
2. Contextualização teórica	61
2.1 - O que é a linguagem e a sua importância.....	61
2.2 - Fases de aquisição e desenvolvimento da linguagem na criança.....	62
2.3 - Intervenientes no desenvolvimento da linguagem oral.....	67
2.4 - As histórias no desenvolvimento da linguagem oral.....	69
3. Descrição do estudo empírico	70

3.1 - Descrição do problema	71
3.2 - Objetivos do estudo.....	72
3.3 - Metodologia do Estudo	72
3.4 - Caraterização das duas crianças.....	73
4. Desenvolvimento do projeto - Apresentação e discussão do projeto e dos resultados obtidos.....	76
4.1 - Procedimentos e técnicas adotadas na recolha dos dados.....	76
4.2 - Análise e interpretação dos resultados.....	81
5. Considerações Finais.....	87
Conclusão.....	89
Bibliografia	92
Webgrafia.....	92
Anexos.....	97

Índice de ilustrações

Ilustração 1 - Organização do Sistema Educativo Português.....	4
Ilustração 2 - Mapa de Portugal e do distrito da Guarda.....	8
Ilustração 3 - Jardim de Infância da Sé	10
Ilustração 4 - Crianças a realizarem uma atividade de expressão plástica.	14
Ilustração 5 -Quadro 'espaços de brincar', Tarefas do chefe e marcação de presenças.	14
Ilustração 6 - Tenda.....	14
Ilustração 7 - Área do computador.	15
Ilustração 8 - Casinhas das bonecas.	15
Ilustração 9 - Área da pista.....	15
Ilustração 10 - Área dos animais.	16
Ilustração 11 - Escola Básica do Bonfim	21
Ilustração 12 - Planta da sala de aula.	24
Ilustração 13 - Legenda.....	24
Ilustração 14 - Pinóquios desenvolvidos no âmbito da atividade do dia das mentiras.....	37
Ilustração 15 - Aula de natação	39
Ilustração 16 - Percurso de obstáculos	39
Ilustração 17 - atividade de picotagem.....	41
Ilustração 18 - Boneco construído com figuras geométricas pintadas pelas crianças	41
Ilustração 19 - Atividade de expressão dramática.....	43
Ilustração 20 - Crianças a ouvirem uma história	44
Ilustração 21 - Crianças a fazerem um jogo matemático da Lego	45
Ilustração 22 - Visita ao sapateiro	46
Ilustração 23 - Apresentação da musica de Natal na festa de Natal.....	50
Ilustração 24 - Atividade de expressão plástica utilizando cereais	51
Ilustração 25 - Decoração de Natal realizada pelos alunos	52
Ilustração 26 - Ensaio para a festa de Natal	52
Ilustração 27 - Festa de Natal: Pedidos de Natal.....	53
Ilustração 28 - Jogo dos Sinónimos/Antónimos.....	54
Ilustração 29 - Cartazes colocados na sala de aula referentes a conteúdos lecionados	55
Ilustração 30 - Resultado final da atividade experimental.....	56
Ilustração 31 - Fases do desenvolvimento da linguagem	63
Ilustração 32- Livro 'Os três porquinhos'	78
Ilustração 33 - Livro 'A Bruxa Mimi e os Piratas'	79
Ilustração 34 - Livro 'O Lobo e os sete Cabritinhos'	80

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Com quem vivem os alunos	26
Gráfico 2 - Número de irmão dos alunos	26
Gráfico 3 - Habilitações literárias da pai.....	27
Gráfico 4 - Habilitações literárias do mãe.....	27

Índice de quadros

Quadro 1 - Funções da linguagem.....	62
Quadro 2- Estádios de desenvolvimento de Piaget	66
Quadro 3 - Caracterização das duas crianças	75
Quadro 4 - Planificação das atividades	77
Quadro 5 - Primeira avaliação da Criança 1.....	81
Quadro 6 - Avaliação intermédia da Criança 1	82
Quadro 7 - Avaliação final da Criança 1	82
Quadro 8 - Avaliação inicial da Criança 2	84
Quadro 9 - Avaliação intermédia da Criança 2	84
Quadro 10 - Avaliação final da Criança 2.....	85

Índice de Anexos

Anexo 1 - Avaliação de uma criança do grupo Pré-Escolar	98
Anexo 2 - Exemplo de uma planificação da área de Formação Pessoal e Social.....	101
Anexo 3 - Exemplo de uma planificação da área de Expressão Físico-Motora.....	104
Anexo 4 - Exemplo de uma planificação da área de Expressão Musical.....	108
Anexo 5 - Exemplo de uma planificação da área de Expressão Plástica.....	112
Anexo 6 - Exemplo de uma planificação da área de Expressão Dramática.....	115
Anexo 7 - Exemplo de uma planificação de uma história sobre as profissões	118
Anexo 8 - Exemplo de uma planificação da área da Matemática.....	122
Anexo 9 - Exemplo de uma planificação da área de Conhecimento do Mundo.....	121
Anexo 10 - Planificação da primeira regência no 1º ciclo.....	129
Anexo 11 - Exemplo de uma planificação de Expressão Físico-Motora.....	133
Anexo 12 - Exemplo de uma planificação de Expressão Plástica.....	136
Anexo 13- Pedidos de Natal.....	138
Anexo 14 - Exemplo de uma planificação de Português.....	140
Anexo 15 - Exemplo de uma planificação de Matemática.....	148
Anexo 16 - Exemplo de uma planificação de Estudo do Meio.....	165
Anexo 17 - Documento de Avaliação de um aluno do 1º ciclo.....	171
Anexo 18 - História 'O Rato Ricardo'.....	174
Anexo 19 - História 'As irmãs Sofia e Sara'.....	176

Introdução

A elaboração do presente relatório surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), unidade curricular integrante do plano de estudos do mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto (ESECD) do Instituto Politécnico da Guarda (IPG). Ao longo do mesmo, pretende-se apresentar as atividades que foram desenvolvidas ao longo da PES I, que decorreu na Educação Pré-Escolar e, ao longo da PES II que decorreu no 1º Ciclo do Ensino Básico (1º CEB), refletindo de forma crítica acerca das mesmas.

A PES reveste-se de grande importância na medida em que se apresenta como o processo de transição do aluno para educador/professor. A prática permite a articulação com os saberes teóricos apreendidos ao longo do curso, possibilitando e potencializando também novas aprendizagens, visto que, o contexto real, nos permite o contacto direto com as crianças e nos obriga a resolver situações pedagógico-didáticas, com vista a um ensino e aprendizagem profícuo, tendo sempre em conta o público-alvo, as suas necessidades e exigências.

Divide-se em três capítulos que embora sejam distintos, se complementam. O primeiro capítulo refere-se ao enquadramento institucional e organizacional do meio escolar, bem como aos recursos que este apresenta, possíveis de serem utilizados ao longo da prática pedagógica e à caracterização socioeconómica e psicopedagógica das duas turmas com as quais foram realizadas a PES I e a PES II. O segundo capítulo refere-se às experiências de ensino e aprendizagem realizadas ao longo da PES I e II, constituindo uma reflexão crítica do percurso desenvolvido e onde serão apresentados os métodos pedagógicos utilizados e explicadas as atividades desenvolvidas. O terceiro capítulo, refere-se ao estudo de caráter qualitativo, acerca da importância das histórias no desenvolvimento da oralidade. O estudo foi coincidente e posterior à PES I e teve como protagonistas duas crianças do grupo. Neste capítulo será ainda apresentada a metodologia utilizada, bem como os métodos e instrumentos aplicados que nos levaram ao resultado final.

Como refere Mendes (2012) a nossa língua é o nosso património e apresenta uma influência direta no sucesso escolar e na forma como a criança socializa, tal facto, fez com que a escolha do tema do estudo apresentado no terceiro capítulo recaísse nas dificuldades que as crianças apresentam no desenvolvimento da linguagem oral em idade pré-escolar e as formar que temos ao nosso dispor de as colmatar.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais sustentadas na globalidade do trabalho realizado como forma de extrair ilações educativas no quadro da educação pré-escolar e 1º CEB.

Capítulo I

Enquadramento Institucional e Organização Escolar

1. Enquadramento Educativo

Ao longo das últimas décadas, tem sido notório um enorme esforço na qualificação escolar da população em Portugal, de que resultaram em elevados progressos no processo de ensino-aprendizagem (Educação C. N., 2011). Tem-se observado a modernização das escolas e dos processos de ensino-aprendizagem, principalmente através do recurso às novas tecnologias.

Muitos têm sido os assuntos polémicos que tem envolvido a educação no nosso país, desde a formação de professores, até à passagem da escolaridade obrigatória para o 12º ano, passando ainda pelos mega agrupamentos e pelo novo estatuto do aluno.

Na ilustração 1, podemos observar como se organiza o Sistema Educativo Português.

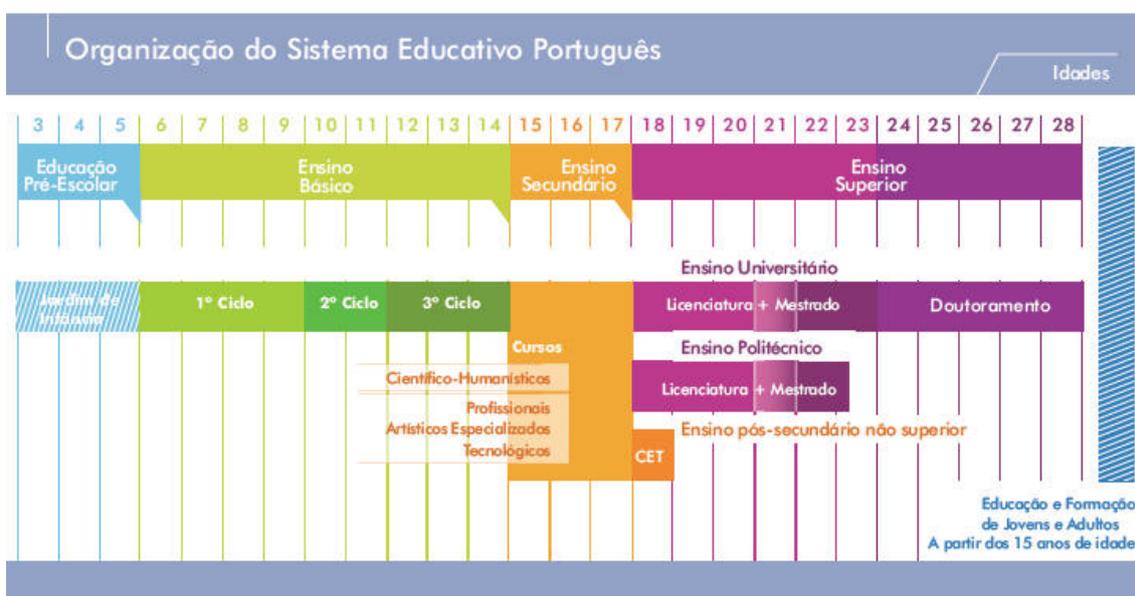


Ilustração 1 - Organização do Sistema Educativo Português
Fonte: Educação e Formação em Portugal (2007)

Pela análise da ilustração 1, podemos observar que a educação pré-escolar que, em Portugal, é de frequência facultativa, se destina a crianças com idades compreendidas entre os três anos e os seis anos de idade, entrada na escolaridade obrigatória.

O ensino básico corresponde ao primeiro ciclo de escolaridade obrigatória, que atualmente decorre até ao décimo segundo ano e, apresenta a duração de nove anos, dos 6 aos 15 anos de idade. Encontra-se estruturado em três ciclos sequenciais, 1º ciclo do ensino básico (CEB), 2º CEB e 3ºCEB, com uma duração de 4, 2 e 3 anos, respetivamente.

O ensino secundário tem um referencial de três anos letivos e encontra-se organizado segundo formas diferenciadas, com cursos orientados quer para o prosseguimento de estudos, quer para o mundo do trabalho.

O ensino superior é estruturado ao abrigo dos princípios da Declaração de Bolonha e é ministrado em institutos politécnicos e universidades, de natureza pública, privada, cooperativa e concordatária. (Ministério da Educação, 2007)

Embora a ilustração 1 se refira a todos os ciclos de ensino, neste trabalho serão aprofundados a educação pré-escolar e o 1º CEB, uma vez que foi nestes dois ciclos que a Prática de Ensino Supervisionada (PES) incidiu, com o estudo empírico a ser realizado com duas crianças da educação pré-escolar.

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar estabelece como princípio geral que a educação Pré-Escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. (Ministério da Educação, 1997)

Com base no mesmo documento, podemos ainda enumerar os seguintes princípios gerais pedagógicos definidos para a educação Pré-Escolar:

- a. Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania;
- b. Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade;
- c. Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;
- d. Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas;
- e. Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- f. Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- g. Proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e coletiva;
- h. Proceder à deteção de inaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- i. Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade. (Ministério da Educação, 1997, p.15)

No que concerne às áreas de conteúdo, estas não devem ser analisadas em separado, devendo ser dada relevante importância à transversalidade presente no Ensino do Pré-Escolar, onde todas as áreas se ligam entre si, sendo elas:

- Área de Formação Pessoal e Social;
- Área de Expressão e Comunicação;
- Domínio das Expressões:
 - Motora;
 - Dramática;
 - Plástica;
 - Musical.
- Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita;
- Domínio da Matemática;
- Área de Conhecimento do Mundo.

As OCEPE, constituem assim o documento referência para o ensino. A sua reorganização, acontece na sequência das aprendizagens para facilitar a continuidade entre a educação Pré-Escolar e o ensino do 1º Ciclo, sendo necessário definir aprendizagens, de modo a serem abordadas de forma global e integrada.

Por sua vez, o Ensino Básico, que representa o início da escolaridade obrigatória, divide-se em três ciclos, 1º ciclo, 2º ciclo e 3º ciclo.

O 1º ciclo proporciona, aos alunos que não frequentaram a Educação Pré-Escolar, o primeiro contacto com um modelo de educação formal, constituindo uma etapa determinante de todo o seu percurso escolar. Este ciclo privilegia um desenvolvimento integrado de atividades e áreas de saber, visa facultar aos alunos a apropriação de procedimentos e instrumentos de acesso à informação, nomeadamente a utilização das tecnologias da informação e comunicação, e de construção do conhecimento, bem como de aprendizagens significativas, essenciais ao seu crescimento pessoal e social¹.

A iniciação à aprendizagem desde o 1.º Ciclo do Ensino Básico promove um conjunto alargado de capacidades, nomeadamente, o trabalhar em equipa, a estruturação e organização de ideias, a criatividade, o espírito crítico, a resolução de problemas, o pensamento analítico e a atenção aos detalhes. É neste ciclo que os alunos tomam consciência das relações essenciais entre a linguagem falada e a linguagem escrita, através do processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

No horário semanal, o 1º ciclo deve incorporar as seguintes componentes letivas:²

- Português (mínimo de 7 horas);
- Matemática (mínimo de 7 horas);

¹ Assunto consultado em <http://pt.scribd.com/doc/25770936/Caracterizacao-Dos-Ciclos-1%C2%BA-Ciclo#scribd> (Consultado a 20 de fevereiro de 2015)

² Informação retirada de <http://www.dge.mec.pt/matriz-curricular-do-1o-ciclo> (Consultado a 20 de fevereiro de 2015)

- Estudo do Meio (Mínimo de 3 horas);
- Expressões Artísticas e Físico-Motoras (Mínimo de 3 horas);
- Apoio ao Estudo (Mínimo de 1,5 horas).

Embora seja um ciclo contínuo, divide-se em dois grandes momentos, o primeiro, composto pelos 1º e 2º anos, e o segundo momento composto pelos 3º e 4º anos de escolaridade.

2. Enquadramento Institucional

2.1 - Caracterização do meio envolvente - Cidade da Guarda e Bairro do Bonfim

As PES I e PES II, decorreram, respetivamente no Jardim de Infância da Sé e na Escola Básica do Bonfim, ambas no Bairro do Bonfim na cidade da Guarda. Como podemos observar na ilustração 2, Guarda é capital de distrito com o mesmo nome, localizada na zona da Beira Interior.



Ilustração 2 - Mapa de Portugal e do distrito da Guarda
Fonte: Própria

Como refere o excerto seguinte, a cidade da Guarda foi fundada a 27 de novembro de 1199, através do Foral atribuído por D. Sancho I. A sua fundação atendeu à necessidade de um centro administrativo de comércio, organização e defesa da fronteira da Beira contra os reinos do centro da Península Ibérica, nomeadamente o Reino de Leão e Castela de Espanha, motivo pelo qual lhe foi atribuído o nome Guarda.

Fundada por D. Sancho I, no final do século XII, foi um importante bastião de defesa do reino português. A urbe cresceu cingida por uma robusta muralha, onde se abriram as portas de ligação ao exterior. Quando a função defensiva decaiu, durante o século XIX, os muros romperam-se para se unir o centro histórico ao arrabalde, que se havia desenvolvido à sua sombra. Este arrabalde era descontínuo e encontrava-se particularmente desenvolvido no lado oriental, para onde a cidade tendia a crescer, o que veio a consolidar-se

durante a centúria seguinte. A partir de então, delineou-se uma nova geografia do espaço urbano, condicionada pela morfologia do sítio onde foi implantada a cidade, alcandorado e de difícil acesso. (Neto, 2011, p.14)

Este concelho encontra-se na província da Beira Alta e, devido à Torre de Menagem se situar a 1056 metros acima do nível do mar, é a cidade mais alta de Portugal.

Constituído, atualmente, por 43 freguesias, devido à reorganização territorial, uma destas urbanas e as restantes rurais, o concelho da Guarda destaca-se pela riqueza paisagística, histórica e patrimonial que o caracterizam.

Dos principais monumentos da cidade, destacam-se, entre outros, a Sé Catedral, a igreja da N^a S^a do Mileu, erguida na Póvoa do Mileu, edificada no século XI, o Paço Episcopal e o seminário de estilo filipino, a Porta do Sol, de El-Rei e dos Ferreiros. A cidade dispõe ainda de um museu, regional.

A cidade da Guarda é ainda conhecida pela cidade dos 5 Fs: Forte, Farta, Fria, Fiel e Formosa. A sua origem tem várias explicações sendo esta uma delas:

Forte, devido à torre do castelo, às muralhas e à posição geográfica que demonstram a sua força.

Farta, devido à riqueza do vale do Mondego, pois desde sempre estes vales a encheram do necessário à subsistência da população.

Fria, devido à proximidade geográfica com a Serra da Estrela, pois o clima tipicamente montanhoso influencia torna-a uma das cidades mais frias de Portugal, onde, alguns dias do ano, a neve cai.

Fiel, porque Álvaro Gil Cabral – que foi Alcaide-Mor do Castelo da Guarda e trisavô de Pedro Álvares Cabral – recusou entregar as chaves da cidade ao Rei de Castela durante a crise de 1383-85.

Formosa, devido à beleza natural e agreste que a envolve.³

Na cidade existe o bairro do Bonfim, local onde foi realizada a nossa PES.

O Bonfim é um espaço soalheiro, virado a Nascente e a Sul, e até aos anos quarenta, esteve afastado da cidade.

Além das habitações de iniciativa particular, algumas das quais são exemplares do que de melhor se construiu na Guarda, é de assinalar a construção de alguns bairros económicos, com os quais foi construída a Escola Primária do Bonfim. Pouco depois, surgiram as casas da descida de Alfarazes, construídas por subscrição ou doação. Em 1953, junto à cerca do Seminário, começou a construção do bairro D. José Alves Matoso. Depois destes, outros

³ A informação relativa à cidade da Guarda foi recolhida do site <http://www.mun-guarda.pt/Portal/Concelho.aspx> (Consultado a 14 de agosto de 2015)

bairros/ruas foram surgindo e a capela do Senhor do Bonfim deixou de estar isolada e longe da cidade. Em suma, o Bairro do Bonfim é uma pequena manta de vários bairros.⁴

2.2 - Caracterização do meio escolar - Jardim de Infância da Sé

Como anteriormente referido, o Jardim de Infância da Sé situa-se no bairro do Bonfim e foi o local onde decorreu a PES I.

2.2.1 - Organização do espaço da instituição

O Jardim de Infância da Sé (Ilustração 3) é um estabelecimento de Educação Pré-Escolar da rede pública do Ministério da Educação, mais antigo da cidade e pertence à freguesia da Guarda.

O Jardim de Infância possui diferentes espaços, nomeadamente:

- 3 Salas de Atividades (1 em cada piso);
- 4 Instalações Sanitárias para Crianças (1 em cada sala/ 1 no refeitório);
- 1 Instalação Sanitária para Adultos;
- 1 Refeitório;
- 1 Salão Polivalente;
- 1 Copa;
- 1 Sala de Reunião de Educadores e de Atendimento aos Pais;
- 1 Sala de Receção de Crianças;
- 3 Espaços com cabides/ Corredores / 2 Arrecadações;
- Espaço exterior recentemente remodelado e equipado (com 3 desníveis que formam patamares).



Ilustração 3 - Jardim de Infância da Sé
Fonte: Própria

Os espaços físicos são utilizados de acordo com a sua especificidade. Dos espaços referenciados destacam-se: **um salão polivalente** que é utilizado essencialmente para o funcionamento da Componente de Apoio à Família (CAF), no entanto, podem também ser utilizado para atividades de expressão motora, reuniões de pais, festas e outras atividades que envolvam a comunidade educativa; **três salas de atividades** que se destinam exclusivamente ao

⁴ A informação relativa à cidade da Guarda foi recolhida do site <http://www.mun-guarda.pt/Portal/concelho.aspx> (Consultado a 14 de agosto de 2015)

funcionamento da componente letiva; **um refeitório** que é utilizado para o lanche a meio da manhã, almoço e lanche da tarde em que as crianças são acompanhadas pelas respetivas Auxiliares de Ação Educativa. O refeitório pode ainda ser utilizado para atividades de culinária com as crianças.

Para além destas estruturas o Jardim de Infância possui também um sistema de aquecimento que permite aquecer as instalações ao longo do Inverno. Possui uma boa iluminação natural e todo o interior foi repintado com cores claras.

Nesta instituição o acolhimento das crianças é feito no salão por uma Animadora a partir das 8h e uma Auxiliar das 8h 15m às 9h. A partir das 9h é feito pelas Educadoras e Auxiliares nas respetivas salas, existindo uma auxiliar por cada sala.

A entrega das crianças é feita pelas Animadoras a partir das 16h, antes dessa hora são as Auxiliares de Ação Educativa que se responsabilizam pela entrega das crianças aos familiares.

No período da componente letiva, dentro do recinto escolar e em situações de saída do estabelecimento devidamente autorizadas pelos pais, o atendimento às crianças é da responsabilidade das Educadoras e Auxiliares responsáveis.

Nas saídas pontuais e nas previstas no Plano Anual de Atividades as crianças são acompanhadas pelas respetivas Educadoras e Auxiliares e Animadoras, mediante autorização prévia dos Pais.

Relativamente aos materiais existentes no Jardim de Infância, estes encontram-se inventariados e distribuídos pelos diferentes espaços de acordo com a sua especificidade. No entanto, os materiais podem ser mobilizados entre esses espaços consoante a exigência das atividades a desenvolver. Compete a toda a equipa zelar pela conservação e manutenção quer do edifício quer do mobiliário, equipamento e materiais, e inculcar esse zelo nas crianças.

2.2.2 - Organização do tempo

Ao longo das sessões de PES I, foi possível observar que as crianças têm algumas rotinas que são praticadas todos os dias, tendo estas elevada relevância no seu dia a dia, uma vez que é através da repetição que as crianças adquirem hábitos e conhecimento.

Segundo Proença (2004 citado por Rocha, 2013, p.12) *a rotina estruturante é como uma âncora do dia-a-dia, capaz de estruturar o quotidiano por representar para a criança e para os educadores uma fonte de segurança e de previsão do que vai acontecer.*

Como observámos, as rotinas do dia a dia tornam mais fácil a aprendizagem e criam situações que ocorrem ao longo dos dias, como por exemplo: o acolhimento, a higiene, as refeições e a sesta.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997, p.40), *a sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador (...) conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão*. Desta forma, podemos ver que as rotinas são importantes para as crianças, pois elas organizam o seu pensamento e já sabem quais são algumas das atividades que têm de fazer.

A rotina é assim organizada em diferentes momentos que se repetem diariamente, como a seguir se explicita.

O momento de acolhimento que acontece no período da manhã organiza-se, em regra, do seguinte modo:

- **O acolhimento das crianças** pelas animadoras e auxiliares de ação educativa. Geralmente ocorre antes das nove horas e as crianças são acolhidas na CAF;
- **Os jogos de mesa** são realizados quando as auxiliares levam as crianças para a sala de atividades e, enquanto se espera pelas restantes crianças, podendo cada criança escolher o seu jogo. Com a realização destes jogos pretende-se o desenvolvimento do raciocínio, da memorização e do pensamento lógico;
- **A eleição do chefe e marcação das presenças** ocorre normalmente a seguir aos jogos de mesa e antes do lanche da manhã, podendo esta atividade ser alterada, se existirem atividades exteriores agendadas para o dia;
- **Os momentos de higiene** surgem por voltas das dez horas, antes do lanche do meio da manhã, e antes e depois do período de almoço. Consiste na ida à casa de banho e na lavagem das mãos, sempre supervisionada por um adulto. A higiene oral é realizada após o almoço.
- **O lanche da manhã** acontece a meio da manhã, sendo em regra distribuídas bolachas ou fruta e um leite achocolatado, pois é muito importante que as crianças comam alguma coisa, para que não sintam fome até ao almoço e consigam realizar as atividades corretamente.
- **O almoço** ocorre no refeitório por volta do meio-dia, sendo as crianças acompanhadas pelos educadores e pelos estagiários, caso existam e são, posteriormente acompanhados pelas auxiliares e animadoras que ajudam algumas crianças que ainda têm alguma dificuldade no manusear dos talheres.

O momento das refeições promove igualmente o desenvolvimento da autonomia (quando comem sozinhos), mas também estimula a socialização. As refeições do ponto de vista de socialização, também servem para criar uma maior autonomia.

- **O momento da sesta** acontece no salão, sendo este escurecido, transformando-se desta forma, num ambiente de silêncio e tranquilidade, permitindo um momento de descanso para as crianças.

Desta forma as rotinas são muito importantes para as crianças do pré-escolar. No entanto estas não devem ser rígidas, embora devam seguir sempre a mesma estrutura.

A flexibilidade é necessária em qualquer rotina. (Spodek e Saracho, 1994, citado por Domingues, 2012, p.13). Este autor defende que as rotinas se devem adaptar às necessidades das crianças ou educadores, quando necessário e quando bem estabelecida, gera organização, confiança e segurança nas crianças.

2.2.3 - Caracterização da sala de atividades

A sala de atividades onde decorreu a nossa PES I encontra-se organizada por diferentes áreas que se encontram claramente delimitadas, facilitando o reconhecimento sem dificuldades por parte da criança. Estas áreas, favorecem a autonomia das crianças e obedecem às condições de segurança necessárias, apresentando boa visibilidade para todos os espaços, permitindo à educadora e à auxiliar terem permanente contacto visual com todas as crianças.

A sala está constituída por 7 áreas, nomeadamente a área da conversa/leitura, a área da tenda, a área do computador, a mesa de atividades, a área da pista e legos, a área da casinha das bonecas e a área dos animais.

Estas áreas são todas escolhidas ao gosto das crianças nos tempos livres, uma vez que cada criança marca no quadro ‘Espaços de brincar’ o local para onde quer ir.

É necessário despertar o interesse das crianças para que passem por todos os espaços, cabendo ao educador estar atento ao quadro e estimular as crianças para que escolham diferentes áreas em vez de optarem sempre pela mesma.

Com o grupo de crianças onde foi desenvolvida a PES I esse facto não se verifica, uma vez que as crianças alternam entre os espaços com alguma regularidade. Um fator que influencia esse facto é a limitação do número de crianças em cada área.

De seguida, explicitam-se de forma mais pormenorizada, cada área.

Mesa de atividades: é aqui que as crianças começam o dia a fazer jogos de mesa que estimulam e desenvolvem o pensamento e o raciocínio lógico-dedutivo. É constituído por três

mesas, onde cada criança tem o seu lugar marcado pela sua inicial e é o local onde, para além dos jogos de mesa, se desenvolvem também as atividades de expressão plástica.



Ilustração 4 - Crianças a realizarem uma atividade de expressão plástica.
Fonte: Própria.

Área da conversa/leitura: é nesta área que se encontram as almofadas e é aqui que se desenrolam as conversas sobre o fim-de-semana, se contam as histórias, se marcam as presenças e se faz a eleição do chefe do dia. É também nesta área que se encontra o quadro ‘Espaços de brincar’, o quadro onde se marcam as presenças, o quadro onde se regista o comportamento e as tarefas que o chefe deve desempenhar.



Ilustração 5 -Quadro 'espaços de brincar', Tarefas do chefe e marcação de presenças.
Fonte: Própria.

Área da tenda: esta área é constituída por uma tenda, como se pode verificar na ilustração 6, que complementa a área da casinha, onde as crianças podem fazer vários jogos do faz de conta.



Ilustração 6 - Tenda
Fonte: Própria.

Área do computador: onde se encontra o computador e ao qual as crianças recorrem para fazer jogos adequados à faixa etária em que se encontram.



Ilustração 7 - Área do computador.
Fonte: Própria.

Área da casinha das bonecas: é a área onde as crianças dão asas à imaginação, ao faz de conta e ao jogo simbólico. É frequente ver, nesta área, as crianças a imitarem os adultos que lhes servem de referência, nomeadamente os pais.



Ilustração 8 - Casinhas das bonecas.
Fonte: Própria.

Área da pista: área onde se encontra o tapete que serve de pista, os legos, os materiais de construção e os carrinhos.



Ilustração 9 - Área da pista
Fonte: Própria

Área dos animais: zona onde as crianças podem brincar no chão com vários animais e materiais de construção como legos e outros jogos de encaixe de peças.

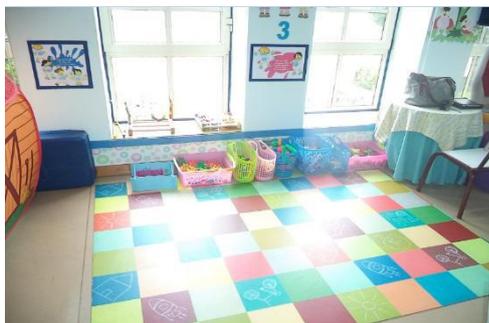


Ilustração 10 - Área dos animais.
Fonte: Própria.

2.2.4 - Caracterização socioeconómica e psicopedagógica do grupo

O grupo do Jardim de Infância onde decorreu a PES I, é constituído por onze crianças, cinco meninas e seis meninos, com três anos de idade concluídos até dezembro de 2013, mas com diferenças notórias na idade, uma vez que duas crianças só completam os três anos em novembro e dezembro, uma criança faz os quatro anos em janeiro e outras duas em março, o que representa quase um ano de diferença. Dessas onze crianças, quatro frequentaram a mesma creche “O Castelo”, duas frequentaram outras creches, nomeadamente o “Lactário Dr. Proença de Carvalho” e o “Centro de Assistência Social”, uma não frequentou creche, tendo estado com os avós até entrar para o Jardim de Infância.

É necessário também fazer referência ao facto de quatro crianças já terem integrado o grupo no decorrer do 3º período, sendo que um menino começou a integrar o grupo na semana seguinte à Páscoa, tendo vindo transferido de Idanha-a-Nova por motivos profissionais dos pais, dois meninos irmãos integraram o grupo já no mês de abril, transferidos da então designada Fundação Augusto César Ferreira Gil e por fim, uma menina de etnia cigana, proveniente de Seia, que integrou o grupo apenas no dia 9 de junho.

Duas crianças pertencem a famílias numerosas, com mais três irmãos (fruto de dois casamentos), cinco crianças têm mais um irmão, dos quais quatro são mais velhos e um é mais novo, e duas meninas e um menino são filhos únicos.

As famílias das crianças pertencem a um nível socioeconómico médio/elevado, em que ambos os progenitores exercem uma atividade profissional, exceto a família da criança de etnia cigana. As crianças residem na cidade da Guarda, à exceção de uma que alterna a residência da Guarda (avós) com a de Trancoso (pais). Apesar desta situação nota-se que há um investimento

das famílias na educação e bem-estar na maioria destas crianças, o que se traduz, por exemplo, no facto de todas as crianças frequentarem as atividades extracurriculares que o Jardim de Infância dinamiza, nomeadamente Educação Musical e Natação, que obrigam a um pagamento adicional.

As crianças revelam um desenvolvimento normal para a sua faixa etária não existindo diferença entre as crianças que frequentaram a creche e a criança que foi criada pelos avós, que, pelo contrário, possui um desenvolvimento e um comportamento mais adequados.

Piaget (1973) dividiu o desenvolvimento humano em quatro estádios: o estágio sensório-motor que compreende os dois primeiros anos de vida, o estágio pré-operatório que vai dos dois aos sete anos de idade, o estágio das operações concretas que vai dos sete aos doze anos de idade e por fim, o estágio das operações formais do doze aos quinze/dezasseis anos de idade.

Cada estágio é definido por diferentes formas do pensamento e comportamento. A criança deve atravessar cada estágio segundo uma sequência regular, ou seja, os estádios de desenvolvimento cognitivo são sequenciais. Se a criança não for estimulada/motivada na devida altura não conseguirá superar o atraso do seu desenvolvimento. Assim, torna-se necessário que, em cada estágio, a criança experiencie e tenha tempo suficiente para interiorizar a experiência antes de prosseguir para o estágio seguinte.

O nosso grupo de crianças encontra-se no estágio pré-operatório. É nesta fase que surge, na criança, a capacidade de substituir um objeto ou acontecimento por uma representação. Esta substituição é possível graças à função simbólica. A criança já não depende unicamente das suas sensações, dos seus movimentos, distinguindo uma imagem, palavra ou símbolo daquilo que ele significa. Este estágio é também muito conhecido como o estágio da **Inteligência Simbólica**, dividindo-se em duas etapas (Piaget, 1973):

- **Pensamento pré-concetual**, que corresponde a imagens mentais sem conceitos, e que ocorre entre os dois e os quatro anos de idade, em que o pensamento é dominado pela imaginação e pela fantasia.

- **Pensamento intuitivo**, centrado na perceção e não na imaginação, logo é menos egocêntrico, mas pouco flexível, preso aos acontecimentos particulares, às impressões sensíveis, correspondendo à faixa etária entre os quatro e os sete anos.

Contudo, a atividade sensório-motora não está esquecida, mas refinada e mais sofisticada, pois verifica-se que ocorre uma crescente melhoria na sua aprendizagem, permitindo que a criança explore melhor o ambiente, fazendo uso de mais movimentos e perceções intuitivas.

Se uma criança de três anos resolve determinado problema suscitado pelo meio, que não conseguia aos dois anos, é porque possui, a partir de agora uma determinada estrutura mental diferente da anterior e, de certo modo, superior, porque lhe permite resolver novos problemas e ajustar-se às situações.

Piaget (1973), considerou a irreversibilidade uma das características mais presentes no pensamento da criança que se encontra no estágio pré-operatório. Este estágio é fundamental pois a criança aprende de forma rápida e flexível, inicia-se o pensamento simbólico, no qual as ideias dão lugar à experiência concreta. As crianças conseguem já partilhar socialmente as aprendizagens fruto do desenvolvimento e da sua comunicação. Contudo, a criança é, ainda egocêntrica, centrada em si mesma, e não se consegue colocar no lugar do outro, não aceita a ideia do acaso e tudo deve ter uma explicação, já pode agir por simulação, possui uma percepção global das coisas sem discriminar detalhes e deixa-se levar pela aparência sem relacionar factos.

O recurso ao jogo simbólico é uma das características de representações de egocentrismo. O egocentrismo de pensamento infantil aparece assim no jogo simbólico, através de uma assimilação deformada da realidade ao eu. A criança necessita de se adaptar, constantemente, ao mundo dos adultos e ao meio físico embora não os compreenda (Costa, 2010, p.18).

Segundo a mesma autora, o jogo simbólico é, assim, um meio que a criança cria para colmatar essas necessidades e, deste modo, atingir o equilíbrio afetivo e intelectual. Como a própria designação “simbólico” indica, podemos considerar que a criança, nesta fase, interpreta o papel de personagens reais ou mesmo fictícias através do faz de conta. Na realidade as crianças não são capazes de se colocar no lugar das outras, logo este comportamento gera a dificuldade em partilhar.

O jogo simbólico consiste numa atividade real essencialmente egocêntrica e a sua função caracteriza-se em responder ao eu por meio de uma transformação do real em função de sua própria satisfação. Desta forma, o jogo simbólico não é um esforço de submissão do sujeito ao real, mas, ao contrário, uma assimilação deformada da realidade do eu. (Piaget, 1971, cit. por Costa, 2010 p. 29)

Ao longo da prática de ensino supervisionado, pudemos observar que as crianças, nas suas atividades lúdicas, brincam de forma livre, natural e espontânea, considerando-se estes momentos uma forma de socialização. Estas relações sociais levam, por vezes, a uma discórdia que resulta em pequenos conflitos, uma vez que as crianças se mostram inflexíveis às vontades dos colegas.

Nesta idade e com base no grupo que acompanhamos ao longo da nossa PES I, podemos concluir que as crianças aprendem essencialmente através de comportamentos de imitação, o que torna o educador e os pais como um modelo.

Vygotsky (1998 cit. por Godoi, 2012) descreveu a zona de desenvolvimento proximal como a área onde estão os conhecimentos e habilidades que o indivíduo é potencialmente capacitado para realizar. O autor descreveu dois conceitos: o primeiro refere-se à zona de desenvolvimento real, àquilo que se pode realizar sozinho, ou seja, habilidades que já internalizámos; o segundo, a zona de desenvolvimento potencial, corresponde a habilidades potenciais que permitem ao indivíduo realizar ações em colaboração, com ajuda de pessoas mais experientes. À medida que se internalizam conceitos e experiências novas, o sujeito transita da zona de desenvolvimento potencial para a zona de desenvolvimento real, esse processo perdura durante todo o desenvolvimento humano.

Assim, segundo o autor, *a Zona de Desenvolvimento Proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas com a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.* (Vygotsky 1998, cit por Godoi, 2012, p. 112).

A compreensão do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, requer considerar o papel da imitação no processo de aprendizagem, o que permite um maior desenvolvimento do intelecto através da internalização de formas mais inteligentes e avançadas de resolver determinado problema.

Assim, pode notar-se claramente a relação entre a imitação e a zona de desenvolvimento proximal, já que ao imitar alguém mais experiente é possível criar condições para a resolução de um problema de forma independente.

No que concerne à linguagem, o grupo apresenta-se bem desenvolvido para a faixa etária em que se encontra, no entanto, duas crianças de três anos ainda apresentam alguma dificuldade, nomeadamente ao nível da dicção. As crianças possuem o vocabulário característico da sua idade, construindo frases de modo correto. No entanto, ainda mostram dificuldades em pronunciar algumas palavras, o que nos levou, ao longo do tempo em que estivemos com elas, a incidir em atividades individuais ao nível da linguagem e do seu desenvolvimento, recorrendo a histórias que a criança teria de recontar e a descrições de imagens.

Como refere Antunes (2013) em termos de desenvolvimento da linguagem, pudemos observar que, primeiramente, a criança faz uma aquisição de forma espontânea, sendo o aparecimento e o desenvolvimento da fala e da linguagem um fenómeno natural que ocorre de forma quase automática e inconsciente. Aqui surge o uso de princípios e regras que regulam o uso da língua.

Gradualmente as manifestações linguísticas vão-se tonando cada vez mais complexas, sendo uma forma da criança expressar o seu conhecimento, tornando-o explícito, o que lhe permite identificar e nomear as unidades da língua como fonemas, sílabas, morfemas, palavras e frases (Cardoso, 2011, cit por Antunes, 2013).

De acordo com Duarte (2008), esta transformação não surge de forma abrupta, uma vez que existe um estágio intermédio entre o conhecimento intuitivo da língua e o conhecimento explícito, no qual somos dotados da capacidade de distanciamento, reflexão e sistematização. A consciência metalinguística evolui à medida que a criança cresce linguisticamente, sendo o resultado da atenção consciente dada a uma língua e da sua capacidade de manipulá-la intencionalmente.

Muitos estudos mostram que o conhecimento fonológico surge de forma natural e se desenvolve gradualmente. É assim influenciado pela idade, pela capacidade metacognitiva, pelo nível de escolaridade, pela proximidade com conteúdos escritos, pela sua linguagem oral e do tipo de tarefa executada. No que concerne ao sexo, os estudos mostram que este não interfere no desempenho fonológico, sendo semelhantes em crianças do sexo feminino e do sexo masculino (Antunes, 2013).

2.3 - Caracterização do meio escolar - Escola Básica do Bonfim

A Escola Básica do Bonfim, situa-se no bairro com o mesmo nome, no centro da cidade da Guarda. Pertence à rede de escolas públicas e integra o Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque.

2.3.1 - Organização do espaço da instituição - Escola Básica do Bonfim

Na perspetiva de Ribeiro (2004), o espaço escolar deve compor-se como todo coerente, pois é nele e a partir dele que se desenvolve a prática pedagógica, constituindo assim um espaço de possibilidades ou de limites. Tanto o ato de ensinar como o de aprender exigem condições propícias ao bem-estar docente e discente. O espaço material é um pano de fundo onde as sensações se revelam e produzem marcas profundas que permanecem mesmo quando se deixa de ser criança.

A Escola Básica do Bonfim⁵ começou a ser construída em 1941, na rua Santos Lucas. A sua construção demorou três anos e abriu em 1944.

Foi profundamente remodelada em 2002/2003, ano em que a escola funcionou nas salas de apoio das bancadas do Estádio Municipal, possui dois pisos, cada um com duas salas de aula funcionando os 1º e 2º anos de escolaridade no 1º piso e os 3º e 4º anos no 2º piso.



Ilustração 11 - Escola Básica do Bonfim
Fonte: Web

A escola é constituída pelos seguintes espaços:

- 2 salas de aulas no 1º piso;
- 2 salas de aulas no 2º piso;
- 1 sala no 1º piso, ocupada pela Biblioteca Escolar Adriano Vasco Rodrigues;
- 1 salão que serve as aulas de Expressão Físico-Motora e de recreio em dias de chuva;
- 1 sala para as Auxiliares de Ação Educativa;
- 1 reprografia junto à biblioteca;
- 1 casa de banho para rapazes;
- 1 casa de banho para raparigas;
- 1 casa de banho para deficientes motores;
- 3 divisões no sótão, ocupadas pela sala de informática e também de apoio educativo, pela sala dos professores, por uma arrecadação e por uma casa de banho para adultos;
- 2 arrecadações, no exterior;
- 1 sala onde se encontra o sistema de aquecimento;
- 1 minicampo polivalente para desportos coletivos;
- 1 recreio cimentado, no exterior.

A Escola encontra-se ainda equipada com:

- Retroprojektor;
- Videoprojektor;

⁵ Ilustração 12, da Escola Básica do Bonfim, retirada de https://www.google.pt/search?q=escola+b%C3%A1sica+do+bonfim+guarda&biw=1517&bih=741&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiktPul1v_MAhVDHxoKHW9GCD0Q_AUIBigB&dpr=0.9#tbm=isch&q=nova+escola+b%C3%A1sica+do+bonfim+guarda&imgc=EM_37z0wk_tI6M%3A (consultado a 29 de maio de 2016)

- Computadores com e sem Internet;
- Manuais escolares;
- Material de desporto diversificado;
- Material didático diverso.

O salão é utilizado para atividades orientadas e programadas para uma turma ou toda a escola. Serve também como logradouro em dias de frio intenso ou chuva. A sua utilização como espaço de aulas obedece a uma distribuição de horários pelas quatro turmas, para evitar sobreposições.

A biblioteca cumpre um regulamento próprio e pode servir para sala de leitura. Deve funcionar com uma turma ou parte dela, obedecendo, igualmente, a um calendário e horário por turnos.

O espaço exterior deve ser utilizado para os intervalos e para atividades desportivas ou de Expressão e Educação Físico-Motora.

Podemos considerar que o espaço escolar, onde a criança passa grande parte do seu dia, é muito importante para o sucesso de cada uma, contribuindo assim positivamente para este processo, um ambiente calmo e organizado, tal como se pode observar na escola em questão, que se apresenta muito bem equipada.

Tal como pudemos observar no Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque (p.28), cabe à escola criar as condições para que o aluno possa desenvolver as suas capacidades de forma autónoma, reflexiva e crítica, promovendo um ensino mais ativo, em que o aluno é o agente e ator principal e o professor é a ponte entre o que o aluno sabe e aquilo que pode vir a saber.

O horário de funcionamento da escola, era no momento da realização da PES II, o seguinte:

Horário da instituição

Manhã: 8h30m - 12h30m

Tarde: 13h30m - 18h00

Horário das Atividades Letivas

Manhã: 9h00 - 12h15m

Tarde: 14h00 - 16h15m

Intervalos

Manhã: 10h30m - 10h45m

Tarde: 15h00 - 15h15m

Os docentes titulares de turma desta escola, eram no momento da realização da PES II, os seguintes:

Turma	Ano	Titular de Turma
A11	1º ano	José Domingos Antunes Neto
B12	2º ano	Maria Gabriela Rasteiro Graça
C13	3º ano	Maria Isabel Leitão Saraiva Almeida
D14	4º ano	Ana Margarida Dias Lopes Cardoso

Tabela 1 - Docentes titulares de turma

Fonte: Própria

2.3.2 - Caracterização da sala de aula

Hoje em dia, as exigências do ensino implicam que os alunos passem grande parte do seu dia dentro da sala de aula. É neste espaço que aprendem a ler e a escrever, que refletem, escutam e interagem com os seus colegas e professores.

Este facto, obriga a melhorar o espaço "escola" e a adaptá-lo às turmas que lá têm aulas, é necessário transformar a sala de aula num ambiente confortável e propício à aprendizagem.

O espaço físico da sala de aula possui elementos que, conforme a sua organização, constituem um determinado ambiente de aprendizagem que irá, conseqüentemente, condicionar a dinâmica de trabalho e as aprendizagens que aí se poderão efetuar. Ele deverá estar organizado tendo em vista a atividade a ser desenvolvida, pois constitui o elemento que condiciona mais claramente a estrutura do espaço (Forneiro, 2008 citado por Reis, 2012).

Planificar e gerir os espaços, de um modo coerente com os nossos modelos metodológicos, reveste-se de uma grande importância dado que o ambiente se revela como um poderoso fator facilitador ou inibidor da aprendizagem (Zabalza, 2001).

A disposição dos materiais como as mesas deve ser explorada e planeada estrategicamente pelo professor de forma a obter do espaço da sala o melhor proveito de forma a facilitar a aprendizagem, o diálogo e a comunicação entre os alunos e o professor.

A sala de aula da turma C13 localiza-se no 2º piso do edifício escolar e apresenta-se como uma sala grande e espaçosa, de forma retangular. Possui ainda uma boa circulação de ar e uma ótima iluminação natural, devido às três janelas grandes existentes que deixam passar uma agradável claridade, contendo persianas muito claras para evitar o excesso de claridade, quando necessário.

No entanto, este facto revela-se um inconveniente na visibilidade para o quadro, nomeadamente quando se pretende recorrer a estratégias com projeção de imagens, histórias ou PowerPoint, devido ao reflexo.

Como podemos ver na planta da sala (ilustração 12), esta é constituída por vinte e seis cadeiras, dezasseis mesas no total sendo onze dos alunos, uma da professora, uma do computador, uma mais pequena que serve as funções de biblioteca da sala onde os alunos trocam os livros que leem quando terminam as atividades, uma para as estagiárias, e uma ainda de apoio ao fundo da sala, dois quadros magnéticos, um quadro interativo, dois quadros de cortiça, três aquecedores, três armários de arrumos e dois lavatórios.



Ilustração 12 - Planta da sala de aula.
Fonte: Própria

Ilustração 13 - Legenda
Fonte: Própria

A sala de aula está bem equipada quer a nível de materiais didáticos como livros e material manipulável, quer a nível de materiais informáticos e tecnológicos, com um computador, uma impressora, duas colunas, um projetor e um quadro interativo. Apresenta um ambiente confortável e convidativo, tendo a professora de ter o cuidado de a manter colorida para que os alunos se sintam bem, sendo ela também, que em colaboração com os alunos, criou as regras da sala de aula a seguir apresentadas:

- Quando quiserem falar, colocam a mão no ar;
- Só falam com autorização da professora;
- Não se levantam do lugar sem autorização da professora;
- Não podem correr nos corredores, nas escadas e no salão;
- Não podem estragar o material existente na escola;

- Devem trazer todo o material pedido no início do ano;
- Não podem dizer palavrões nem magoar os colegas;
- Devem respeitar todos os colegas, professores e auxiliares

Existe também um mapa do comportamento onde, todos os dias, é registado o comportamento dos alunos: bolinha verde para o bom e vermelha para o mau.

2.3.3 - Caracterização socioeconómica e psicopedagógica dos alunos

Com o passar dos tempos, o aluno tem sido, cada vez mais, colocado no centro de todo o processo de aprendizagem. Por outro lado, observamos cada vez mais que as turmas são heterogéneas, possuindo os alunos características bastante dispares.

O professor tem o papel preponderante de conhecer bem os seus alunos para poder escolher os métodos que melhor se adequam ao grupo que possui devendo adaptar os seus métodos aos seus alunos.

Corroborando esta ideia, Pérez Gómez (2000, cit. por Barbosa, 2011) defende que a escola é um ambiente de aprendizagem, onde há grande pluralidade cultural e, que direciona a construção de significados entre o aluno e o professor. A construção desses significados compartilhados enfatiza uma necessidade de mudança na escola, por meio da reflexão. A mesma necessita da individualidade e da coletividade ao mesmo tempo, a qual envolve diversos aspetos da escola, nomeadamente: as relações entre o ensinar e o aprender com diversas trocas de informações, a interação de indivíduos que participam da cultura escolar, além dos processos curriculares, pedagógicos e administrativos haverá o compartilhamento de informações e interação da cultura escolar.

Assim, a turma C13, onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionado II é um grupo heterogéneo constituído por vinte alunos, dos quais nove são do sexo masculino e onze do sexo feminino.

A turma é, assim, equilibrada quanto ao número de rapazes e raparigas que a constitui, uma vez que o facto de existirem mais duas raparigas não é significativo num universo de vinte alunos, permitindo à professora a possibilidade de poder colocar na sala de aula um rapaz ao lado de uma rapariga.

Os alunos residem todos na cidade da Guarda e como podemos observar pelo gráfico 1, cinco vivem com os pais, onze vivem com os pais e irmãos, dois vivem só com a mãe, um

vive com a mãe e o avô, sendo que a mãe é mãe solteira e a aluna foi adotada, e um aluno vive só com a avó.

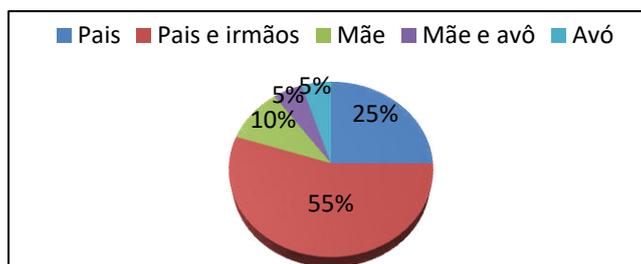


Gráfico 1 - Com quem vivem os alunos
Fonte: Própria

Dos vinte alunos desta turma, sete são filhos únicos, dez têm um irmão(ã) e três têm dois irmãos, variando nas idades (gráfico 2). Os agregados familiares mostram-se pouco numerosos com apenas três casos do agregado familiar ultrapassar os 4 elementos.

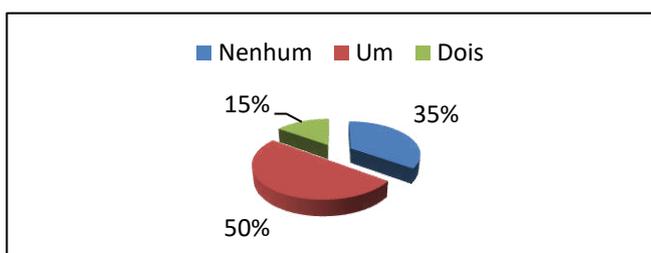


Gráfico 2 - Número de irmão dos alunos
Fonte: Própria

Uma vez que residem todos na cidade da Guarda, o tempo de deslocação casa-escola varia entre os dois e quinze minutos, visto que a maior parte, embora resida na cidade da Guarda, é proveniente de outros bairros mais distantes.

Os alunos deslocam-se maioritariamente de carro, viatura própria dos pais, no entanto, três deslocam-se a pé dada a proximidade da residência à escola e apenas um se desloca de autocarro.

Nesta turma, todos os alunos frequentaram o Jardim-de-Infância pelo menos dois anos, havendo o caso de muitos alunos já virem juntos dessa instituição.

O ambiente familiar em que se processa a aprendizagem é criado, segundo a definição de Harry (1992 cit. por Reis, 2008), através das interações complexas que se estabelecem entre as crianças e os adultos e é influenciado tanto pelo passado destes, como pelas condições socioculturais e sociopolíticas existentes para além da própria família.

No que concerne às habilitações literárias dos pais, dado que, por norma se reflete na educação dos alunos uma vez que os alunos com resultados menos satisfatórios são os que

provém de agregados familiares menos qualificados, embora o contrário também possa acontecer.

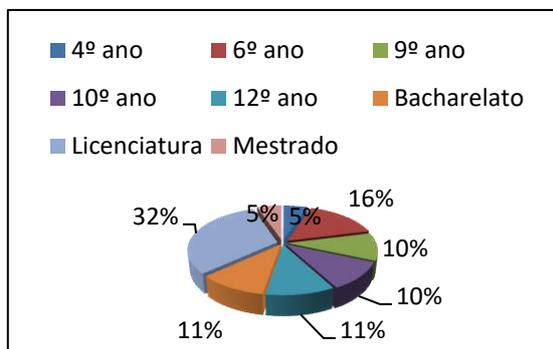


Gráfico 4 - Habilitações literárias do pai
Fonte: Própria

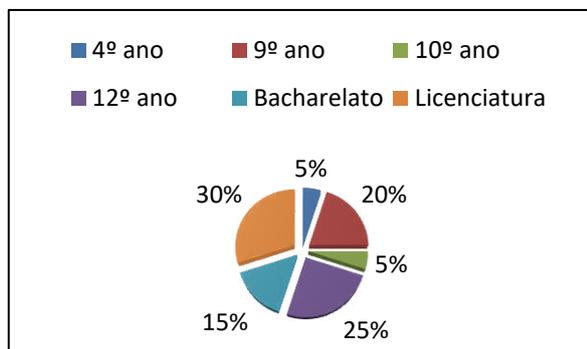


Gráfico 3 - Habilitações literárias da mãe
Fonte: Própria

Constatou-se (gráfico 4) que seis mães têm o grau de licenciatura, cinco concluíram os estudos até ao 12º ano, quatro possuem o 9º ano de escolaridade, uma possui o 10º ano de escolaridade, três possuem grau de bacharelato e apenas uma possui apenas o 4º ano de escolaridade.

No que concerne aos pais (gráfico 3), igualmente seis apresentam licenciatura, um apresenta mestrado, dois possuem nível de bacharelato, dois terminaram os estudos no 12º ano, dois no 10º ano, dois no 9º ano, três estudaram até ao 6º ano e um apresenta apenas o 4º ano de escolaridade.

Foi ainda possível constatar que um pai e cinco mães se encontram desempregados.

Em relação aos hábitos de estudo em casa, realização de trabalhos de casa e preparação para fichas de avaliação, as opções oscilam entre o pai, a mãe, o pai e a mãe, os irmãos, avós.

No que concerne às ocupações de tempos livres, a atividades lúdicas variam entre ver televisão e ler, passando por jogar computador e brincar na rua ou dentro de casa.

Atualmente, assistimos a uma geração de crianças, que serão os adultos de amanhã, cada vez mais dominada pelas tecnologias e pelos meios audiovisuais.

É comum ver em qualquer local público, seja ele um café, restaurante, hotéis ou até mesmo no recreio de uma escola, as crianças constantemente agarradas a tablets, telemóveis, computadores e tantos outros aparelhos semelhantes.

Tal como podemos observar, são raros os casos dos alunos que brincam na rua, apenas nove afirmaram fazê-lo enquanto que ver televisão e jogar computador é assumido pela maioria.

Os alunos apresentam-se todos na faixa etária dos oito anos e o que caracteriza essencialmente este período é o facto da criança já possuir a noção de reversibilidade, isto é, já consegue operar mas somente se estiver na presença dos objetos sobre os quais irá recair a operação (Piaget 1973). O mesmo autor defende que a partir dos seis/sete anos, idade que coincide com o início da escolaridade básica. A criança já dispõe de estruturas operatórias que lhe permitiram seriar, classificar e numerar. A classificação exige o agrupamento por classes. A classificação é um sistema de operações que implica uma relação de semelhanças e diferenças. A criança, é agora capaz de agrupar diversos objetos pela sua cor, pelo seu tamanho e pela sua forma. A seriação consiste na ordenação de elementos segundo uma qualidade que varia. Trata-se de uma relação sobre assimetrias. A criança já é capaz de pôr por uma ordem um conjunto de bonecas de vários tamanhos e fazer-lhes corresponder as suas sombrinhas que também variam de tamanho (Piaget,1973).

Na relação com os outros, a criança deste nível etário tem tendência para simpatizar com as pessoas que têm os mesmos interesses que os seus, e que a valorizam. A simpatia supõe uma escala comum de valores, que está na origem da troca, enquanto que a antipatia deriva da ausência de gostos comuns e de um certo sentimento de desvalorização.

A socialização, neste estágio, caracteriza-se pela criança já ser capaz de cooperar. A criança discute com os seus companheiros para fazer prevalecer o seu ponto de vista. Ela já joga segundo regras e as crianças procuram controlar-se umas às outras. Agora a criança, já pensa antes de agir, porque a sua capacidade impulsiva tende a diminuir. (Piaget, 1973).

Estas características surgem associadas ao aparecimento da lógica, na medida em que esta implica um sistema de relações que exige a coordenação de diferentes pontos de vista.

Embora todos os alunos tenham a mesma idade e se encontrem no mesmo estágio de desenvolvimento, ao longo da PES II foi possível observar grandes diferenças entre os alunos, quer a nível de desenvolvimento social, quer em termos de desenvolvimento das capacidades. Destaca-se um aluno que ainda se mostra demasiado infantil em relação ao restante grupo, características que se evidenciam essencialmente na oralidade.

Capítulo II

Descrição da Prática de Ensino Supervisionada

Ao longo da PES, tanto a nível do Pré-Escolar como do 1º Ciclo do Ensino Básico, foi possível observar a importância que o Educador/Professor desempenham na formação e educação das crianças.

No que concerne à Educação Pré-Escolar, tal como refere Dias (2011) o educador surge como um elo integrador, no sentido de estimular e ajudar a criança a encontrar-se a si própria e a integrar-se na cultura e na sociedade em que vive. Cabe-lhe *promover o desenvolvimento pessoal e social da criança, fomentar a interculturalidade e o respeito pela diversidade cultural assim como contribuir para a igualdade de oportunidades*. (Lei-quadro nº 5/97 de 10 de Fevereiro).

Seguindo o raciocínio de Vasconcelos (1990, cit. por Dias, 2011) pode-se comparar um educador a um jardineiro, que cuida do crescimento das suas crianças, à imagem de uma planta ou compará-lo a um viajante, que guia a criança até à sua própria aprendizagem facultando-lhe instrumentos para explorar o caminho do conhecimento. O educador é então, um condutor de aprendizagens e fomentador de experiências enriquecedoras, que possibilitam a cada criança a absorção do conhecimento.

Como é referido nas OCEPE, *o educador deve contemplar, a organização do ambiente educativo, as áreas de conteúdo, as suas intencionalidades educativas, nomeadamente o observar, planejar, agir, avaliar, comunicar e articular*. (Ministério da Educação, 1997). Para além disso, uma das principais funções do educador, deve ser ainda, envolver as famílias e a comunidade nos projetos a desenvolver, uma vez que são os pais os principais responsáveis pela educação das crianças. Como refere Cury (1998, cit por Dias, 2011) *um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender*.

No que concerne ao 1º CEB, várias têm sido as alterações que provocaram profundas mudanças ao nível das funções da profissão docente, o que coloca os professores perante novas exigências.

Delors et al (1996, p. 69), afirma que a educação básica é em simultâneo *uma preparação para a vida e o melhor momento para aprender a aprender*. Nesta perspetiva do ato de ensinar, atribui-se ao aluno um papel ativo no processo de ensino-aprendizagem, pois, de acordo com Roldão (2005, p. 15) *a aprendizagem seja do que for é sempre construída pelo aluno*, na medida em que este não pode ser substituído no decorrer do seu processo de aprendizagem. (Abrunhosa, 2008)

Ainda de acordo com o mesmo autor, uma Sociedade Educativa é aquela que exige o máximo dos seus professores, responsabilizando-os pelos seus deveres sociais. Por outro lado, é, também, uma sociedade que nutre a sabedoria de cuidar dos seus professores, proporcionando

o seu bem-estar material e espiritual, melhorando as condições, no âmbito do exercício profissional.

Em suma, a intencionalidade do educador e do professor, na Educação Pré-Escolar e no 1º CEB respetivamente, são na maioria comuns. Ambos transmitem conhecimento, devem fomentar o desejo da criança em aprender, devem procurar formas para promover a transformação da criança e de a formar integralmente, com a interação da família e do meio (Lage, 2010).

Torna-se assim, de extrema importância, a PES I, desenvolvida ao nível da Educação Pré-Escolar e a PES II, desenvolvida ao nível do 1º CEB, para um futuro profissional nas referidas áreas de ensino, uma vez que possibilita a hipótese de conhecer o contexto de ensino prático, proporcionando desafios constantes e permitindo também, que seja aplicada a teórica à prática, através da aproximação à realidade da sala e da escola.

Através da PES (estágio), é permitido ao aluno conhecer os contextos de ensino do Pré-Escolar e do 1º ciclo, desenvolvendo competências que lhe permitam recolher, selecionar e interpretar a informação adequada, saber aplicar os conhecimentos e a capacidade de resolução de problemas em situações novas e não familiares e desenvolver atividades planificadas que visem um desempenho adequado à Prática Profissional. Ao longo da PES (I e II) são ainda fornecidas ferramentas que permitem organizar, desenvolver e avaliar o processo de ensino-aprendizagem, com base na análise das situações do dia a dia, bem como as capacidades e experiências de cada aluno e refletir sobre as Práticas Pedagógicas para melhorar a tarefa docente, tal como preconizam os objetivos desta unidade curricular do curso de mestrado em educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico.

A intervenção profissional de um educador de infância e de um professor do 1º CEB passa por diferentes fases. Antes de mais cabe-lhe observar cada criança para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem para compreender melhor as suas características. Em seguida, devem proceder ao planeamento do processo educativo de acordo com as informações recolhidas e concretizá-lo na prática.

Ao longo da PES, pudemos identificar várias fases fundamentais que foram comuns a ambos os ciclos de ensino, sendo elas a observação, a planificação, a execução ou a regência e a reflexão.

A primeira etapa foi a observação que, em ambos os ciclos, teve a duração aproximada de duas semanas, o que permitiu conhecer o grupo na Educação Pré-Escolar e a turma no 1º CEB, os comportamentos, as rotinas e os interesses de cada criança. Esta fase facilitou também o conhecimento e o respeito pela educadora estagiária (PES I) e pela professora estagiária (PES

II), por parte das crianças, e permitiu, essencialmente, optar pelos métodos mais eficazes face ao grupo que era apresentado, tendo em conta o ritmo de cada um e as diferenças notórias a nível de comportamento e aproveitamento.

Após a observação, foi possível planificar as atividades/aulas, pois como refere Martins (2012), só através da informação recolhida é que se constrói a planificação que deve envolver a criança/aluno, uma vez que, quando estas *planeiam, começam com uma intenção pessoal, um objetivo, um propósito* (Hohmann, Banet e Weikart, 2009, p. 249).

A planificação assume um papel essencial em ambos os ciclos de ensino, na medida em que leva a uma ponderação cuidadosa do educador/professor sobre as atividades que vai realizar com o grupo de crianças. Essa ponderação permite tanto ao educador como ao professor, que se interroge em função dos resultados e dos processos vivenciados. Isto pressupõe uma autocrítica, constante, para, numa permanente busca, melhorar a sua ação. Assim, o docente deve adotar estratégias de avaliação que fundamentem o desenvolvimento do currículo e o processo de ensino e de aprendizagem, tendo presente o conhecimento das áreas de conteúdo e a necessidade de se proporcionar uma grande diversidade de experiências (Educação D. R., 2008)

Ao longo do processo de planificação, tanto na PES I como na PES II, foram sempre estipulados objetivos e metas que nos propusemos atingir.

A planificação caracteriza-se pela sua flexibilidade e a qualquer momento, se necessário, pode ser alterada, sendo um método imprescindível e facilitador no processo de ensino/aprendizagem, pois o docente, através dela, consegue verificar se os conteúdos foram abordados de forma adequada.

Como instrumentos fundamentais, foram utilizadas as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar, e os programas e as metas existentes para todas as áreas de ensino propostos pelo Ministério da Educação para o 1º CEB.

Após a planificação e já na fase da regência, foi proporcionada uma aula experimental na qual foi possível pôr em prática a planificação e analisar, essencialmente os pontos menos exequíveis da mesma, permitindo ganhar confiança e segurança em frente ao grupo/turma, sempre com a supervisão da educadora cooperante na PES I e da professora cooperante na PES II.

Após a semana experimental, as regências aconteceram três dias por semana, entre segunda-feira e quarta-feira. Na PES I tiveram a duração de quinze semanas no período compreendido entre o dia vinte e quatro de fevereiro de 2014 e o dia onze de junho de 2014, tendo sido efetuadas em conjunto com a colega de PES, visto serem grupos de duas pessoas. Na

PES II, as regências foram individuais, tendo a duração de seis semanas, intercaladas com a mesma colega de PES I.

Esta fase tornou-se verdadeiramente importante na medida em que permitiu transferir os conhecimentos adquiridos na teórica para o contexto prático e permitiu, ainda, conhecer os pontos fortes e fracos dos programas e metas curriculares.

Ao colocar em prática as planificações, defrontámo-nos com a necessidade de ajustar alguns tempos previstos para as atividades por uma vez que, com o passar do tempo, foi possível observar que cada criança tem um tempo específico para realizar as tarefas que lhes são propostas

Foi fundamental tirar-se partido das situações imprevistas que ocorreram durante as atividades e conseguiu-se obter uma solução para tais situações.

É de notar que, o educador pode moldar a sua planificação, uma vez que esta deve ser sempre flexível, pelo que, assim sendo, no ato de agir não tem de cumprir rigorosamente tudo aquilo que antecipou (Martins H. , 2012).

Após ser executada a planificação, surge o momento de reflexão que assume, aqui, um importante papel na formação de um educador/professor. É nesta fase que se toma real conhecimento dos problemas e obstáculos que surgiram durante a regência, se repensam metodologias e estratégias e se idealizam soluções para posteriormente, poderem ser aplicadas no mesmo contexto ou, em contexto semelhante, tornando o futuro educador/professor num ser ativo e reflexivo acerca da sua própria prática profissional.

A autorreflexão é intuição e emancipação, compreensão e libertação de dependências dogmáticas. O dogmatismo que desfaz a razão ... é falsa consciência. O dogmático vive disperso, sujeito dependente, determinado pelos objetos, tendo concedido a si próprio tornar-se uma coisa. (Habermas (s.d) cit por Alarcão, 1996, p.1)

Assim, o processo de reflexão torna-se um momento fulcral uma vez que permite tanto ao educador como ao professor conhecer-se a si mesmo e aos seus métodos de ensino e de transmissão de conhecimento, melhorá-los e adaptá-los à realidade do grupo de crianças com quem trabalha de forma a melhorar o seu desempenho, desenvolvendo assim a capacidade de mudar, inovar e tornar-se autónomo.

De seguida será feita referência, de forma individualizada, à experiência em ambas as PES (I e II) abordando as áreas e conteúdos que foram referenciados em cada uma e as atividades desenvolvidas.

1. Experiência de Prática de Ensino Supervisionada I - Pré-Escolar

A experiência da PES I, na educação Pré-Escolar, decorreu no Jardim de Infância da Sé, com um grupo de sete crianças, com idades compreendidas entre os três e os quatro anos, como referido no capítulo I. Contou com a supervisão da docente Filomena Velho e da educadora cooperante Celeste Mendonça.

As duas primeiras semanas constituíram a fase de observação e conhecimento do grupo de crianças, da educadora cooperante, das auxiliares, dos hábitos da instituição e das rotinas das crianças. O facto do grupo ser pequeno, visto ser constituído por apenas sete crianças, permitiu conhecê-las melhor individualmente num curto espaço de tempo. Permitted também compreender sem dificuldade as suas regras e rotinas, as quais, assumem, nesta idade, um papel importante no dia a dia das crianças, tanto em família como no jardim de infância.

Para não haver muitas dissonâncias comportamentais é desejável que haja um bom entendimento entre os adultos que convivem com a criança, incluindo tantos os educadores e auxiliares, como os pais e família, no sentido de lhe proporcionar segurança, bem-estar e exemplos coerentes, sendo assim de extrema importância educar as crianças nos seus deveres e direitos.

O dia-a-dia no Jardim de Infância rege-se por uma sequência de acontecimentos que por todos é apelidado de rotina. Esta traduz o percurso diário que tem por base obrigatoriedade, por um lado, do cumprimento de determinados elementos como as necessidades básicas e, por outro, o desenvolvimento das áreas de conteúdos propostas pelas OCEPE. Para Zabalza (1998) a rotina é a repetição de atividades e ritmos na organização espaço-temporal da sala. O mesmo autor refere ainda que a rotina é importante, na medida em que constitui um marco de referência que, quando apreendido dá uma grande liberdade de movimentos, tanto às crianças como ao educador.

A Educação Pré-Escolar deve ser sobretudo o local onde as crianças despertam para outras realidades sociais e culturais, onde interagem com outras crianças e com os adultos, onde aprendem a gerir conflitos, onde realizam descobertas sobre si mesmas e os outros, onde agem, exploram e aprendem a tomar decisões. Papália (2006) considera que uma boa pré-escola é aquela que estimula o desenvolvimento em todos os domínios - físico, social, emocional e cognitivo - através da interação com professores, colegas e materiais selecionados. Oferece às crianças um ambiente fora de casa para explorar, no qual podem escolher entre atividades adaptadas aos seus interesses, às suas capacidades e aos seus estilos de aprendizagem individuais. Através do êxito nessas atividades, as crianças constroem confiança e autoestima. Uma boa pré-escola permite que as crianças aprendam fazendo, estimula os seus sentidos

utilizando arte, música e materiais táteis - argila, água e madeira, entre outros, estimula as crianças a observar, falar, criar e resolver problemas, através da narração de histórias, da arte dramática, da conversação e de atividades escritas, ajuda as crianças a prepararem-se para a alfabetização.

Os pais e educadores devem estar de acordo quanto ao modo como estabelecem regras e rotinas, conhecendo mutuamente tanto as que são aplicadas no jardim de infância como as que são aplicadas em casa, devendo estas coincidir ao máximo, para que a criança não acabe por tentar desobedecer com a justificação que no jardim de infância pode ter certas atitudes que não lhe são permitidas em casa e vice-versa. É importante que o educador e os pais procurem o diálogo com alguma regularidade no sentido de se manterem em sintonia a este nível.

Citando Sá (s/d),

o jardim de infância é útil para aprender a descobrir os sentimentos. Para aprender a imaginar e a fantasiar. Para aprender com o corpo, com a música e com a pintura. E para brincar. Uma criança que não brinque deve preocupar mais os pais do que se ela fizer uma ou outra birra, pela manhã ao chegar. (...). É uma escola de pais. E um lugar onde os educadores são educados pelas crianças. Um lugar onde todos se educam uns aos outros não é uma escola como as outras. É um jardim-de-infância.⁶

Ao fim de duas semanas, a observação e conhecimento do grupo deram lugar à planificação e, conseqüente execução das atividades, tendo sempre como referência as OCEPE, a opinião da Educadora Cooperante e os objetivos traçados pelo agrupamento.

As estratégias utilizadas procuraram ir sempre ao encontro das aprendizagens através do lúdico, tendo em consideração a vertente do aprender a fazer, que assume um peso primordial, em simultâneo com as vertentes de aprender a ser e aprender a conhecer, consideradas também relevantes no processo de avaliação do ensino e aprendizagem. (Delors, 1998)

O ato de brincar nestas idades, assume uma importante relevância uma vez que surge como forma de controlo das interações sociais da criança e um meio poderoso de aprendizagem sobre o mundo. É um dos fenómenos mais comuns e naturais da infância. Segundo Papália (2006, p.345),

brincar é o trabalho das crianças, contribuindo para todos os domínios do seu desenvolvimento. Ao brincar, as crianças estimulam os sentidos, aprendem a usar os músculos, coordenam a visão com o movimento, adquirem o domínio sobre seus corpos e novas habilidades. Por meio do faz-de-conta, experimentam papéis, enfrentam emoções desconfortáveis, adquirem compreensão dos pontos de vista das outras pessoas e constroem uma imagem do mundo social.

⁶ Citação retirada de <http://miminhosecarinhos.blogspot.pt/2009/09/so-para-pais-por-eduardo-sa.html> (Consultado a 1 de outubro de 2015)

O processo de avaliação foi direto e indireto, recorrendo à observação diária das crianças nos vários contextos ao longo do dia, aos trabalhos e atividades realizadas ao longo das seis semanas da PES I e, por fim, recorrendo à repetição da realização da ficha de avaliação diagnóstica, aplicada no início do ano letivo como forma de avaliar a evolução das crianças porque *avaliar é um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida e que incorporam, por isso mesmo a verificação da sua consecução*. (Roldão, 2003, p. 41)

De acordo com a definição anterior, podemos então considerar que a avaliação surge como um instrumento que permite ao educador aferir as aprendizagens das crianças, permitindo-lhe saber se estas foram ou não concretizadas.

A finalidade da avaliação é apoiar o processo educativo de forma a ajustar as aprendizagens das crianças e a regular os processos, de modo a recolher e a analisar informações diversas acerca das situações pedagógicas e dos principais intervenientes envolvidos, no sentido de tomar decisões que potenciem a aprendizagem e o seu desenvolvimento (Gaspar, 2010).

No final da PES I, que coincidiu com o final do ano letivo, a avaliação foi realizada em conjunto com a educadora cooperante, sendo que cada elemento do grupo realizou a avaliação individual de duas crianças, com base na realização da ficha diagnóstica que terá sido aplicada no início do mesmo e repetida no final do ano letivo. No anexo 1 é possível consultar o documento final referente à avaliação de uma das duas crianças.

No que concerne às áreas de conteúdo trabalhadas na PES I, foram abordadas as três áreas e domínios, presentes nas OCEPE, sendo elas: a área de Formação Pessoal e Social, a área de Expressão e Comunicação (domínio das Expressões Motora, Dramática, Plástica e Musical, domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, e o domínio da Matemática) e a área do Conhecimento do Mundo.

- **Área de Formação Pessoal e Social**

Esta área está presente no currículo da educação pré-escolar e assume um lugar de destaque, na medida em que é vista com uma área transversal e integradora.

Tal como é referido no documento orientador para este nível de ensino, OCEPE, a

Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, dado que todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nas crianças atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-as para a resolução dos problemas da

vida. A Educação Pré-Escolar deve favorecer a formação da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. (Ministério da Educação, 1997, p. 57)

Tal como é referido nas OCEPE, esta é uma área de educação para os valores e para a cidadania onde devem ser desenvolvidas nas crianças, princípios e competências que as acompanhem toda a sua vida.

Spencer (2013) considera que esta área se subdivide em cinco domínios, sendo eles: o da identidade e autoestima, que se relaciona com as características individuais, a confiança, as necessidades, as emoções e os sentimentos; o domínio da identidade/autonomia, que abrange o conceito de autonomia e a capacidade de agir sem a ajuda dos outros; o domínio da cooperação, que está relacionado com as relações entre as crianças; o domínio da convivência democrática/cidadania que apresenta metas que realçam a importância do respeito pela natureza, pelos outros, referindo-se também, à importância da participação na vida democrática do grupo; e, por fim, o domínio da solidariedade/respeito pelas diferenças, em que se visa o respeito pelas diferenças físicas, de capacidade, de género, de etnia, de cultura e de religião.

Sendo esta uma área transversal, esteve presente em todas as atividades que foram desenvolvidas, sendo uma área existente em todas as planificações.

No anexo 2, é apresentado um exemplo de uma planificação relativa a esta área, relativa ao dia em que foi abordado o "dia das mentiras", tema inserido na temática dos valores e, abordado através da história 'Pinóquio', contada às crianças no cantinho das almofadas. Na ilustração 14, podemos observar o resultado final de uma das atividades realizadas nesse mesmo dia que consistiu em pintar e montar as várias partes do corpo do Pinóquio.



Ilustração 14 - Pinóquios desenvolvidos no âmbito da atividade do dia das mentiras
Fonte: Própria

- **Área de Expressão e Comunicação**

Esta área engloba as aprendizagens que se relacionam com o desenvolvimento psicomotor e simbólico e é a única que se subdivide em vários domínios que se consideram intimamente interligados e relacionados.

O ponto de partida desta área, nos seus diversos subdomínios, devem ser as aprendizagens que a criança já possui e que devem ser desenvolvidas na Educação Pré-Escolar, recorrendo a novas experiências e vivências que proporcionem à criança o prazer da aprendizagem e evolução, valorizando sempre as descobertas da criança (Ministério da Educação, 1997)

De seguida serão apresentados os vários subdomínios que constituem esta área, bem como algumas atividades desenvolvidas nos mesmos.

➤ **Expressão Físico-Motora**

O exercício físico é essencial para um bom desenvolvimento, assim como para a prevenção de doenças e para uma vida de qualidade, devendo por isso ser estimulado desde cedo como defende a Organização Mundial de Saúde e a Comissão Europeia.⁷

Nesse sentido, as orientações curriculares referem que,

o corpo que a criança vai progressivamente dominando desde o nascimento e de cujas potencialidades vai tomando consciência, constitui o instrumento de relação com o mundo e o fundamento de todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem. Tendo em conta o desenvolvimento motor da criança, a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo. (Ministério da Educação, 1997, pág. 58)

As crianças, ao executarem diversos exercícios que envolvem a psicomotricidade, vão, aos poucos, tomando consciência de si e, ao utilizarem o seu corpo, vão-se apercebendo das suas potencialidades e limites. Para além disso, os momentos de Expressão Motora também promovem a interação com os outros, contribuindo, deste modo, para desenvolverem as competências transversais e a formação de conceitos (Medeiros, 2012).

⁷ Informação retirada de http://terraencantada.me/atividade_fisica.html.
(Consultada a 14 de outubro de 2015)

Assim, as atividades que foram realizadas procuraram promover uma atitude exploratória, na qual as crianças, ao executarem determinados jogos e movimentos, puderam comunicar, usar a imaginação, desenvolver as suas habilidades perceptivo-motoras e sociais pela interação com as outras crianças, nomeadamente as emoções, o afeto, a colaboração e a cooperação em equipa.

Às quartas-feiras, as crianças deslocavam-se juntamente com a educadora, as estagiárias e as auxiliares de ação educativa, às piscinas municipais onde ocorria a aula de natação. (Ilustração 15)



Ilustração 15 - Aula de natação
Fonte: Própria

No anexo 3 é apresentado um exemplo de uma planificação na qual se planificaram atividades para esta área. A mesma refere-se a atividades desenvolvidas no âmbito do dia da criança, no qual foram planeados e desenvolvidos vários jogos tradicionais.

Na Ilustração 16, podemos ver o percurso de obstáculos que foi montado no salão do jardim de infância e que contemplou exercícios de equilíbrio, coordenação motora e pontaria.



Ilustração 16 - Percurso de obstáculos
Fonte: Própria

➤ **Expressão Musical**

A área de Expressão Musical é ministrada por um professor específico que procura incidir em músicas temáticas e ritmadas consoante a altura do ano e épocas festivas como por exemplo, o dia do pai.

A Expressão Musical mostra-se importante na educação pré-escolar na medida em que valoriza a necessidade da criança organizar as suas perceções auditivas, contribui para cultivar a sensibilidade e imaginação e possibilita o desenvolvimento da expressão e da criatividade. Assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir.

Como preconizam as OCEPE, a Expressão Musical desenvolve-se em torno de cinco eixos principais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar. A música deve ser considerada uma verdadeira linguagem de expressão, parte integrante da formação global da criança. Deve colaborar no desenvolvimento dos processos de aquisição do conhecimento, sensibilidade, criatividade, sociabilidade e gosto artístico. Caso contrário, perder-se-á na forma de simples atividade mecânica, com a mera reprodução de cantos, sem a interação da criança com o verdadeiro momento de criação musical.⁸

O ritmo e o desenvolvimento global da criança em idade pré-escolar estão estreitamente ligados. Através da música o desenvolvimento cognitivo pode ser facilitado, proporcionando um maior nível de atenção para a elaboração das atividades e um maior estímulo da criatividade e do movimento. Por este motivo, trabalhar o ritmo desde tenra idade é muito importante para auxiliar o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo-social.

Uma vez que este era um subdomínio para o qual existia um professor específico, foi menos abordada no âmbito da PES I, no entanto, foram desenvolvidas algumas atividades, nomeadamente para o Dia do Pai e Dia da mãe foram ensinadas duas canções às crianças alusivas a essa temática, tal como se mostra na planificação no anexo 4.

➤ **Expressão Plástica**

É de extrema importância que educadores, pais e professores, conheçam as fases do desenvolvimento da criança para que as possam orientar, deixando-as expressarem-se, inicialmente através dos seus riscos e rabiscos e, conseqüentemente pelos desenhos, entre outras atividades de expressão plástica.

⁸ www.crmariocovas.sp.gov.br/inf_a.php?t=007. (Consultado a 14 de outubro de 2015)

Tal como preconizam as OCEPE, *as crianças exploram espontaneamente diversos materiais e instrumentos de expressão plástica, mas há que ter em conta que, se algumas crianças chegam à educação pré-escolar com uma grande experiência na sua utilização, outras não tiveram essa oportunidade.* Neste sentido, cabe ao educador optar pelos métodos que mais se adequam ao grupo.



Ilustração 17 - atividade de picotagem
Fonte: Própria

Ao longo da PES, foi abordado essencialmente o desenho e a pintura recorrendo a diversos materiais, tais como, marcadores, lápis de cor, tintas guache e técnicas de picotagem (ilustração 17), recorrendo sempre às OCEPE e ao que preconizam para as idades do grupo.

No Anexo 5 é apresentado um exemplo de uma planificação no âmbito da Expressão Plástica que consistiu na interdisciplinaridade entre a área da matemática e a área das expressões, no subdomínio da expressão plástica, com a realização de uma atividade de desenho de formas geométricas, como podemos observar na ilustração 18.



Ilustração 18 - Boneco construído com figuras geométricas pintadas pelas crianças
Fonte: Própria

➤ **Expressão Dramática**

A expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o(s) outro(s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais.

Esta é uma área que as crianças desenvolvem diariamente, recorrendo ao jogo simbólico enquanto brincam e desenvolvem jogos nos diversos espaços da sala, não requerendo obrigatoriamente a intervenção do educador.

A ação do educador facilita a emergência de outras situações de expressão e comunicação que incluem diferentes formas de mimar e dramatizar vivências e experiências das crianças. Através do corpo/voz podem exprimir-se situações da vida quotidiana. (DEB, 2006, p.60).

A ajuda do educador faz com que a criança alargue o seu campo de jogo simbólico, este deve ajudar a criar situações de dramatização e comunicação entre as crianças. O educador deve estar atento e procurar saber que materiais as crianças necessitam para desenvolver atividades relacionadas com o jogo simbólico.

Zabalza (1992, p.179) acentua que *o papel do fantástico, do jogo com situações imaginadas, é fundamental em educação infantil*, isto permite que a criança estimule vivências reais e que as reproduza em fantasia. Este explica, ainda, que *o que a criança aprende é a reproduzir uma estrutura de conduta ou um modelo expressivo-atitudeal (imitar um feroz leão ou o papá quando este se zanga)* (p.280), ou seja, as crianças constroem e reproduzem assim as suas próprias ações a partir de outras observadas. (Fernandes, 2012)

O jogo livre tanto é fulcral para a criança como será para o educador, possibilitando-lhe aperceber-se da evolução das crianças a vários níveis, a partir da observação de comportamentos e atitudes que elas apresentam na atividade lúdica. Neste domínio, deve ser dada relevância ao faz-de-conta no jardim de infância, não só para que a criança através do jogo desenvolva as suas capacidades e evolua cognitivamente, psicológica e socialmente, como também para os educadores conhecerem melhor o grupo de crianças (Fernandes, 2012).

Ao longo do decorrer da PES, esta área foi desenvolvida recorrendo, essencialmente a pequenas dramatizações, solicitadas às crianças com base em histórias contadas pela educadora estagiária, a jogos de comunicação verbal e não verbal e jogos de mímica. Foi também de extrema importância, a observação dos comportamentos das crianças enquanto brincavam livremente pelos vários espaços da sala, momentos em que exteriorizam as brincadeiras do seu mundo imaginário.

Na ilustração 19, podemos observar as crianças a executarem um exercício no âmbito desta área que pode ser consultado na planificação presente no anexo 6.



Ilustração 19 - Atividade de expressão dramática
Fonte: Própria

➤ **Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

Segundo Sim-Sim (1998), a linguagem está presente em todas as comunidades humanas. A aquisição da linguagem, pelas crianças acontece no meio onde estão envolvidas e nos grupos sociais a que pertencem.

A criança passa por um percurso fonológico iniciando-se pelo choro até adquirir os sons corretos da língua materna. Deste modo, a educação pré-escolar e o 1º CEB têm grande relevância para o desenvolvimento, desde cedo, da linguagem oral.

A função da linguagem oral como meio de expressão e comunicação permite à criança exprimir-se natural e emotivamente fazendo uso de uma linguagem gestual ou onomatopaica. Nesta fase, a linguagem egocêntrica é centrada na própria criança podendo transformar-se num monólogo, quando a criança fala de si mesma, sem estabelecer diálogo.

As OCEPE preconizam que se deve criar um clima de comunicação em que a linguagem do educador, ou seja, a maneira como fala e se exprime, constitua um modelo para a interação e a aprendizagem das crianças. Cabe assim ao educador fomentar o diálogo, dando espaços às crianças para se expressarem individualmente e em grupo, fomentando o interesse de comunicar, levando-a a considerar que é importante o que possa ter para dizer, desenvolver técnicas que permitam o progressivo domínio da linguagem, levando a criança a aumentar o seu vocabulário para a construção de frases mais corretas e complexas, explorando o carácter lúdico e o prazer de lidar com as palavras e os sons. O educador deve ainda ser capaz de proporcionar à criança diferentes situações de comunicação, em grande e pequeno grupo, diversificando as atividades que podem ir desde a narração de acontecimentos e rotinas, passando pelo diálogo em grupo ou a narração e conto de histórias. (Ministério da Educação, 1997)

Neste sentido, esta é uma área trabalhada em todas as atividades do dia a dia que impliquem a comunicação verbal.

No decorrer da PES I, foram planificadas e executadas atividades que tiveram como objetivos o desenvolvimento da capacidade da comunicação oral, o desenvolvimento da complexidade das frases utilizadas e o aumento do vocabulário, através de atividades como conto e de histórias, a interpretação de imagens, a reprodução e a invenção de histórias e narração de acontecimentos diários. Ao longo desse período, foi dada relevante importância ao conto e interpretação de histórias como forma de desenvolver o pensamento abstrato e a oralidade das crianças, como exemplo disso, é possível observar na ilustração 20, as crianças sentadas no cantinho das almofadas a ouvirem uma história contada pela educadora estagiária.



Ilustração 20 - Crianças a ouvirem uma história
Fonte: Própria

No anexo 7, é possível consultar uma planificação que se refere à utilização de uma história para introduzir o tema das profissões, uma vez que retratava a história de um sapateiro. Este facto mostra a interdisciplinaridade desta área.

➤ **Domínio da Matemática**

Ao longo da PES, foi valorizada a manipulação de objetos como forma de proporcionar o desenvolvimento do conhecimento e das capacidades matemáticas. Foram utilizados jogos de materiais estruturados e não estruturados, alguns já existentes na sala de aula, outros levados pelas estagiárias.

As crianças na educação pré-escolar, encontram-se numa idade privilegiada onde a brincadeira e a aprendizagem através dos jogos apresentam uma grande relevância. (Ilustração 21)



Ilustração 21 - Crianças a fazerem um jogo matemático da Lego
Fonte: Própria

Como preconizam as OCEPE (Ministério da Educação, 1997) admitir *que a criança desempenha um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, supõem encará-la como sujeito e não como objeto do processo educativo.*

Damas et al (2010) referem que a utilização orientada de materiais manipuláveis estruturados, coloca as crianças em situações cada vez mais complexas envolvendo-as, progressivamente, numa linguagem matemática e libertando-as de eventuais mecanismos a que poderão estar habituadas. Estas experiências, além de despertarem um grande entusiasmo, permitem que as crianças permaneçam ativas, questionadoras e imaginativas, conforme a sua própria natureza.

Neste âmbito, esta área foi desenvolvida essencialmente ao início da manhã, quando as crianças realizam jogos de forma livre, sempre com ajuda da educadora e das estagiárias, estando esta atividade presente em todas as planificações. No anexo 8 podemos consultar um desses exemplos.

- **Área do Conhecimento do Mundo**

Antes de iniciarem a educação pré-escolar, as crianças já possuem certos conhecimentos sobre mundo que as rodeia, no entanto, é através da interação com o mesmo que elas se desenvolvem, aprendem, se desafiam diariamente e encontram respostas às suas dúvidas. Por este motivo, o educador tem o dever de proporcionar às crianças oportunidades para

contactarem com novas situações para que possam descobrir, investigar e explorar o mundo, fomentando a sua curiosidade natural, utilizando-a para adquirir novas aprendizagens (Ministério da Educação, 1997).

As experiências de aprendizagem relacionadas com a área de Conhecimento do Mundo devem ser realizadas de forma transversal e não serem vistas como atividades isoladas, permitindo desta forma o enriquecimento das outras áreas curriculares.

Encarando a aprendizagem como *um processo ativo do sujeito que aprende, organiza e guarda a informação recebida* (Tavares & Alarcão, 1985, p.103), podemos considerar que o desenvolvimento cognitivo integra dois processos, um de representação e outro de integração de informação, estando o primeiro ligado à ideia de que a criança representa aquilo de que vai tendo conhecimento e o segundo que diz respeito à capacidade da criança relacionar os seus conhecimentos anteriores com os que vai adquirindo. É desta forma que a criança vai construindo o seu conhecimento do mundo sendo que, para ocorrer este processo de construção, é necessário ter em conta diversos aspetos, tais como: “problemas que se levantam, expectativas que se criam, hipóteses que se avançam e verificam, descobertas que se fazem (Gonçalves, 2011).

Neste sentido, foram desenvolvidas várias atividades referentes a esta área, nomeadamente visitas ao exterior, aquando da abordagem do tema 'As profissões no teu bairro', experiências, manipulação de vários tipos de materiais. Como forma de consolidar conhecimentos, foi proporcionado às crianças, o contacto direto com vários profissionais de diversas áreas, nomeadamente o sapateiro (Ilustração 22), o jardineiro e o padeiro que puderam mostrar, na prática, em que consistia a sua profissão. No anexo 9, é possível consultar a planificação referente a uma dessas atividades.



Ilustração 22 - Visita ao sapateiro
Fonte: Própria

Quanto aos recursos utilizados ao longo das atividades, estes foram ao encontro das estratégias/metodologias planejadas, tendo sempre em atenção a faixa etária do grupo. Foram sempre de caráter motivado, apelativo e diversificado. Na sua maioria, foram utilizados os materiais e recursos existentes no jardim de infância, visto este se encontrar muito bem equipado. Uma vez que as crianças se encontram numa faixa etária na qual deve ser dada importância ao lúdico, foi esta a estratégia adotada em todas as atividades, tornando-as motivadoras e eficazes.

2. Experiência de Prática de Ensino Supervisionada II - 1º CEB

A experiência da PES II no 1º CEB, decorreu na Escola Básica do Bonfim, com uma turma do 3º ano de escolaridade, constituída por 20 crianças, com 8 anos de idade, como referido anteriormente no capítulo I.

Contou com a supervisão da docente Elisabete Brito e da professora cooperante Maria Isabel Almeida.

Este ciclo privilegia um desenvolvimento integrado de atividades e áreas de saber, visa facultar aos alunos a apropriação de procedimentos e instrumentos de acesso à informação, nomeadamente a utilização das tecnologias da informação e comunicação, e de construção do conhecimento, bem como aprendizagens significativas, essenciais ao seu crescimento pessoal e social.⁹

Neste ciclo, os alunos tomam consciência das relações essenciais entre a linguagem falada e a linguagem escrita, através do processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

A PES II foi muito importante, pois permitiu um contacto com a realidade escolar e, ao mesmo tempo deu a oportunidade de articular os conhecimentos que foram adquiridos ao longo da licenciatura e do mestrado, com a prática profissional. Foi possível colocar esses mesmos conhecimentos em prática, escolhendo as atividades que melhor se adequavam à turma.

À semelhança do que aconteceu na PES I, a PES II foi realizada durante três dias por semana, entre a segunda-feira e a quarta-feira, no período compreendido entre as 9h e as 12h15m e as 14h às 16h15m.

Esta etapa iniciou-se no dia 7 de outubro de 2014, dia em que ocorreu o primeiro contacto com a turma onde foi realizada a PES no 1º CEB, seguindo a mesma sequência da PES na Educação Pré-Escolar, observação, planificação, regência, reflexão e avaliação.

⁹ Informação retirada de <http://pt.scribd.com/doc/25770936/Caracterizacao-Dos-Ciclos-1%C2%BA-Ciclo#scribd> (Consultado a 20 de fevereiro de 2016)

As duas primeiras semanas constituíram então a fase de observação e conhecimento da turma, da professora cooperante, das auxiliares, dos hábitos da instituição e das rotinas dos alunos.

Este contacto foi também aqui essencial para conhecer os métodos e estratégias de ensino utilizadas pela professora da turma, os comportamentos dos alunos e identificar algumas dificuldades que os alunos apresentassem, servindo as aulas de observação de guia para o futuro de prática pedagógica.

Uma vez que a observação é parte integrante do processo de formação como professores, apresenta-se como um espaço privilegiado para questionar a professora cooperante, pedir opiniões e informações acerca da turma, falar acerca dos melhores métodos a adotar, perceber como se introduz um novo conteúdo e se passa de uma área para a outra, uma vez que se deve cumprir o horário estipulado ao início do ano letivo para cada área de ensino.

Na segunda semana da observação, decorreu uma regência experimental, optando por realizar primeiro uma regência conjunta com o meu par da PES e de seguida, duas regências individuais, com o intuito de familiarizar com o nível de ensino. As regências experimentais, incluíram a área de Português, Matemática e Estudo do Meio, sendo que a primeiro incidiu na área da Expressão Físico-Motora, como é possível ver no anexo 10.

Todas as atividades implementadas ao longo desta PES II tiveram em consideração as planificações referentes a todas as áreas curriculares, seguindo sempre os documentos orientadores disponibilizados pelo Ministério da Educação, os programas e as metas de cada área curricular. Os objetivos, as estratégias, os recursos e a avaliação foram definidos diariamente consoante o horário, os conteúdos programáticos do plano da docente da turma, o manual escolar e os manuais auxiliares.

O Programa do 1º CEB (Ministério da Educação, 2004) defende que no Ensino Básico se preconizam três grandes objetivos gerais, sendo estes:

1. Criar condições para o desenvolvimento harmonioso da personalidade, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dupla dimensão individual e social;
 2. Proporcionar a aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidades, atitudes e valores indispensáveis a uma escolha esclarecida das vias escolares ou profissionais subsequentes;
 3. Desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática”.
- (Ministério da Educação, 2004, p. 13)

No que concerne às áreas curriculares, foram abordadas quatro áreas, seguindo a Organização Curricular e Programas do Ensino Básico sendo elas: a área de Expressão e Educação que inclui a expressão físico-motora, expressão musical, expressão dramática e

expressão plástica, Estudo do Meio, Português e Matemática. De seguida serão abordadas todas essas áreas recorrendo a exemplos de atividades desenvolvidas em cada uma delas.

- **Área de expressão e educação:**

A área de expressão e educação desempenha um papel muito importante no currículo dos alunos uma vez que a criança, tal como o adulto, sente necessidade de expressar os seus sentimentos, de comunicar com os outros e, por conseguinte, a arte como forma de expressão constitui um elemento essencial para a relação da criança com a vida.

Esta área engloba os subdomínios da expressão físico-motora, expressão plástica, expressão dramática e expressão musical. Foi lecionada no período da tarde à segunda-feira, tendo em conta o período que lhe estava destinado no horário e, ao longo da PES, foi feito o esforço de alternar as expressões, no entanto foi dada mais ênfase à expressão físico-motora, subdomínio abordado num maior número de vezes. De seguida serão abordados e esclarecidos cada um dos domínios, individualmente, recorrendo ao exemplo de atividades planificadas e desenvolvidas com os alunos no decorrer da PES II.

- **Expressão físico-motora**

Este foi o domínio das expressões abordado com mais insistência, pois como preconiza o Programa para o Ensino Básico (M.E, 2004), os períodos críticos das qualidades físicas e das aprendizagens psicomotoras fundamentais situam-se até ao final do 1º Ciclo. A falta de atividade apropriada traduz-se em carências frequentemente irremediáveis. Por outro lado, o desenvolvimento físico da criança atinge estádios qualitativos que precedem o desenvolvimento cognitivo e social. Assim, a atividade física educativa oferece aos alunos experiências concretas, necessárias às abstrações e operações cognitivas inscritas nos Programas doutras Áreas, preparando os alunos para a sua abordagem ou aplicação. (M.E, 2004)

Deste modo, ao longo das planificações foram abordados conteúdos do Bloco 1 - Perícias e Manipulações, do Bloco 2 - Deslocamentos e Equilíbrios, do Bloco 4 - Jogos e do Bloco 6 - Atividades Rítmicas Expressivas.

No anexo 11, é possível consultar uma planificação de uma das aulas, neste caso, correspondente ao Bloco 1, abordando os jogos com bola.

Estas atividades tiveram como principais objetivos o desenvolvimento da resistência geral, o aumento da velocidade de reação simples e complexa de execução de ações motoras básicas e de deslocamento, o aumento da flexibilidade, o controlo de postura, o controlo de

orientação espacial, o desenvolvimento do ritmo e da agilidade e desenvolvimento do espírito de equipa e da cooperação com os colegas (M.E, 2006).

➤ **Expressão musical**

Este domínio era, habitualmente abordado pela professora titular de turma, no entanto, foi abordado no âmbito da festa de Natal, para a qual foi ensaiada uma música alusiva ao tema, a qual foi posteriormente apresentada à restante comunidade escolar, como mostra a ilustração 23.

Esta atividade foi ao encontro do que preconiza o programa ao afirmar que a prática do canto constitui a base da expressão e educação musical no 1º ciclo. *É uma atividade de síntese na qual se vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, sendo a voz o instrumento primeiro que as crianças vão explorando* (M.E, 2006).

Esta atividade foi útil também na medida em que desenvolveu a confiança e autoestima dos alunos, uma vez que nos ensaios foi solicitado a pequenos grupos e a alguns alunos individualmente que cantassem.

No decorrer da atividade, foi possível identificar um aluno que se recusava a participar por não gostar de cantar, o que constituiu um desafio, sendo necessário procurar outros métodos e estratégias para conseguir superar os obstáculos pedagógicos que foram apresentados, nomeadamente escolher apenas os rapazes para cantarem, posteriormente só as raparigas e fomentando assim a competição entre grupos. Após alguns ensaios, foi possível constatar que o aluno se apresentou mais confortável nas atividades que envolviam o canto.



Ilustração 23 - Apresentação da musica de Natal na festa de Natal
Fonte: Própria

Após algumas atividades de expressão musical, foi possível observar que toda a turma participou com entusiasmo, contribuindo para o sucesso da apresentação.

➤ **Expressão Plástica**

Este domínio foi abordado por diversas vezes, principalmente fomentando a interdisciplinaridade com a área de Estudo do Meio, ao conceberem uma moldura decorada com diversos exemplos de cereais presentes no seu dia-a-dia.

Como preconiza o programa do 1º CEB, a manipulação dos materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade (Ilustração 25). A exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies. (M.E, 2006)

No anexo 12, é possível consultar um exemplo de uma atividade planificada neste âmbito, exemplificada na ilustração 24.



Ilustração 24 - Atividade de expressão plástica utilizando cereais
Fonte: Própria

Esta atividade foi desenvolvida fomentando a interdisciplinaridade com a área de Estudo do Meio uma vez que os alunos decoraram uma moldura, que posteriormente foi oferecida aos alunos como presente final, recorrendo a cereais, uma vez que este conteúdo foi previamente abordado na área de estudo do meio.

Estas são atividades que permitem à criança explorar a sua criatividade e exprimir-se de forma pessoal enquanto desenha e cria, utilizando vários tipos de materiais, cabendo ao

professor escolher os mais adequados e profícuos para a turma em questão, tendo em conta a idade e a destreza manual que apresentam.

Neste âmbito foram também desenvolvidas atividades de pintura, corte e colagem, para a decoração de Natal da sala de aula (Ilustração 25).



Ilustração 25 - Decoração de Natal realizada pelos alunos
Fonte: Própria

➤ **Expressão Dramática**

Tal como as outras expressões, a expressão dramática é um recurso imprescindível na formação e educação da criança, ajudando-a no seu desenvolvimento integral, a todos os níveis.

Nesta área, as crianças sentem-se estimuladas para exteriorizar os seus sentimentos, angústias, medos, problemas, entre outros, tornando-se um meio de libertação das tensões interiores.

Este domínio foi o menos abordado, no entanto, foi desenvolvida uma peça de teatro no âmbito da festa de Natal (Ilustração 26) que promoveu a memorização e a dramatização, permitindo trabalhar conteúdos, preconizados no programa do 1º ciclo, relativos ao corpo e à voz, indo ao encontro, uma vez mais da mesma referência que salienta que *as atividades de exploração do corpo, da voz, do espaço, de objetos, são momentos de enriquecimento das experiências que as crianças, espontaneamente, fazem nos seus jogos.* (M.E, 2006, p. 77)



Ilustração 26 - Ensaio para a festa de Natal
Fonte: Própria

Para a festa de Natal, foram também memorizados os pedidos de Natal, no qual cada criança tinha uma letra do abecedário correspondente a cada pedido (Ilustração 27). No Anexo 13 é possível consultar a lista completa dos pedidos de Natal.



Ilustração 27 - Festa de Natal: Pedidos de Natal
Fonte: Própria

- **Área de Português**

A área de Português, apresenta-se no currículo do Ensino Básico como a mais transversal a todas as áreas uma vez que é através dela que os alunos se expressam e comunicam em todas as outras áreas.

A operacionalização da transversalidade do português ao serviço do desenvolvimento de competências essenciais, requer uma abordagem transversal do seu ensino/aprendizagem, relacionando-o com o das restantes áreas curriculares, disciplinares e não disciplinares, referindo-se ao desenvolvimento de competências em comunicação oral e escrita importantes em todas elas, quer no que diz respeito ao contributo que as restantes áreas curriculares poderão dar para um melhor domínio da língua portuguesa, independentemente da sua natureza (Sá, 2012).

A transversalidade desta área prende-se com o desenvolvimento de competências da oralidade e da escrita, presentes em todas as outras áreas.

Assim, nesta área foram abordados conteúdos programáticos como a leitura, a escrita, o desenvolvimento da oralidade, a interpretação e a gramática, como é possível observar consultando o Anexo 10 que corresponde a uma planificação na área do português.

Concordando com as palavras de Gonçalves (2012, p.26),

a aprendizagem da leitura constitui-se como um rito de passagem para o ingresso no clube das sociedades letradas, portanto, a leitura assume-se aqui como a palavra-chave para a vivência em sociedade, sinónimo de emancipação e liberdade.

Neste sentido, foi dada relevante importância à leitura e à sua avaliação, visto que, neste ano de escolaridade, os alunos devem saber ler um certo número de palavras por minuto, tal como preconizam as metas curriculares para esta área e, para que isso aconteça, o professor deve ter a capacidade de estimular nos seus alunos, hábitos de leitura que os ajudem a alcançar os objetivos propostos.

A escrita, apresenta-se também como um domínio fundamental, transversal a todas as áreas, como tal, foi de igual modo abordado com relevante ênfase.

Como defendem Niza, Segura, & Mota (2011) para autores como Vygotsky, Luria, Leontiev, a escrita em desenvolvimento emerge do discurso interior constituído pela fala que a criança incorporou a partir das interações que pôde estabelecer com o mundo que a rodeia. É esta fala internalizada que se torna geradora do pensamento verbal.

Assim, ao longo da PES II, foram realizadas várias atividades como escrita criativa e exercícios ortográficos com o objetivo de desenvolver esta competência. As atividades foram muitas vezes ao encontro do lúdico, uma vez que a aprendizagem se torna mais fácil desta forma, como tal, foram utilizados materiais apelativos para os diversos conteúdos lecionados como se pode observar no exemplo da ilustração 28, que representa o resultado final de um jogo de consolidação de conteúdos referente aos sinónimos e antónimos.

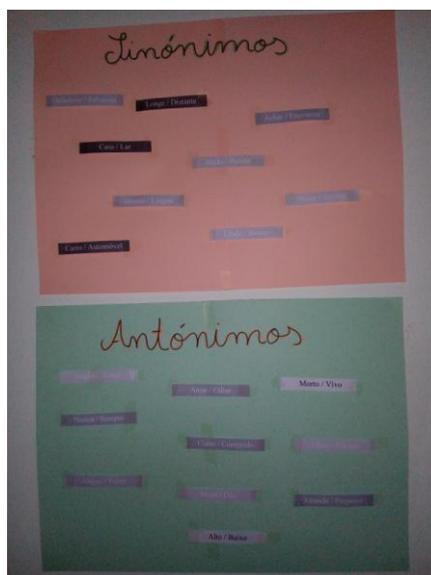


Ilustração 28 - Jogo dos Sinónimos/Antónimos
Fonte: Própria

- **Área de Matemática**

A área da Matemática foi a que proporcionou um desafio maior devido à complexidade dos seus conteúdos. Por várias vezes foi necessário rever e ajustar as planificações devido ao tempo que os alunos levam a realizar as atividades e ao surgimento de diversas dúvidas.

Nesta área, a tarefa principal que se impõe aos professores é conseguir que as crianças, desde cedo, aprendam a gostar de Matemática. (M.E, 2006)

Caberá ao professor organizar os meios e criar o ambiente propício à concretização do programa, de modo a que a aprendizagem seja, em sala de aula, o reflexo do dinamismo das crianças e do desafio que a própria Matemática constitui para elas. (M.E, 2006)

Só assim a Matemática se tornará aliciante e poderão as crianças continuar ativas, questionadoras e imaginativas como é da sua natureza.

Neste sentido, procurou incentivar-se os alunos através de materiais apelativos, materiais manipuláveis e alguns já existentes em sala de aula. Na ilustração 29, é possível observar três cartolinas realizadas para abordar as frações, os múltiplos de dois, cinco e dez e o algoritmo da subtração. Nos três casos, os alunos tiveram inicialmente, espaços para preencher e completar.

Outro recurso também utilizado foram os jogos, recorrendo a perguntas o que fomenta nos alunos a competitividade e a necessidade de consolidar conhecimentos para conseguirem responder corretamente. O jogo com as respetivas questões, pode ser consultado no Anexo 15, bem como uma planificação do algoritmo da subtração.



Ilustração 29 - Cartazes colocados na sala de aula referentes a conteúdos lecionados
Fonte: Própria

- **Área de Estudo do Meio**

A área de Estudo do Meio é uma área curricular interdisciplinar e globalizadora que inclui diversos ramos do saber, como, o científico, o tecnológico e o social, contribuindo para a compreensão do meio próximo e global.

Cunha (2003, p.53, cit. por Barros, 2012) afirma que o programa do 1º CEB sugere que as crianças realizem pequenas investigações e experimentações motoras da construção de conceitos e do desenvolvimento de processos e atitudes. O Estudo do Meio, porque tem como um dos seus objetos de estudo os fenómenos naturais, é um espaço privilegiado para a realização dessas investigações e experimentações.

Na ilustração 30, podemos observar o resultado final de uma atividade experimental cujos objetivos vão ao encontro da opinião do autor anteriormente referido. No anexo 16, é possível consultar a planificação de uma outra atividade experimental realizada neste âmbito.



Ilustração 30 - Resultado final da atividade experimental
Fonte: Própria

Esta foi uma área onde se partiu sempre das conceções que os alunos já tinham adquiridas para começar a abordar os conteúdos, uma vez que o conhecimento se deve construir com base nas aquisições que são feitas extrinsecamente ao meio escolar.

Outro momento a salientar, foi o dia em que foi uma médica, Dra Diana Sousa, à sala de aula para dar uma breve explicação sobre os primeiros socorros. Muitas foram as questões que os alunos quiseram colocar e ver esclarecidas o que mostrou o empenho, envolvimento e

entusiasmo com que desenvolveram a atividade. No anexo 16, é possível consultar o folheto entregue às crianças acerca do conteúdo abordado nessa atividade.

Assim, são de salientar as experiências laboratoriais e as atividades práticas que foram realizadas como forma de facilitar a aquisição de conhecimentos através da observação e prática.

As crianças são naturalmente curiosas por tudo o que as rodeia e apaixonadas por aprender, por esse motivo esta é uma das áreas que suscita mais curiosidade e interesse nos alunos.

Nas atividades realizadas nas diversas áreas anteriormente referidas, foi sempre procurado fomentar aprendizagens ativas, significativas, diversificadas, integradoras e socializadoras, tal como preconiza o programa do Ensino Básico.

Qualquer que seja a estratégia de ensino adotada pelo professor, esta está dependente da existência de comunicação entre o professor e os alunos, por esse motivo, o diálogo deve

ser considerado como uma importante estratégia de ensino, não só porque permite corrigir a expressão verbal dos alunos e facilitar a comunicação na aula, mas também porque a relação educativa apoiada no diálogo tem uma interação psicossocial estimulante tanto do ponto de vista intelectual como afetivo. (Proença, 2000, pág.23)

Ao longo da PESII, um dos momentos de grande importância foram as avaliações que foram sendo realizadas. A avaliação foi realizada ao longo da PES II, através de Fichas de Avaliação mensais e da avaliação formativa através de todas as atividades que os alunos realizaram diariamente.

Tornou-se necessário, ao longo do processo de aprendizagem, verificar se os objetivos foram alcançados, isto é, se o nível dos alunos se adequa ao ritmo de ensino implementado, também com o objetivo de alterar e corrigir os métodos de ensino.

Distanciando-se de uma avaliação de resultados, sendo contínua e procurando conhecer o aluno enquanto realiza a aprendizagem, a avaliação formativa concretiza-se pela recolha e pela análise contínuas de informações sobre o processo de aprendizagem de cada aluno, em função de critérios estabelecidos pelo professor ou na interação com os alunos, pois sem eles o avaliador fica cego (Pacheco, 2002, cit. por Ferreira, 2006).

Tal como preconiza o Ministério da Educação (2012) a avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo global, tem como objetivos a classificação e a certificação e inclui:

a) A avaliação sumativa interna, da responsabilidade dos professores e dos órgãos de gestão pedagógica da escola;

b) A avaliação sumativa externa, da responsabilidade dos serviços ou entidades do Ministério da Educação e Ciência designados para o efeito, concretizada através da realização de provas e de exames finais nacionais.

A avaliação sumativa realiza-se sempre que é necessário fazer o balanço das aprendizagens desenvolvidas, normalmente, é realizada no fim de cada mês em todas as escolas do Agrupamento de Escolas Afonso Albuquerque.

Como referem (Rosado & Silva), começou a falar-se na avaliação aplicada à educação com Tyler no ano de 1949, considerado como o pai da avaliação educacional. Ele encara-a como a comparação constante entre os resultados dos alunos, ou o seu desempenho e objetivos, previamente definidos. A avaliação é, assim, o processo de determinação da extensão com que os objetivos educacionais se realizam.

A avaliação constitui um processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno ao longo do ciclo de ensino.

No final do 1º período, foi solicitado às alunas estagiárias que efetuassem a avaliação final de cinco alunos, preenchendo as respetivas grelhas de avaliação conforme o seu desempenho. No Anexo 17, é possível consultar os documentos de avaliação de um dos alunos com toda a informação referente ao seu percurso ao longo do 1º período.

Capítulo III

**A importância de contar histórias no desenvolvimento da
linguagem oral de crianças na Educação Pré-Escolar**

1. Introdução

A educação pré-escolar apresenta-se como a etapa em que são criadas as condições necessárias para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças, bem como do desenvolvimento, da sua linguagem.

Ao chegar à instituição de educação pré-escolar, a criança já é capaz de exprimir as suas necessidades, dominando algumas competências linguísticas orais da sua língua materna, no entanto, muitas são as crianças que apresentam dificuldades no desenvolvimento da linguagem oral, e foi nesse sentido que este estudo se desenvolveu.

Este estudo foi planeado e desenvolvido durante a Unidade Curricular de PES I, no Jardim de Infância da Sé, com duas crianças de três anos. O objetivo principal relaciona-se com a importância de contar histórias para o desenvolvimento da linguagem oral de crianças na Educação Pré-Escolar e esta escolha recai no facto de a nossa linguagem constituir o meio privilegiado de comunicação com os outros, tendo influência direta no sucesso/insucesso escolar e na socialização.

As duas crianças que participaram no estudo, apresentam mais dificuldades no desenvolvimento da linguagem oral que as do restante grupo, o que constituiu o ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho que se encontra dividido em duas partes. A primeira parte é constituída por um estudo no âmbito da área de expressão e comunicação - linguagem oral e abordagem à escrita, que apresenta como principal objetivo o estudo da influência do conto de histórias em idade pré-escolar para o desenvolvimento da linguagem oral. Será realizada uma pequena abordagem à linguagem oral e sua importância na Educação Básica, far-se-á a caracterização das duas crianças e, por fim, será apresentada a metodologia utilizada.

Na segunda parte, será apresentado o trabalho empírico que foi desenvolvido com as crianças incluindo todo o material utilizado e a planificação das atividades, que será apresentado ao longo das descrições que serão realizadas no ponto quatro e poderá ser também, consultado nos anexos que estarão devidamente referenciados ao longo do texto.

Por fim, serão ainda apresentados os resultados finais obtidos, como síntese do capítulo.

Segundo Sim-Sim (1998), a linguagem está presente em todas as comunidades humanas, dando-se a aquisição da linguagem, pelas crianças, no meio onde estão envolvidas e nos grupos sociais a que pertencem.

A nossa língua é um instrumento fundamental de acesso a todas as áreas do saber, porque sem o seu domínio no plano oral, os outros saberes não são adequadamente assimilados.

Ao longo deste trabalho, foram analisadas as duas vertentes da linguagem oral, a compreensão oral e a expressão oral.

2. Contextualização teórica

A narração de histórias e o seu reconto constituem estratégias de excelência para o desenvolvimento da linguagem oral pois, em simultâneo com as suas características lúdicas, permitem a comunicação, a articulação de ideias, a expressão do pensamento e, conseqüentemente, a aquisição de um vocabulário mais elaborado e de um discurso com frases mais completas (Cruz, 2011).

Como tal, ao longo deste ponto, procurou estabelecer-se a relação entre esses recursos e o desenvolvimento da linguagem oral e, para tal, será apresentada uma breve explicação acerca da linguagem, das principais funções que desempenha e das suas fases de aquisição e desenvolvimento na criança. Será ainda abordada a importância das histórias no desenvolvimento da oralidade, apresentando-se a perspectiva de Piaget e a perspectiva de Vygotsky acerca da aquisição e desenvolvimento da linguagem.

2.1 - O que é a linguagem e a sua importância

A linguagem apresenta-se como um sistema linguístico complexo, com uma estrutura específica e regras próprias. O ser humano utiliza a linguagem para comunicar, exprimindo os seus sentimentos e emoções, organizando e reorganizando o pensamento várias vezes (Cruz, 2011). Nesse sentido, *a linguagem é um ato essencialmente humano e social que permitiu ao longo dos tempos a transmissão dos conhecimentos, condicionamentos e progressos da humanidade, bem como a comunicação entre os seres.* (Mendes, 2012, p.3)

A comunicação processa-se assim num conjunto de formas específicas, implicando um emissor, que irá emitir uma mensagem através de um código linguístico, que se define por um conjunto de signos e regras de comunicação, e um recetor que irá receber e interpretar a mensagem. Richelle M. (1976), considera que a linguagem apresenta seis funções principais, tal como se pode visualizar no quadro que se segue:

Função Expressiva ou Emotiva	Coloca ênfase no emissor. Utiliza interjeições, onomatopeias e predominam as sensações, opiniões e reflexões pessoais. A entoação assume, nesta função, particular importância.
Função Fática	Assegura a manutenção do contato entre os locutores e o bom funcionamento do canal de comunicação.
Função metalinguística	Ocupa um lugar à parte das restantes funções, uma vez que é a única inseparável da linguagem, uma vez que diz respeito ao código e ao seu funcionamento, sustentando assim, toda a atividade da linguagem.
Função apelativa ou conativa	Dirige-se ao interlocutor, apresentando um caráter persuasivo, sedutor, que procura aproximar-se do ouvinte, convencendo-o a mudar o seu comportamento.
Função referencial	Transmite informação objetiva, sem comentários ou juízos de valor, sendo o seu principal objetivo, a notícia. É a linguagem do jornalismo.
Função poética	Engloba todas as produções verbais, espontâneas. O seu som é destinado a chamar a atenção sobre a forma de mensagem.

Quadro 1 - Funções da linguagem
Fonte: Richelle M. (1976)

Assim, o ser humano nasce com estruturas biológicas particulares, características da espécie humana, que o leva a adquirir a linguagem, naturalmente, quando exposto a ambientes linguísticos, facto este, que distingue o ser humano das restantes espécies vivas que não possuem um sistema de comunicação verbal. A aquisição da linguagem oral, respeita um determinado conjunto de fases do seu desenvolvimento, estando sujeita a determinados intervenientes que influenciam todo o processo.

2.2 - Fases de aquisição e desenvolvimento da linguagem na criança

Na criança, a linguagem começa por ser um fenómeno orgânico e, progressivamente, torna-se num fenómeno social, influenciado pelo meio familiar e socioeducativo em que se insere.

O período crucial para que o desenvolvimento linguístico na criança ocorra é dos 0 aos 3 anos de idade, pois é durante este período que se verificam todas as fases de desenvolvimento.

Palhais (1988, cit. por Mendes 2012), colocou no quadro que se pode consultar na ilustração que se segue as diferentes fases de desenvolvimento da linguagem oral:

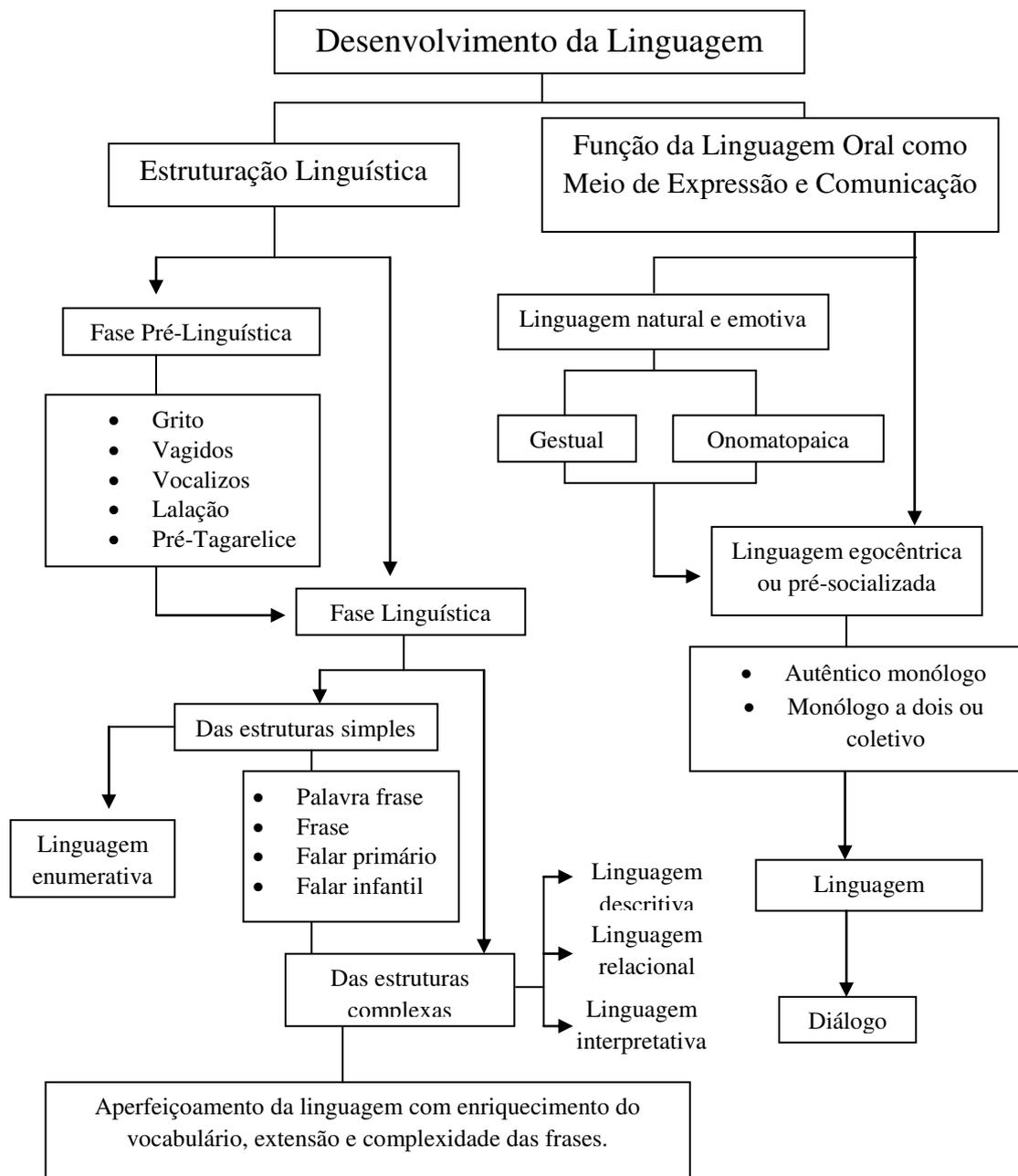


Ilustração 31 - Fases do desenvolvimento da linguagem
 Fonte: Mendes (2012, p. 6)

Através da análise do quadro presente na ilustração 31, podemos concluir que o autor considera que o desenvolvimento da linguagem se divide em duas categorias, a estruturação linguística e a função da linguagem oral como meio de expressão e comunicação. A estruturação linguística divide-se entre a fase pré-linguística que envolve todos os sons que a criança produz antes de chegar à fase linguística que se divide entre estruturas simples, as primeiras que a criança concretiza e, estruturas complexas que, por sua vez, englobam a linguagem descritiva, a linguagem relacional e a linguagem interpretativa.

A função da linguagem oral como meio de expressão e comunicação engloba os processos pelos quais comunicamos com os outros e divide-se entre a linguagem natural e emotiva que inclui a linguagem gestual e a onomatopáica e, a linguagem egocêntrica ou pré-socializada que por sua vez dá origem à linguagem que leva ao diálogo.

Bouton (1975), citado por Ferreira, (2012), considera que o desenvolvimento da linguagem é um processo no qual interferem fatores ambientais, como os processos cognitivos de assimilação e de transformação. A linguagem não é adquirida de uma só vez, sendo um processo gradual ao longo da vida do ser humano.

Assim, pode considerar-se que o processo de aquisição da linguagem varia de criança para criança, podendo ser influenciado por diversos fatores, no entanto, atravessa, sempre, várias fases específicas.

Na perspectiva de Bouton (1975), citado por Ferreira (2012), a aquisição e desenvolvimento da linguagem divide-se em três etapas, sendo elas a pré-linguagem, a primeira linguagem e por fim, a linguagem.

Segundo o autor, a fase da pré-linguagem compreende a idade desde o nascimento até aos doze/treze meses de idade podendo ir até aos dezoito meses e caracteriza-se pelo aparecimento dos primeiros sons, que ocorre logo no primeiro dia de vida, com o choro, primeira forma de expressão e comunicação, que leva o bebê a comunicar as suas necessidades básicas como a fome, o frio, a dor e o desconforto. Este autor, considera que as primeiras manifestações vocais são influenciadas pela afetividade e diretamente relacionadas com a relação com a mãe ou com quem cuida da criança, ou seja, a estimulação sociocultural aparece nesta fase como um fator essencial para o desenvolvimento da linguagem oral.

A segunda fase, designada de primeira linguagem, compreende a idade entre o primeiro ano de idade e vai até aos três anos de idade, subdividindo-se em duas etapas: a primeira, dos doze aos dezoito meses é caracterizada por uma maior atenção da criança ao que ouve e vê, utilizando as palavras com uma forte intencionalidade de comunicar. Na segunda etapa, entre os dezoito meses e os três anos, a criança apresenta melhor locomoção e mais energia, nota-se nesta fase que a compreensão oral evolui mais rapidamente que a expressão oral. A partir dos

vinte meses, a criança começa a formar pequenas frases com palavras simples, o que leva à última etapa desta fase.

A terceira fase, entre os três anos e os cinco anos, designada pelo autor por linguagem, caracteriza-se pela adição de proposições, conjunções, artigos e o uso dos gêneros e pessoas verbais. Esta aquisição, faz com que as frases mais simples da fase anterior, passem a ser enunciados mais complexos.

Por sua vez, Jean Piaget (1896-1980), defendeu uma posição construtivista, ao considerar que o sujeito é um elemento ativo na construção das suas próprias estruturas de conhecimento. Estas estruturas são, por sua vez, produto da construção contínua do sujeito que age e interage com o meio envolvente, sendo influenciado por tudo o que o rodeia.

O desenvolvimento é assim, um processo de adaptação, que visa um equilíbrio dinâmico entre as estruturas do sujeito e as exigências do meio (Bonito, 2013). Piaget, citado por Bonito (2013) considerou três fases no processo de aquisição da linguagem oral, sendo elas a assimilação, a acomodação e a equilibração.

A assimilação apresenta-se como um processo que consiste na integração dos dados do meio nos esquemas cognitivos pré-existentes nos sujeitos, apresentando-se como um movimento que vai da experiência à mente.

A acomodação consiste num processo de modificação das estruturas prévias ou na criação de novas estruturas, no caso da criança ser confrontada com situações não assimiláveis, como por exemplo, um conceito que que ela não conheça ainda, por estruturas já existentes. É um movimento que vai da mente à experiência.

Por sua vez, a equilibração, como o próprio nome indica, procura um equilíbrio entre os outros dois processos anteriores.

Se só houvesse assimilações não havia desenvolvimento, se dominassem as acomodações, cada nova informação produziria uma mudança, o que não permitiria estabilidade no conhecimento, nem generalização. Em qualquer dos casos não haveria adaptação (Sim-Sim, 1998, citada por Bonito (2013, p. 15).

Piaget, considerou, assim, todas as fases importantes para a aquisição de conhecimento por parte da criança e considerou ainda que os fatores que influenciam o desenvolvimento cognitivo são a hereditariedade e a maturação interna, a experiência do meio físico e social e a equilibração.

Em relação ao desenvolvimento intelectual, Piaget considerou que ocorre em quatro estádios, sendo eles o estádio sensório-motor, estádio pré-operatório, estádio das

operações concretas e estágio das operações formais. Na seguinte tabela, são apresentadas, segundo o autor, as idades correspondentes a cada estágio:

Estádio	Idades
Sensório-Motor	0-2 anos
Pré-Operatório	2-7 anos
Operações Concretas	7-11/12 anos
Operações Formais	11/12-15/16 anos

Quadro 2- Estádios de desenvolvimento de Piaget

Fonte: Própria

Estes estádios caracterizam-se por terem características próprias, uma ordem de sucessão constante, uma evolução integrativa, isto é, cada estágio integra as características do estágio anterior nas suas novas características hierarquicamente superiores. (Bonito, 2013)

O presente trabalho, dá especial relevância aos dois primeiros estádios pois são os que correspondem à idade pré-escolar, assim, o estágio sensório-motor caracteriza-se pelo desenvolvimento da motricidade e dos mecanismos sensoriais, desenvolve os mecanismos locomotores através do gatinhar. Desenvolve também os mecanismos de prensão que permitem à criança explorar o meio em que se encontra, desenvolvendo ao mesmo tempo a visão, a audição e o tato, o que reveste este estágio de uma elevada importância para o desenvolvimento intelectual futuro, uma vez que quanto mais a criança for estimulada, mais possibilidades terá de se desenvolver corretamente nos seguintes estádios.

No estágio pré-operatório, Piaget considerou dois sub-estádios, o do pensamento pré-conceptual, que engloba as idades compreendidas entre os dois e os quatro anos, e o do pensamento intuitivo que compreende as idades entre os quatro e os sete anos. No primeiro sub-estádio é possível observar a existência de uma representação de objetos ou ações por símbolos. É exemplo disso o brincar ao faz de conta.

A principal característica deste sub-estádio, é o egocentrismo, a criança está autoconcentrada e só consegue compreender o seu ponto de vista, achando que o mundo foi criado para si. Este egocentrismo impede-a de compreender as relações entre as coisas, pois impossibilita-a de ter reversibilidade mental. (Bonito, 2013, p. 16)

O egocentrismo desvanece-se no segundo sub-estádio que surge por volta dos quatro anos e vai até aos sete anos de idade. A criança, ao descentrar-se de si própria torna-se capaz de solucionar alguns problemas e de adquirir novas aprendizagens, não possuindo, contudo, ainda um pensamento reversível.

Lev Vygotsky (1864-1934), considerou a linguagem como o instrumento dos instrumentos, pois, na sua opinião, não é apenas um instrumento de comunicação usado para partilhar, construir o conhecimento e desenvolver a cultura, mas é também um instrumento psicológico que organiza o pensamento e regular o comportamento (Folque, 2012, citado por Bonito, 2013, p.17).

Para Sousa (2005) Vygotsky foi um dos primeiros autores a afirmar que a linguagem representa um papel decisivo na formação dos processos mentais, e que o método utilizado para analisar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores se traduz na reorganização dos processos cognitivos que ocorrem sob a influência da linguagem.

Vygotsky considerou que o desenvolvimento da criança ocorre em função do processo de socialização. Neste sentido, para explicar o significado da interação social, criou o conceito-chave de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) definido como *o nível ao qual uma criança acha um problema demasiado difícil para resolver sozinha, sendo, no entanto, capaz de o resolver com a ajuda de um adulto ou de uma criança mais competente.* (Spodek, 2010, citado por Bonito, 2013, p.17).

O desenvolvimento da criança ocorre a dois níveis, o nível atual de desenvolvimento e o nível de desenvolvimento potencial. No nível atual de desenvolvimento a criança resolve o seu problema de forma autónoma, com sucesso. Enquanto que, no nível de desenvolvimento potencial a criança resolve o seu problema com a ajuda do adulto.

A aquisição da linguagem representa, assim, para a criança um salto qualitativo no seu desenvolvimento (Cruz, 2011).

2.3 - Intervenientes no desenvolvimento da linguagem oral

A aquisição da linguagem ocorre na criança de uma forma natural, no entanto, este processo é influenciado por um vasto conjunto de fatores que o podem acelerar ou retardar.

Para adquirir a linguagem e para que posteriormente esta se desenvolva a nível fonético, fonológico, morfológico e sintático, a criança necessita de estar envolvida num ambiente linguístico desde cedo. O processo de aquisição da linguagem implica uma aprendizagem, e é nesta aprendizagem que a criança vai recorrer aos adultos de referência que lhe estão mais próximos. Na fase inicial da vida da criança, o adulto de referência caracteriza-se por ser a mãe, pois é com quem esta tem uma maior afetividade. É neste clima de afetividade que estabelece com a mãe, que a criança inicia o processo de aquisição da linguagem (Bonito, 2013, p. 12).

Os dois principais fatores que influenciam este processo, é a família, nomeadamente a mãe e o vínculo que com ela a criança tem e o jardim de infância. Rebelo (1985, citado por

Ferreira E. 2012) considera que a inter-relação entre a criança e os pais nos primeiros tempos de vida é fundamental para o bom desenvolvimento da linguagem infantil.

A criança é influenciada por todas as pessoas que comunicam à sua volta e, neste caso, podemos considerar tanto as famílias numerosas nas quais a criança tem contacto com os pais, irmãos e outros membros da família, como avós, primos e tios, como as famílias mais reduzidas constituídas apenas pelos pais ou só por um dos dois. No entanto, há que considerar que nem todos os elementos da família com quem a criança contacta, exercem a mesma influência no processo de aquisição da linguagem, podendo estimulá-la mais ou menos. Neste sentido, (Faria 2009, p.62) considera que,

é cada vez mais importante conhecer a influência da família nas diferentes fases e aspectos do desenvolvimento infantil, pois cada fase do desenvolvimento acarreta mudanças no comportamento das crianças, o que, por sua vez, exige dos pais a resolução para novos problemas.

Neste sentido, também o meio socioeconómico onde a família da criança se insere, vai ser determinante neste processo, uma vez que um meio favorecido coloca a criança em vantagem na chegada ao jardim-de-infância, uma vez que reconhece na educadora a linguagem da mãe. Por outro lado, um meio mais desfavorecido raramente oferece à criança relações verbais calmas e ricas.

Em suma, podemos considerar que uma criança proveniente de um meio socioeconómico favorecido que apresente conversas e vocabulário mais estimulante, constituído por uma estrutura familiar estável, terá vantagem no processo de aquisição da oralidade.

Por sua vez, o jardim-de-infância, que ainda se apresenta de frequência facultativa, é um espaço privilegiado para o desenvolvimento e a aprendizagem. A linguagem reveste-se de uma total importância ao ser o veículo de comunicação por excelência. A criança comunica com as restantes crianças e adultos, através da linguagem.

O educador deve proporcionar à criança atividades e estratégias que estimulem a oralidade, levando-a a expressar os seus sentimentos, levando-a a ter uma participação ativa no dia-a-dia do jardim, através, não só das rotinas diárias, como também da inclusão de todos nas atividades de grupo. Deve procurar desenvolver na criança a curiosidade por palavras novas e o interesse em não só aprender, mas aprender bem.

Este processo deve ser calmo e gradual, pois como considera Zabalza (1992), não se deve forçar a criança a adotar tipos ou formas de linguagem e expressão alheias à sua situação.

Assim, é importante que o educador consiga distribuir a sua atenção por todas as crianças de igual forma, dando especial atenção às crianças que apresentam mais dificuldades na oralidade.

Para Letin (1990, citado por Cruz, 2011, p.25), *é fundamental que o educador se dirija pessoalmente, individualmente, exclusivamente a cada criança, pois caso contrário deixa de existir o diálogo e as, resultantes, trocas, que permitem à criança progredir.*

Em síntese, é de realçar a importância da atitude intencional do educador em relação à linguagem, em todos os momentos da rotina diária, proporcionando oportunidades de ativar positivamente o processo de desenvolvimento da linguagem oral das crianças, de forma lúdica, motivadora e desafiante.

2.4 - As histórias no desenvolvimento da linguagem oral

Gostaríamos apenas de insistir no extraordinário e insubstituível treino da linguagem que representa a história contada, recontada, voltada a recontar e a contar mais uma vez (Lentin, 1990, p.145).

Ao chegar ao jardim de infância, na faixa etária dos três anos, a criança já possui um vasto vocabulário que lhe permite exprimir as suas necessidades, dominando já algumas competências linguísticas. O trabalho do educador será, portanto, fazer com que a criança, no final deste nível educativo, esteja apta a exprimir-se com fluidez e coerência em diversas situações, face a diversas necessidades. Para isso, terá que criar um ambiente rico e suficientemente estimulante, do qual os livros, necessariamente, farão parte (Cruz, 2011)

Segundo Rebelo e Diniz (1998, citados por Cruz 2011) no jardim de infância o contacto com o livro pode levar a diversificadas e importantes trocas verbais entre a educadora e as suas crianças. De entre várias atividades e estratégias de estimulação da linguagem oral podemos encontrar rotinas que envolvam a literatura infantil, que poderá ser encontrada em vários tipos de formatos: as lengalengas, as poesias e as histórias.

Neste sentido, a estratégia escolhida para este estudo, foi o conto e reconto de histórias.

Ao longo da PES I, as histórias apresentaram-se como um momento essencial e especial da rotina das crianças, um momento que sempre despertou a atenção e curiosidade de todos.

Através das histórias, a criança consegue alargar o leque das experiências para além daquilo que a rodeia diretamente, desenvolvendo um modelo mais rico do mundo e um vocabulário a ele adequado.

O facto da escolha deste recurso como base da investigação, recaiu na sua riqueza como fonte inesgotável de conhecimento, através das histórias as crianças podem conhecer o mundo que as rodeia e desenvolver todo um conjunto de conceitos e de vocabulário.

Tal como referem as OPECE (M.E, 1997), é necessário que as atividades de desenvolvimento da oralidade se baseiem na exploração do caráter lúdico da linguagem, no prazer em lidar com as palavras, inventar sons e descobrir as relações.

Assim,

é no clima de comunicação criado pelo educador que a criança irá dominando a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frases mais corretas e complexas, adquirindo um maior domínio da expressão e comunicação que lhe permitam formas mais elaboradas de representação (M.E, 1997, p.67).

No que concerne às potencialidades das histórias para o desenvolvimento da linguagem oral, Cruz (2011) citando Barreto, Silva e Melo (2010), considera que ouvir histórias é uma possibilidade real de desenvolvimento e aprendizagem.

Narrar histórias e recontá-las, apresenta-se como estratégias de excelência para o desenvolvimento da linguagem oral uma vez que, em simultâneo com a sua característica lúdica, permitem a comunicação, a articulação de ideias, e a expressão do pensamento, levando à aquisição de um vocabulário mais elaborado e de um discurso com frases mais completas. No entanto, para que a criança tenha a oportunidade de se expressar, supõe-se que o educador a escute, lhe dê atenção e procure compreender e valorizar suas participações (Cruz, 2011).

Em suma, citando Cruz (2011, p.36), *os educadores sempre que tiverem oportunidade devem também ver um livro com apenas uma criança, contando-lhe uma história. Este é um momento importante, pois a criança sente mais atenção por parte do adulto, que se dirige a ela pessoalmente.*

Podemos considerar assim, que uma das melhores estratégias para valorizar e treinar a linguagem, consiste no recurso intencional às histórias.

3. Descrição do estudo empírico

Ao longo dos pontos que seguem, pretende-se descrever o problema, os objetivos de estudo, a metodologia adotada e uma pequena caracterização das duas crianças que participaram no estudo.

3.1 - Descrição do problema

Ao longo de todo o terceiro capítulo, tem sido abordada a linguagem oral e a dificuldade que algumas crianças apresentam neste processo. Já pudemos observar que este não é um processo uniforme a todas as crianças e que mesmo estando expostas a um meio favorável ao desenvolvimento desta competência, algumas crianças apresentam mais dificuldades do que outras.

De facto, algumas crianças apresentam perturbações da linguagem, que segundo (Costa S. , 2010), são um problema frequente atingindo cerca de 15% das crianças. As perturbações da linguagem são diferenciadas e possuem características distintas. Nomeadamente:

- atraso de desenvolvimento da linguagem, que se define por alterações nos vários níveis do processo de desenvolvimento da linguagem;
- disfasia ou afasia de desenvolvimento, que consiste na alteração da linguagem já adquirida, devido a uma lesão cerebral;
- perturbação específica da linguagem, em que a criança revela um desenvolvimento irregular dos níveis linguísticos;
- e dificuldades de aprendizagem, que constituem dificuldades que se observam nas crianças que se encontram num processo de aprendizagem. São diversas as causas da existência destas perturbações, no entanto, entre mais frequentes podemos encontrar a falta de estimulação (Costa, 2010, p.).

Neste sentido, a escolha do tema '**A Importância de contar histórias no desenvolvimento da linguagem oral de crianças na Educação Pré-Escolar**', recaiu em duas crianças que, ao longo da PES I, apresentaram um acentuado atraso no desenvolvimento da linguagem, quando comparadas com o restante grupo da sala dos três/quatro anos, apresentando sobretudo dificuldades na articulação de determinados sons e letras.

A intervenção ocorreu com as duas crianças referenciadas, de forma individual, trabalhando com cada criança de cada vez, e de forma coletiva, momentos em que as atividades ocorreram com as duas crianças em simultâneo, favorecendo o desenvolvimento em grupo.

Será apresentada também, uma breve descrição do meio sociocultural das duas crianças e a forma como este influencia todo o processo.

Com base nestes factos, a questão que guiou todo o estudo foi:
Serão as histórias, através do conto e reconto, uma estratégia importante no desenvolvimento da linguagem oral?

3.2 - Objetivos do estudo

Antes de proceder à investigação e à observação, foram traçados objetivos que guiaram todo o estudo e as atividades planeadas e executadas com as duas crianças em estudo.

Para além do objetivo principal já referenciado, acerca do contributo do conto de histórias para o desenvolvimento da linguagem oral, foram definidos os seguintes objetivos específicos, aos quais serão dadas respostas posteriormente:

- Verificar o desempenho linguístico da criança;
- Apresentar propostas diversas e dinâmicas facilitadoras da aquisição da linguagem oral;
- Conhecer as competências evidenciadas pela criança após a leitura e reconto de um conjunto de histórias;
- Verificar a evolução, ou não, das crianças face às mesmas estratégias adotadas.

3.3 - Metodologia do Estudo

Segundo Sousa (2009, citando Cruz, 2011, p.46) *depois de se planejar a investigação é preciso escrever esse planeamento, descrevendo detalhadamente cada etapa e definindo momentos para a sua realização.*

Tendo em conta o objeto de estudo e os objetivos a atingir, a presente investigação enquadra-se no paradigma qualitativo, centrando-se em procedimentos interpretativos de análise e interpretação de dados, com vista à compreensão do fenómeno em estudo. Foi realizado um trabalho de campo, com base na observação direta tendo sido posteriormente emitidos juízos de valor e análise de factos.

Com base neste paradigma, o método de análise utilizado foi o estudo de caso e a investigação-ação.

Segundo (Ludovico, 2007), a investigação qualitativa proporciona aos investigadores um conhecimento intrínseco aos próprios factos, o que permite uma melhor compreensão do real. As questões a investigar na abordagem qualitativa não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo sim formuladas com a intenção de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.

Cruz (2011) recorre a Bogdan e Biklen (1994) para enumerar cinco características da investigação qualitativa, sendo elas:

- a fonte direta de dados, na investigação qualitativa, é o ambiente natural, pois o investigador entende que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no contexto natural de ocorrência.

Portanto, o conhecimento e a habitual presença no contexto, por parte do investigador, tornam-se essenciais;

- a investigação de carácter qualitativo é descritiva, uma vez que os dados recolhidos se apresentam em palavras e não em números. O investigador descreve os dados, analisando-os e retirando destes toda a sua riqueza;
- os investigadores qualitativos dão maior ênfase ao processo em que decorre a investigação do que propriamente aos resultados obtidos;
- na investigação qualitativa, os investigadores tendem a analisar os dados recolhidos de forma indutiva, não recolhendo bases com o objetivo de confirmar ou informar hipóteses construídas anteriormente;
- os investigadores, numa abordagem qualitativa, mostram maior interesse nas diferentes perspetivas dos sujeitos (Cruz, 2011, p.41).

Pretendeu-se estudar as duas crianças no ambiente da sala de atividades a que estão habituadas, não alterando as suas rotinas diárias, os resultados de cada sessão foram registados no decorrer da mesma e todas as atividades foram anteriormente planeadas recorrendo ao que preconizam as OCEPE (M.E, 1997) para a faixa etária referida.

Neste sentido, o estudo apresentado assume um caráter exploratório, assumindo a forma de estudo de caso, o qual *consiste numa investigação aprofundada de um indivíduo, de uma família, de um grupo ou de uma organização. Este tipo de investigação é útil para verificar uma teoria* (Fortin, 1999, p.147).

Sousa (2009) enumera algumas vantagens do estudo de caso, sendo elas a concentração das atenções do investigador, a oportunidade de utilização de diversos instrumentos de avaliação sobre um caso ou situação específica e a possibilidade de estudar um caso, de forma mais ou menos aprofundada, em pouco tempo.

No entanto, como refere Fortin (1999), a principal desvantagem deste tipo de estudo é o facto dos resultados não poderem ser generalizados.

3.4 - Caracterização das duas crianças

Para este estudo, foram escolhidas duas crianças, uma do sexo feminino, que será referenciada como 'Criança 1' e outra do sexo masculino, que será referenciada como 'Criança 2', ambas com três anos de idade, que no grupo apresentavam mais dificuldade no desenvolvimento da linguagem oral.

O quadro seguinte, apresenta as características das duas crianças, com base na informação recolhida através da observação do seu comportamento no dia a dia e no processo de cada uma, facultado pela educadora.

	<u>Criança 1</u>	<u>Criança 2</u>
<u>Bem-estar-emocional</u>	Mostra-se tranquila;	Criança instável que procura ser sempre o centro das atenções;
<u>Relacionamento com as outras crianças</u>	Relaciona-se bem, segundo os padrões para a sua idade, realiza atividade e brincadeiras em grupo;	Opta por brincadeiras individuais, participando raramente nas brincadeiras das outras crianças;
<u>Relacionamento com os adultos</u>	Relaciona-se bem e respeita os adultos bem como o que estes lhe dizem;	Desrespeita grande parte das vezes aquilo que lhe dizem ou mandam fazer;
<u>Dedicação</u>	Dedica-se às atividades que lhe são propostas, quando inicia uma atividade, só por ordem de um adulto é que não a termina;	Mostra pouco interesse pelas atividades que requerem mais atenção da sua parte;
<u>Dados familiares</u>	Vive com os pais, é filha única;	Tem três irmãos, todos mais velhos, os pais estão separados, a mãe saiu de casa, voltando periodicamente para ver a criança e os irmãos que ficaram com o pai;
<u>Área de Formação Pessoal e Social</u>	Apresenta um desenvolvimento global correspondente à sua idade, reconhece laços familiares, identifica os elementos da sua identidade cultural e social, realiza sem ajuda as tarefas indispensáveis ao seu dia a dia (vestir, calçar, higiene, comer);	Apresenta um desenvolvimento global mais lento do que as outras crianças da sua idade, reconhece laços familiares diretos tendo dificuldade em enumerar os irmãos, necessita de ajuda para a realização das tarefas indispensáveis ao seu dia a dia;
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Expressão Física e Motora</u> 	Apresenta um desenvolvimento apropriado à sua faixa etária, bom desenvolvimento da motricidade fina e grossa;	Apresenta um desenvolvimento apropriado à sua faixa etária, bom desenvolvimento da motricidade fina e grossa;
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Expressão Dramática</u> 	Apresenta um desenvolvimento apropriado à sua faixa etária, participando com entusiasmo nas atividades propostas;	Revela pouco interesse pelas atividades em grupo neste domínio;
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Expressão Plástica</u> 	Apresenta um desenvolvimento apropriado à sua faixa etária, utiliza e distingue corretamente as cores;	Apresenta dificuldades a distinguir as cores, utiliza sempre a mesma cor para desenhar;
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Expressão Musical</u> 	Participa com entusiasmo nas atividades proporcionadas pelo professor de Música;	Não mostra interesse pelas atividades, ficando várias vezes só a observar as outras crianças;
<u>Domínio da linguagem</u>	No domínio da linguagem oral, a	No domínio da linguagem oral, a

<u>oral</u>	criança revela dificuldades na formulação do discurso, trocando algumas letras e omitindo outras (amarelo - amaielo). No entanto, mostra-se participativa nas atividades de grupo que implicam a comunicação oral;	criança revela dificuldades na formulação do discurso, trocando algumas letras e omitindo outras (sapato - 'x'apato). Mostra-se pouco participativa nas atividades de grupo que implicam a comunicação oral;
<u>Domínio da Matemática</u>	Conhece os números e sabe identificá-los, sabe a sequência dos dias da semana, conhece e identifica figuras geométricas;	Conta com dificuldade até 10, sabe com dificuldade a sequência dos dias da semana e identifica algumas figuras geométricas;
<u>Área de Conhecimento do Mundo</u>	Apresenta um desenvolvimento apropriado, mostra que compreende e interpreta o mundo que o rodeia. Envolve-se com gosto nas atividades experimentais, respeitando instruções simples, distingue e enumera animais domésticos e selvagens.	Apresenta um desenvolvimento apropriado, mostra que compreende e interpreta o mundo que o rodeia. Envolve-se com gosto nas atividades experimentais, respeitando instruções simples, distingue e enumera animais domésticos e selvagens.

Quadro 3 - Caracterização das duas crianças

Fonte: Própria

Como é possível constatar através da análise do quadro 3, a Criança 1 apresenta um melhor desenvolvimento, transversal a todas as áreas de conteúdo face à Criança 2 que se apresenta com um desenvolvimento mais lento para a sua faixa etária, apresentando grandes dificuldades essencialmente na área das expressões, principalmente no domínio da expressão plástica, pois com quatro anos ainda não consegue distinguir as cores, no domínio da matemática e essencialmente, no domínio da linguagem oral, dificuldades essas que serão descritas e analisadas posteriormente.

Por sua vez, a Criança 1 apresenta apenas dificuldades significativas no domínio da linguagem oral.

A linguagem ocorre em todas as crianças dentro do mesmo período cronológico, no entanto, tendo em conta o desenvolvimento de criança para criança, o ritmo de aquisição da linguagem difere. Pode-se concluir, portanto, que a evolução da linguagem acompanha o

desenvolvimento normal da criança, isto é, a motricidade, a cognição, a autonomia e a socialização (Lima & Bessa, 2007 citado por Bonito, (2013)).

4. Desenvolvimento do projeto - Apresentação e discussão do projeto e dos resultados obtidos

De seguida serão apresentados os procedimentos e as técnicas utilizados na recolha de dados, serão evidenciadas as tabelas de avaliação utilizadas bem como as estratégias e materiais que serviram de apoio ao presente estudo. Por fim, terminar-se-á com as conclusões que foram retiradas do estudo.

4.1 - Procedimentos e técnicas adotadas na recolha dos dados

São diversos os instrumentos que se podem utilizar para uma investigação, mas o investigador tem de saber optar pelos que melhor se enquadrem às características da sua investigação. (Cruz, 2011, p.47)

Como tal, para este estudo de caso específico, optou-se pelo recurso à observação e ao preenchimento de uma tabela de evidências acerca do desenvolvimento da linguagem oral, que será apresentada posteriormente, referente a cada criança, elaborada com base no que preconizam as OCEPE (M.E, 1997), para a referida faixa etária. Apresenta-se dividida em quatro colunas, uma com os objetivos a alcançar e as outras três com os níveis de desempenho observados, sendo eles 'verificado', 'verificado mas com dificuldades' e 'não verificado'.

A tabela teve três momentos de preenchimento, o primeiro, no final do ano letivo da PES I, o segundo, no início do estudo e o terceiro no final do estudo. A diferença temporal entre o primeiro momento de preenchimento e o segundo, deveu-se ao facto da necessidade de analisar a evolução das crianças ao longo da interrupção letiva de verão.

Para o desenvolvimento do estudo, recorreu-se ao conto e reconto de histórias, que pelas suas características individuais, se considerou serem as mais adequadas. Algumas foram escolhidas pelas crianças e presentes na sala de atividades e outras introduzidas com o objetivo de desenvolver alguns sons específicos e promover o diálogo acerca de celebrações que ocorreram ao longo do referido período.

No seguinte quadro, pode ser consultado o planos das atividades desenvolvidas com as duas crianças:

Planificação de atividades

Data	Atividade desenvolvida	Escolha da história	Tipo de atividade	Materiais utilizados
<u>1ª Sessão:</u> 19 de maio de 2014	Leitura da história 'Os três porquinhos'. Reconto da história através de perguntas que foram sendo colocadas às duas crianças.	Crianças	Coletiva	História 'Os três porquinhos' existente na sala de atividades
<u>2ª Sessão</u> 17 de outubro de 2014	Leitura da história 'Os três porquinhos'. Reconto da história através de perguntas que foram sendo colocadas às duas crianças.	Crianças	Coletiva	História 'Os três porquinhos' existente na sala de atividades
<u>3ª Sessão</u> <u>24 de outubro de 2014</u>	Leitura da história 'A bruxa Mimi e os piratas'. Reconto da história através de perguntas que foram sendo colocadas às duas crianças.	Crianças	Coletiva	História 'A bruxa Mimi e os piratas' existente na sala de atividades
<u>4ª Sessão</u> 7 de novembro de 2014	Leitura da história 'O rato Ricardo'. Reconto da história através de perguntas que foram sendo colocadas às duas crianças.	Estagiária	Individual	História 'O rato Ricardo' Imagens da história
<u>5ª Sessão</u> 21 de novembro de 2014	Leitura da história 'As irmãs Sofia e Sara'. Reconto da história.	Estagiária	Individual	História As irmãs Sofia e Sara' Imagens da história
<u>6ª Sessão</u> 5 de janeiro de 2015	Conversa sobre o Natal e as férias onde as crianças devem explicar o que fizeram nas férias, que prendas receberam, oferecidas por quem e qual gostaram mais.	Estagiária	Coletiva	Diálogo
<u>7ª Sessão</u> 9 de janeiro de 2015	Leitura da história 'O lobo e os sete cabritinhos'. Reconto da história, alternadamente.	Crianças	Coletiva	História 'O lobo e os sete cabritinhos' Fantoches de dedo dos sete cabritinhos e do lobo mau
<u>8ª Sessão</u> 23 de janeiro de 2015	Perguntar às crianças se, se lembram da história do Rato Ricardo e das irmãs Sara e Sofia. Contar novamente a história. Reconto feito pelas crianças.	Estagiária	Individual	Diálogo, conto e reconto da história

Quadro 4 - Planificação das atividades

Fonte: Própria

Elaborada a planificação das atividades, as mesmas foram aplicadas em momentos diferenciados. Foi realizado o primeiro preenchimento do quadro de avaliação no dia dezanove

de maio de dois mil e catorze, o quadro de avaliação foi preenchido pela segunda vez no dia dezassete de outubro do mesmo ano e, por fim, o quadro de avaliação foi aplicado pela terceira vez no dia vinte e três de janeiro de dois mil e quinze.

Como se pode verificar através da consulta da planificação das atividades, entre o primeiro momento de avaliação que ocorreu na primeira sessão e o segundo momento de avaliação que aconteceu na segunda sessão, existiu um distanciamento de cerca de cinco meses. Para tal contribuiu a interrupção letiva de verão e a necessidade de avaliar a evolução das duas crianças em causa, durante a mesma interrupção. Posteriormente será feita a análise dessa avaliação e poderá constatar-se se existiram ou não alterações ao nível do desenvolvimento da linguagem oral das duas crianças em causa.

As atividades foram todas realizadas na sala de atividades, num meio ambiente que as crianças conhecem bem, como forma de facilitar a aprendizagem pois como perconizam as OCEPE (M.E, 1997, p.20), *o bem estar e segurança dependem também do ambiente educativo em que a criança se sente acolhida, escutada e valorizada, o que contribui para a sua auto-estima e desejo de aprender.*

Como se pode verificar na planificação das atividades (quadro 5), foram utilizadas cinco histórias diferentes, três existentes no jardim de infância e já conhecidas pelos alunos, sendo elas 'Os três porquinhos', 'A bruxa Mimi e os piratas' e 'Os sete cabritinhos', e duas de autoria própria, 'O Rato Ricardo' e 'As irmãs Sofia e Sara' que podem ser consultadas nos anexos 14 e 15, que foram produzidas, com vista a trabalhar os sons onde as crianças apresentaram maiores dificuldades de pronúncia, nomeadamente os fonemas 'R' e o 'S'.

Na primeira sessão, as crianças escolheram a história uma vez que o objetivo foi realizar uma avaliação diagnóstica. O facto de ser uma história já conhecida por elas, permitiu que ficassem mais desinibidas e confiantes. A história escolhida foi, tal como se pode verificar na ilustração 32, Os Três Porquinhos.

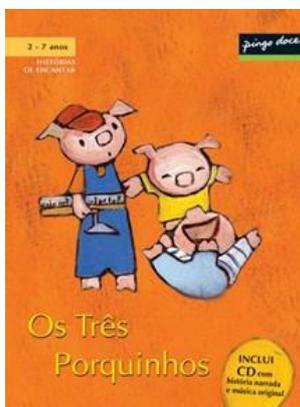


Ilustração 32- Livro 'Os três porquinhos'
Fonte: Própria

Na segunda sessão, repetiu-se o objetivo da primeira sessão mas com o intuito de avaliar a evolução da criança nos meses da interrupção letiva de verão. Recorreu-se novamente à história utilizada na primeira sessão, para os uma melhor comparação dos dados obtidos.

Na terceira sessão, foi pedido às crianças que, em conjunto, escolhessem uma história que ambas conhecessem e escondessem o livro para que ninguém conseguisse ver qual era. De seguida, foi-lhes solicitado que descrevessem a capa para que fosse possível adivinhar o nome do livro. Posteriormente, foi-lhes lida a história e solicitado que, através de perguntas sequenciais, que lhes foram sendo colocadas, recontassem a história. Como podemos verificar pela ilustração 33, a história escolhida foi 'A Bruxa Mimi e os Piratas', de Valerie Thomas e Korky Paul.

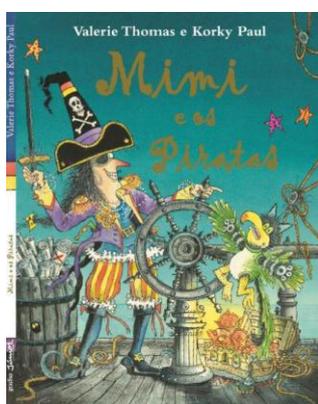


Ilustração 33 - Livro 'A Bruxa Mimi e os Piratas'
Fonte: Própria

Na quarta e quinta sessões, foi introduzida a história de 'O Rato Ricardo' e 'As irmãs Sofia e Sara' respetivamente, de fonte própria e que podem ser consultadas nos Anexos 14 e 15, com o objetivo de incidir no som da letra 'R' e 'S', uma vez que foram os sons em que as crianças mostraram as dificuldades. Estas sessões foram realizadas individualmente, primeiro com a Criança 2 e de seguida com a Criança 1.

Na sexta sessão, não houve o recurso a nenhuma história, no entanto foi desenvolvido um diálogo com as duas crianças do estudo, acerca das férias de Natal onde foram colocadas as seguintes questões:

- O que se celebrou durante as férias?
- O que pediste ao Pai Natal?
- Com quem passaste o Natal?
- Quantas prendas recebeste?
- Quem te ofereceu a prenda que gostaste mais? O que foi?

- O que gostarias de ter recebido e não recebeste?

Na sétima sessão, foi novamente solicitados às crianças que escolhessem uma história que fosse sua conhecida. Optaram pela história do 'Lobo e os Sete Cabritinhos' como se pode verificar na ilustração 34. Inicialmente foi-lhes pedido que a contassem, alternadamente. De seguida foi contada corretamente e por fim, recorrendo a pequenos fantoches de dedo, foi solicitados às crianças que contassem a história, recorrendo ao teatro de fantoches.

De seguida serão apresentados e analisados os resultados finais obtidos.



Ilustração 34 - Livro 'O Lobo e os sete Cabritinhos'
Fonte: Própria

4.2 - Análise e interpretação dos resultados

Como já referido anteriormente, a avaliação foi registada em quadros de evidência. De seguida serão apresentados os resultados obtidos para cada criança.

4.2.1 - Criança 1

Como pudemos observar no quadro 3, a Criança 1, é uma menina de 4 anos, proveniente de um meio familiar estável e potenciador de aprendizagens positivas e significativas. Mostrou-se calma e interessada ao longo de todas as sessões, manifestando vontade de aprender e corrigir alguns erros no seu discurso oral. Ao longo das sessões fez referência ao facto de contar aos pais o que acontecia ao longo de cada sessão, o que permitiu o consolidar de conceitos que foram sendo aprendidos.

De seguida poderão ser consultadas as tabelas de avaliação da Criança 1

Evidências do desenvolvimento da linguagem oral na faixa etária dos 4 anos	Verificado	Verificado, mas com dificuldades	Não verificado
Mostra compreender a informação que lhe é transmitida oralmente	X		
Partilha essa mesma informação de forma clara e expressiva		X	
Reconta histórias que lhe terão sido anteriormente contadas		X	
Descreve corretamente situações que vivenciou			X
Articula de forma clara as palavras mais utilizadas no seu quotidiano;		X	
Utiliza, corretamente, palavras que aprender recentemente		X	
Apresenta desvios fonológicos	X		
Organiza o discurso oral		X	
Emprega as concordâncias de género, tempo e lugar		X	

Quadro 5 - Primeira avaliação da Criança 1

Fonte: Própria

Evidências do desenvolvimento da linguagem oral na faixa etária dos 4 anos	Verificado	Verificado, mas com dificuldades	Não Verificado
Mostra compreender a informação que lhe é transmitida oralmente	X		
Partilha essa mesma informação de forma clara e expressiva		X	
Reconta histórias que lhe terão sido anteriormente contadas;		X	
Descreve corretamente situações que vivenciou		X	
Articula de forma clara as palavras mais utilizadas no seu quotidiano;		X	
Utiliza, corretamente, palavras que aprender recentemente		X	
Apresenta desvios fonológicos	X		
Organiza o discurso oral		X	
Emprega as concordâncias de género, tempo e lugar		X	

Quadro 6 - Avaliação intermédia da Criança 1
Fonte: Própria

Evidências do desenvolvimento da linguagem oral na faixa etária dos 4 anos	Verificado	Verificado, mas com dificuldades	Não verificado
Mostra compreender a informação que lhe é transmitida oralmente	X		
Partilha essa mesma informação de forma clara e expressiva	X		
Reconta histórias que lhe terão sido anteriormente contadas	X		
Descreve corretamente situações que vivenciou		X	
Articula de forma clara as palavras mais utilizadas no seu quotidiano	X		
Utiliza, corretamente, palavras que aprender recentemente		X	
Apresenta desvios fonológicos		X	
Organiza o discurso oral	X		
Emprega as concordâncias de género, tempo e lugar	X		

Quadro 7 - Avaliação final da Criança 1
Fonte: Própria

Como pudemos observar através da análise dos quadros de avaliação da Criança 1, esta mostrou uma notória evolução entre a primeira e a última avaliação. Entre a primeira e a segunda avaliação, período durante o qual ocorreu a interrupção letiva, não se registou nenhuma alteração considerável ao nível do desenvolvimento da linguagem oral, apenas se notou uma ligeira melhoria no que diz respeito a descrever de forma correta o que vivenciou. Mostrou-se bastante participativa e motivada no decorrer das atividades, evidenciou uma clara evolução na sua linguagem oral, conseguindo, sessão após sessão, evoluir de forma muito positiva.

No final das sessões, a Criança 1 mostrou compreender perfeitamente a informação que lhe é transmitida oralmente, melhorou no que diz respeito à partilha dessa mesma informação, consegue recontar as histórias que ouve recorrendo a concordância de pessoa, género e número corretos, articula de forma correta as palavras que fazem parte do seu dia a dia e conseguiu articular de uma forma mais clara as palavras com as letras 'R' e 'S' onde no início apresentou muitas dificuldades. No entanto, ainda se verificam algumas dificuldades na organização do seu discurso oral quando tenta recorrer a estruturas de frases mais complexas.

4.2.2 - Criança 2

Como pudemos observar no quadro 3, a Criança 2, é um menino de 4 anos, proveniente de um meio familiar destruturado, instável e pouco potenciador de aprendizagens positivas e significativas.

Os pais estão separados e a criança tanto está com um como com o outro, bem como os outros três irmãos mais velhos, não havendo uma rotina definida. Mostrou-se agitado e nem sempre mostrou interesse pelas sessões, exibindo-se pouco recetivo à correção dos erros cometidos no seu discurso oral e às indicações que lhe foram sendo dadas ao longo das sessões.

De seguida poderão ser consultadas as tabelas de avaliação da Criança 2:

Evidências do desenvolvimento da linguagem oral na faixa etária dos 4 anos	Verificado	Verificado, mas com dificuldades	Não verificado
Mostra compreender a informação que lhe é transmitida oralmente		X	
Partilha essa mesma informação de forma clara e expressiva			X
Reconta histórias que lhe terão sido anteriormente contadas			X
Descreve corretamente situações que vivenciou			X
Articula de forma clara as palavras mais utilizadas no seu quotidiano			X
Utiliza, corretamente, palavras que aprender recentemente;		X	
Apresenta desvios fonológicos	X		
Organiza o discurso oral			X
Emprega as concordâncias de género, tempo e lugar			X

Quadro 8 - Avaliação inicial da Criança 2

Fonte: Própria

Evidências do desenvolvimento da linguagem oral na faixa etária dos 4 anos	Verificado	Verificado, mas com dificuldades	Não verificado
Mostra compreender a informação que lhe é transmitida oralmente	X		
Partilha essa mesma informação de forma clara e expressiva			X
Reconta histórias que lhe terão sido anteriormente contadas;			X
Descreve corretamente situações que vivenciou			X
Articula de forma clara as palavras mais utilizadas no seu quotidiano			X
Utiliza, corretamente, palavras que aprender recentemente		X	
Apresenta desvios fonológicos	X		
Organiza o discurso oral			X
Emprega as concordâncias de género, tempo e lugar.		X	

Quadro 9 - Avaliação intermédia da Criança 2

Fonte: Própria

Evidências do desenvolvimento da linguagem oral na faixa etária dos 4 anos	Verificado	Verificado, mas com dificuldades	Não verificado
Mostra compreender a informação que lhe é transmitida oralmente	X		
Partilha essa mesma informação de forma clara e expressiva;		X	
Reconta histórias que lhe terão sido anteriormente contadas		X	
Descreve corretamente situações que vivenciou;		X	
Articula de forma clara as palavras mais utilizadas no seu quotidiano	X		
Utiliza, corretamente, palavras que aprender recentemente		X	
Apresenta desvios fonológicos		X	
Organiza o discurso oral		X	
Emprega as concordâncias de género, tempo e lugar	X		

Quadro 10 - Avaliação final da Criança 2

Fonte: Própria

Por seu lado, a Criança 2 evidenciou uma evolução pouco significativa, apresentando-se constantemente distraída e pouco recetiva às atividades a que era proposta. No entanto, ao longo das sessões mostrou uma evolução positiva no que concerne à compreensão do que lhe é transmitido oralmente, conseguiu articular de uma forma mais clara as palavras e expressões do seu dia a dia e da sua rotina e evidenciou uma melhoria no seu discurso no que diz respeito aos desvios fonológicos referentes às letras 'R' e 'S', mostrando ainda dificuldades na partilha de informação que vivenciou ou que lhe foi transmitida e no que diz respeito à organização do seu discurso oral, não recorrendo ao uso de frases de estrutura complexa.

No que concerne aos desvios fonológicos, a Criança 2 mostrou pouca evolução, no entanto pudemos observar uma ligeira evolução, nomeadamente nas palavras mais retratadas nas duas histórias, 'O Rato Ricardo' e 'As irmãs Sofia e Sara'.

Retomando os objetivos inicialmente propostos, nomeadamente:

- Verificar o desempenho linguístico da criança;
- Apresentar propostas diversas e dinâmicas facilitadoras da aquisição da linguagem oral;
- Conhecer as competências evidenciadas pela criança após a leitura e reconto de um conjunto de histórias;
- Verificar a evolução, ou não, das crianças face às mesmas estratégias adotadas.

Podemos afirmar que de um modo global, ambas as crianças mostraram evolução no seu discurso oral.

O desempenho linguístico das duas crianças foi verificado através das avaliações que clarificaram a evolução das duas crianças, com destaque para a Criança 1, que evidenciou uma maior evolução a nível da linguagem oral. Foram apresentadas e utilizadas diversas propostas para o desenvolvimento da aquisição da linguagem oral, bem como o conto e reconto de histórias, o conto de acontecimentos vivenciados pelas crianças e o recurso a fantoches, o que se mostrou bastante motivador e cativante para ambas as crianças, tendo sido nesta atividade que a Criança 1 mostrou maior interesse e atenção, o que levou à obtenção de resultados positivos. Foi analisada a evolução das duas crianças face às estratégias adotadas, evolução esta que se mostrou bastante significativa em ambas as crianças com destaque para a Criança 1 que evidenciou uma maior evolução.

Tal facto, remete para a importância de uma intervenção precoce por parte do educador, quando se depara com crianças com este tipo de dificuldades no desenvolvimento da linguagem oral.

5. Considerações Finais

O presente trabalho apresenta-se como o produto final de duas PES, a primeira no âmbito da Educação Pré-Escolar e a segunda no âmbito do Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico que decorreu nas instituições referidas no Capítulo I. No decorrer da PESI foi analisado o estudo de caso relacionado com o desenvolvimento da linguagem oral.

Segundo Sim-Sim (1998), a linguagem está presente em todas as comunidades humanas, dando-se a aquisição da linguagem, pelas crianças, no meio onde estão envolvidas e nos grupos sociais a que pertencem.

Como já vimos anteriormente, a linguagem oral e o seu desenvolvimento pode ser influenciado por vários fatores.

Para o estudo foram escolhidas duas crianças completamente diferentes, provenientes de meios socioeconómicos, também eles díspares, o que se mostrou um elemento determinante na sua evolução ao longo do estudo, uma vez que a Criança 1, proveniente de um meio socioeconómico mais favorável, apresentou uma evolução ao nível da linguagem oral, muito mais positiva que a Criança 2, proveniente de um meio socioeconómico mais instável.

Um ponto importante a referir é a influência que o meio onde a criança se insere, tem no seu desenvolvimento geral. Pudemos observar, que a Criança 2, proveniente de um meio familiar destruturado, se mostrou menos recetiva e com atitudes e comportamentos desestabilizadores. Em contrapartida, a Criança 1, que provem de um meio familiar estável, mostrou uma maior evolução, fazendo mesmo referência ao envolvimento dos pais nas sessões, de forma indireta, ao referir que lhes conta o que faz no jardim, nomeadamente ao longo destas sessões. Tal facto, contribuiu também para o sucesso desta criança ao longo de todo o estudo.

Outro ponto importante a referir prende-se com o facto dos recursos materiais associados à leitura e à exploração de histórias, nomeadamente os fantoches, terem sido um elemento bastante motivador para ambas as crianças, pois a sétima sessão foi a em que ambas se mostraram mais interessadas e participativas. Isso leva a uma reflexão acerca da importância de utilizar material diversificado e estimulante na sala de atividades e escolher de forma profícua, os recursos que podem ser associados à leitura e ao desenvolvimento da linguagem oral.

Concordando com o que é referido nas OCEPE (M.E, 1997) pode-se considerar que os meios e estratégias utilizados, devem ser muito bem escolhidos tendo em conta, a idade, fase de desenvolvimento e as necessidades do público alvo.

Assim, o educador deve ter pleno conhecimento do grupo de crianças e das suas dificuldades, para poder, atempadamente, optar pelas estratégias que melhor se adaptam ao grupo.

Assim, podemos concluir que as histórias, na sua vertente de conto e reconto, quando exploradas de forma premeditada e planeada, podem ajudar a criança a colmatar dificuldades que se prendem com o desenvolvimento da linguagem oral. As duas crianças analisadas neste estudo, mostraram evoluir após a utilização das histórias como forma de desenvolver a linguagem oral.

Todos os objetivos, a que o presente estudo foi inicialmente proposto, foram cumpridos através da realização das atividades, como já pudemos observar anteriormente, na análise dos quadros de avaliação das duas crianças.

Assim, à questão 'Serão as histórias, através do conto e reconto, uma estratégia importante no desenvolvimento da linguagem oral?', a questão que orientou todo o nosso estudo, é possível neste momento responder afirmativamente, não obstante as limitações de um estudo desta índole. De facto, as histórias parecem-nos uma estratégia importante no desenvolvimento da linguagem oral, embora este estudo de caso, pelas suas limitações quer temporais, quer de *corpus*, não possa ser generalizado, uma vez que envolveu apenas duas crianças, e apesar de a análise dos resultados obtidos ter sido bastante positiva, não poderão generalizar-se os resultados.

Em suma e concordando com Sprinthall & Sprinthall (1993), pode-se considerar que quanto mais cedo forem identificadas as dificuldades das crianças, mais rápida e eficaz poderá ser a intervenção do educador, no sentido de as resolver de uma forma profícua, de modo a tornar a criança, progressivamente, num adulto competente do ponto de vista linguístico.

Conclusão

O presente relatório de estágio tornou possível o alargamento do conhecimento sobre a temática abordada relativa à compreensão e produção da linguagem oral. Para tal, contribuíram de forma profícua as PES I e a PES II, embora o estudo se tenha devolvido no decorrer da PES I.

Tal como foi referido nas metodologias utilizadas, foi necessário elaborar objetivos à medida que iam decorrendo as sessões, para a realização do estudo que se enquadra no paradigma qualitativo, de modo a facilitar a sua concretização ao longo das atividades que foram sendo desenvolvidas, os quais podemos afirmar que foram atingidos. Inicialmente foi feito um estudo das duas crianças e das características que apresentaram, não só a nível da linguagem oral mas também do seu desenvolvimento global e relacionamento com os outros. Só a partir daí foi possível traçar objetivos e planificar atividades que se enquadrassem às suas necessidades. Os objetivos a que nos propusemos a atingir, foram comuns às duas crianças que manifestaram resultados diferentes como pudemos observar, sendo que uma criança mostrou uma maior evolução face à outra criança.

Ao longo das PES I e PES II, foi possível constatar a importância determinante de planificar e refletir acerca das atividades que foram realizadas em ambos os ciclos de ensino, o que fez com que o tempo que lhes foi dedicado tenha servido para melhorar, sessão após sessão, a eficácia com a qual as mesmas foram sendo desenvolvidas. Após cada sessão, foi realizada uma reflexão crítica que permitiu confrontar e tentar colmatar as dificuldades que foram surgindo, destacando-se a forma como se gere o tempo em sala de aula e a diversidade de personalidades que se podem ter dentro da sala, tanto a nível do Pré-Escolar como do 1º CEB.

Na minha opinião, foi muito positivo ter iniciado a PES pela Educação Pré-Escolar uma vez que esse facto nos permitiu perceber e acompanhar a evolução natural das crianças, começando com uma idade mais precoce de conhecimento. Estas receberam-nos e integraram-nos nas suas rotinas diárias com bastante facilidade o que contribuiu de forma significativa para o sucesso da PES I. Foi-nos dada a possibilidade de lecionar todas as áreas das OCEPE, já abordadas anteriormente, incidindo sobretudo em atividades de memorização, de desenvolvimento do pensamento lógico e raciocínio, desenvolvimento da linguagem, em atividades relacionadas a área das expressões, abordando os seus quatro domínios e atividades de formação pessoal e social de modo a promover o desenvolvimento e a integração das crianças na sociedade e no meio que as envolve. Foram ainda desenvolvidas atividades que realçaram as atitudes e os valores de modo a formar cidadãos cultos, responsáveis e conscientes dos seus direitos e deveres. Um dos grandes desafios da PES I prendeu-se com a necessidade de

aprender a lidar com um grupo de crianças de apenas três anos e com as suas pequenas birras, o que levou à necessidade de encontrar métodos e estratégias de as contornar, o que nem sempre se mostrou ser uma tarefa fácil.

As maiores dificuldades prenderam-se com a gestão do tempo das atividades uma vez que as crianças de três anos nem sempre se mostraram muito recetivas principalmente a atividades de longa duração que envolvessem longos períodos de concentração, o que fez com que, inicialmente, tivessem de ser feitas várias adaptações às atividades planeada, que, com o passar do tempo e à medida que se foram conhecendo as crianças e os seus ritmos de trabalho, deixou de ser uma dificuldade. A interação com a educadora cooperante, que se mostrou sempre disponível para ajudar, tirar dúvidas e apoiar quando surgiram algumas hesitações, revelou-se uma mais-valia na satisfação das necessidades, dos interesses e do bem-estar das crianças. É de realçar também o bom relacionamento com a restante comunidade escolar com quem a PES I foi desenvolvida, que sempre se mostraram disponíveis para ajudar.

No que diz respeito à PES II no 1º CEB, a prática permitiu verificar que atualmente existem muitas falhas a nível do ensino em Portugal. Hoje, o professor não são só um educador transmissor de conhecimento, mas também desempenha muitas funções administrativas, resultantes da atual implementação dos mega agrupamentos, que nos fez sentir a dificuldade e pouca autonomia que o professor atualmente possui.

Com a PES II foi também possível observar, embora que por pouco tempo, a relação que os encarregados de educação mantêm com a escola e observar que, ao contrários dos encarregados presentes e sempre disponíveis para colaborar com a escola no processo de aprendizagem dos seus educandos, existem também encarregados de educação se mostram totalmente ausentes, dificultando a comunicação entre a escola e os mesmos embora, atualmente, o atual estatuto do aluno procure tornar os pais mais ativos no processo de aprendizagem dos seus filhos, não só responsabilizando-os das atitudes menos corretas do seu educando, mas também através de um maior contacto entre a escola e os encarregados de educação, o que nem sempre se mostra ser possível.

Outro aspeto visível ao longo da PES II, foi a desvalorização de áreas como a cidadania, as expressões e até o acompanhamento ao estudo, face às áreas que atualmente se consideram mais importantes. De facto, o currículo complexo e extenso do 3º ano de escolaridade, deixa pouco tempo ao professor para conseguir desenvolver a área das expressões, que acaba por ficar para segundo plano, independentemente da sua elevada importância nesta idade.

As principais dificuldades sentidas ao longo da PES II prenderam-se, essencialmente, com a falta de prática nas sessões iniciais, o que levou a dificuldades na gestão do tempo e do grupo, uma vez que a turma era constituída por alunos muito diferentes e com níveis de

aprendizagem distintos. Para colmatar as dificuldades, foram muito importantes as reflexões críticas iniciais acerca da prática pedagógica pois tornaram possível o desenvolvimento de estratégias de ensino que foram ao encontro das necessidades dos alunos.

Outro momento considerado de elevada pertinência foi a participação na avaliação de cinco alunos no final do 1º período, o que permitiu o contacto com todas as ações administrativas e burocráticas que têm de ser tomadas e com o próprio processo de avaliação, em si, a qual, indo ao encontro da opinião de Martins (2013), a avaliação de competências deve ser contextualizada e baseada em critérios que acabam por determinar procedimentos mais adequados para recolher informação de qualidade que evidencie as aprendizagens realizadas. Assim, torna-se importante dar a conhecer aos pais o trabalho que é desenvolvido pelos alunos ao longo do tempo, condensando e quantificando o conhecimento adquirido, em escalas de critérios.

No que concerne à elaboração do presente relatório, a principal dificuldade foi a falta de prática na elaboração de um trabalho desta natureza com todas as regras que dele fazem parte.

Assim, conclui-se que todo o trabalho desenvolvido constitui uma boa base para a prática pedagógica futura, fazendo a ponte entre o saber o teórico e o saber prático. Uma boa base teórica, constitui um elemento de extrema importância para o sucesso na prática. Ambas as PES foram concluídas de forma muito positiva, constituindo um momento fulcral no desenvolvimento e na formação como educadora/professora, tendo para isso também contribuído o excelente exemplo da educadora cooperante e da professora cooperante.

Há ainda a considerar que as turmas são sempre heterogéneas e que cada criança apresenta características próprias, o que leva a que seja sempre necessário considerar a criança e as suas potencialidades para que o processo de ensino seja eficaz.

Bibliografia

Abrunhosa, S. (2008). *Concepções dos professores do 1º ciclo do Ensino Básico sobre a Educação para a Cidadania*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Alarcão, I. (1996). *Ser professor Reflexivo*. Porto: Porto Editora.

Antunes, C. F. (2013). *Caracterização do nível de consciência fonológica em crianças de idade pré-escolar*. Setúbal: Escola Superior de Saúde.

Baranita, I. M. (2012). *A importância do Jogo no desenvolvimento da Criança*. Lisboa. Escola Superior de Educação Almeida Garrett.

Barbosa, F. (2011). *Qual a importância da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem?* Revista digital. Buenos Aires. Nº 160.

Bonito, S. (2013). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar: A linguagem oral e abordagem à escrita no processo de aprendizagem da criança*. Évora: Escola Superior de Educação.

Cepa, C. (2014). *Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada*. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda.

Costa, F. M. (2012). *Representações de Egocentrismo (Jogo Simbólico e Linguagem) numa sala de 2 anos durante as atividades livres*. Escola Superior de Educação de Santa Maria.

Costa, S. (2010). *Perturbações da Linguagem (Parte I)*. (s.l)

Craveiro, M. C., & Ferreira, I. P. (2007). *A Educação Pré-Escolar face aos desafios da sociedade do futuro*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Cruz, M. S. (2011). *As histórias como recurso para o desenvolvimento da linguagem oral*. Faro: Universidade do Algarve.

Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R., & Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática. Guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal Editores.

DEB. (2006). *Organização curricular e Programas do Ensino Básico - 1º ciclo*. Mem Martins: Ministério da Educação.

Delors, J. (1998). *Educação um Tesouro a Descobrir*. Cortez Editora. Unesco.

Dias, C. (2011). *A importância de contar histórias no Jardim-de-Infância*. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Educação, C. N. (2011). *Estado da Educação 2011. A qualificação dos portugueses*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação e Ciência.

- Educação, D. R. (2008). *Educação Pré-Escolar e Avaliação*. Região Autónoma dos Açores: Tipografia Moderna.
- Faria, R. (2009). *A influência do meio sócio-económico e cultural na aprendizagem da leitura e da escrita*. Porto.
- Fernandes, A. M. (2012). *O Jogo Simbólico na Educação Pré-Escolar – Diferenças e semelhanças de género*. Castelo Branco: Instituto Politécnico de Caslelo Branco.
- Ferreira, C. (2006). A avaliação formativa vivida pelos professores do 1º ciclo do Ensino Básico. *Revista Portuguesa de Pedagogia* .
- Ferreira, E. (2012). *Relatório de Estágio de Prática de Ensino Supervisionada*. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda.
- Fortin, M.-F. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Gaspar, D. (2010). *Avaliação das crianças na educação Pré-Escolar: uso do portefólio como instrumento de avaliação*. Universidade do Minho.
- Godoi, L. S. (2012). *Zona de desenvolvimento proximal, aprendizagem cooperativa e tutoria entre pares: implicações para a qualificação da prática pedagógica nos centros de educação infantil*. *Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós* .
- Gonçalves, E. (2012). *Avaliação da leitura em alunos do 3º e 4º anos de escolaridade: comparação dos desempenhos em função da tarefa usada e sua realção com o desempenho escolar a língua portuguesa*. Braga: Faculdade de Ciências.
- Gonçalves, V. (2011). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- Lage, J. (2010). *Educador/Professor: do pensamento à acção*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Lentin, L. (1990). *A criança e a linguagem oral. Ensinar a falar: Onde? Quando? Como?* Lisboa: Livros Horizonte.
- Ludovico, O. (2007). *Educação Pré-escolar: currículo e supervisão*. Penafiel. Biblioteca Pública Municipal do Porto.
- Martins, H. (2012). *Docente Generalista em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico: uma visão sobre a prática nos diferentes contextos educativos*. Porto: Escola superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Martins, P. (2013). *Um estudo sobre as práticas de avaliação de aprendizagem do 1º ciclo do ensino básico*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Medeiros, F. (2012). *A Educação Físico-Motora na Educação Pré-Escolar e no 1º ciclo do Ensino Básico: Pensar em Práticas de Intervenção Promotoras de Aprendizagens*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

- Mendes, L. M. (2012). *A linguagem oral na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico*. Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores.
- Ministério da Educação. (2007). *Educação e formação em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2004). *Organização curricular e programas - Ensino Básico 1º Ciclo* (4ª Edição ed.).
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2012) Critérios de avaliação - 1º Ciclo. Lisboa
- Neto, M. J. (2011). *A Topinímia da cidade da Guarda e a construção da memória pública no século XX*. Lisboa.
- Pacheco, J. A. (1990). *Planificaçã didáctica: Uma abordagem prática* . Universidade do Minho .
- Papália, E. D. (2006). *Desenvolvimento Humano* (8ª Edição ed.). Editora Artmed.
- Piaget, J. (1973). *Seis estudos de Psicologia*. Lisboa. Editora Forense Universitária.
- Reis, P. (2010). *Estudo do meio: propostas de investigação sobre o ambiente natural*. Editora Texto.
- Ribeiro, S. (2004). *Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo*. Universidade Estadual de Feira de Santana.
- Richelle, M. (1976). *A aquisição da linguagem*. (s.l)
- Rosado, A., & Silva, C. (s/d) *Conceitos básicos sobre avaliação das aprendizagens*. Porto Alegre.
- Sá, C. M. (2012). *Transversalidade da Língua Portuguesa: representações, instrumentos, práticas e formação*. Aveiro.
- Santos, C. (2010). *O dia-a-dia no Jardim de Infância: Importância atribuída pelos Educadores de Infância aos momentos de rotina*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sousa, C. (2005). A teoria sociocultural de Vygotsky. In G. Miranda, & S. Bahia, *Psicologia da Educação – Temas de Desenvolvimento, Aprendizagem e Ensino* (pp. 43-50). Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Spencer, B. (2013). *O Desenvolvimento da Formação Pessoal e Social em Contexto de Jardim de Infância* . Universidade do Algarve.
- Vygotsky, L. (2000). *Pensamento e linguagem* (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Zabalza, M. A. (1998). *Didática da Educação Infantil* (2ª Edição ed.). Rio Tinto: Edições Asa.

Zabalza, M. A. (1992 - 1ª edição). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Edições ASA .

Webgrafia

Caraterização dos ciclos consultada em <http://pt.scribd.com/doc/25770936/Caracterizacao-Dos-Ciclos-1%C2%BA-Ciclo#scribd>, acedido a 20 de fevereiro de 2015.

Matriz curricular do 1º ciclo consultada em www.dge.mec.pt/matriz-curricular-do-1o-ciclo acedido a 20 de fevereiro de 2015.

Informação referente ao município da Guarda e ao Bairro do Bonfim consultada em www.mun-guarda.pt/Portal/concelho.aspx, acedido a 14 de agosto de 2015.

Eduardo Sá consultado em <http://miminhosecarinhos.blogspot.pt/2009/09/so-para-pais-por-eduardo-sa.html>, acedido a 1 de outubro de 2015.

Informações curriculares acerca da Expressão Físico-Motora consultada em http://terraencantada.me/atividade_fisica.html, acedido a 14 de outubro de 2015.

Informações curriculares acerca da Expressão Físico-Motora consultada em www.crmariocovas.sp.gov.br/inf_a.php?t=007, acedido a 14 de outubro de 2015.

Caraterização dos ciclos consultada em <http://pt.scribd.com/doc/25770936/Caracterizacao-Dos-Ciclos-1%C2%BA-Ciclo#scribd>, acedido a 20 de fevereiro de 2016.

Imagem da Escola Básica do Bonfim consultada e retirada de [://www.google.pt/search?q=escola+b%C3%A1sica+do+bonfim+guarda&biw=1517&bih=741&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiktPul1v_MAhVDHxoKHW9GCD0Q_AUIBigB&dpr=0.9#tbn=isch&q=nova+escola+b%C3%A1sica+do+bonfim+guarda&imgcr=EM_37z0wk_tI6M%3a](http://www.google.pt/search?q=escola+b%C3%A1sica+do+bonfim+guarda&biw=1517&bih=741&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiktPul1v_MAhVDHxoKHW9GCD0Q_AUIBigB&dpr=0.9#tbn=isch&q=nova+escola+b%C3%A1sica+do+bonfim+guarda&imgcr=EM_37z0wk_tI6M%3a), acedido a 29 de maio de 2016.

Anexos

Anexo 1

Avaliação de uma criança do grupo pré-escolar

É uma criança com 4 anos que se mostra bem adaptada ao Jardim de Infância e ao grupo onde se insere bem como à educadora, auxiliares e nos dois últimos períodos letivos, às estagiárias.

Dá-se bem com todo o grupo não havendo nenhuma criança de quem se mantenha mais afastada, no entanto e em caso contrário, mostra maior interesse pela colega Ana Teresa, no entanto, para o fim do 3º período, a Sara começou a brincar e relacionar-se mais com as restantes crianças por igual.

Conhece, identifica e respeita facilmente as regras da sala bem como de todo o jardim, participa nas atividades que lhe são propostas tentando sempre leva-las até ao fim de modo satisfatório, no entanto nem sempre participa nas atividades de forma espontânea, sendo por vezes necessário chamá-la à atenção por estar distraída. É uma criança que se distrai muito facilmente, o que faz com que por vezes não saiba responder ao que lhe é perguntado.

Analisando a avaliação diagnóstica realizada no início do ano letivo e repetida agora no final, mostra clara evolução a vários níveis.

Assim analisando as resposta obtidas:

Questão nº	1ª Avaliação		2ª Avaliação		Evoluiu	Manteve	Regrediu
	RC	RI	RC	RI			
1		X	X		X		
2	X		X			X	
3		X	X		X		
4		X	X		X		
5	X		X		X		
6	-	-	-	-	X		
7	-	-	-	-	X		
Legenda:							
RC: Resposta correta							
RI: Resposta incorreta							

- Na questão número um existe uma notória evolução sendo que na 2ª avaliação já conseguiu contar e identificar corretamente os objetos presentes na imagem.
- Na questão número dois respondeu de forma correta em ambas as avaliações, no entanto, na 2ª observei uma evolução a nível da linguagem oral, uma vez que pronunciou de forma correta as palavras ao contrário do que aconteceu na 1ª avaliação.
- Na questão número três existe, novamente, uma notória evolução a nível da motricidade fina uma vez que conseguiu pintar de forma mais correta na 2ª avaliação.

- Na questão número quatro é também notória a evolução uma vez que na 2ª avaliação, ao contrário do que aconteceu na 1ª, conseguiu identificar sem dificuldades todos os elementos e fazê-los corresponder corretamente.
- Na questão número cinco respondeu corretamente nas duas avaliações no entanto, na 2ª avaliação respondeu de forma mais clara.
- Na questão número seis é notória a evolução a nível do desenho uma vez que na segunda avaliação já possível identificar os elementos da figura humana: Cabeça com olhos, boca e cabelo, dois braços e duas pernas. No entanto não desenhou as mãos o que não se verifica noutros desenhos da figura humana nos quais desenha mãos com cinco dedos cada uma, mostrando correto conhecimento da figura humana.
- Na questão número sete, identifica corretamente alguns elementos em ambas as avaliações, no entanto, na 2ª avaliação mostra um maior sentido crítico aproximando-se mais da realidade da imagem.

É uma criança que mostra um desenvolvimento normal para a idade em que se encontra, expressa-se corretamente utilizando a expressão oral, relata sem problemas os acontecimentos recentes, mais precisamente nas conversas acerca do fim-de-semana, relaciona-se bem com o grupo à sua volta, é responsável e autónoma, consegue identificar a 1ª letra do seu nome e identifica também a dos colegas, desempenha corretamente as suas funções de chefe e participou sempre nas atividades que lhe foram propostas, tanto no ambiente do jardim-de-infância como no exterior.

Anexo 2

Exemplo de uma planificação da área de Formação
Pessoal e Social



PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Educador Cooperante: Celeste Mendonça		
Aluno: Marta Melo; Tânia Duarte		Local de Estágio: Jardim de Infância da Sé		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data: 1 de Abril 2014		
Grupo: 3/4 anos		Tempo: Dia completo		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">• Área da Formação Pessoal e Social: a mentira.• Área de Expressão e	<ul style="list-style-type: none">• Explorar o sentido da mentira;• Desenvolver:<ul style="list-style-type: none">➢ A capacidade de comunicação;➢ Expressão oral;➢ A motricidade fina;	<ul style="list-style-type: none">• Dia das mentiras;• Mentira/verdade;• Valores.	<ul style="list-style-type: none">• História 'O Pinóquio'• Ficha de trabalho• Tesoura• Cola	<p>Direta (através da participação e empenho das crianças)</p> <p>Indireta (através da realização da</p>

<p>Comunicação: o: Domínio da linguagem oral;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área das Expressões : Expressão Plástica 				ficha de trabalho)
--	--	--	--	--------------------

Processos de Operacionalização:

O dia inicia-se com um tempo de realização de jogos de mesa.

Seguidamente, na área da leitura/ conversa, escolhe-se o chefe, marcam-se as presenças e questionam-se as crianças sobre o que se comemora no dia 1 de abril.

Após o lanche, as crianças sentar-se-ão nas almofadas da área da leitura para ouvir a história 'O Pinóquio', reforçando a importância de não recorrer à mentira seja em que ocasião for, e as consequências que daí advêm.

Segue-se um tempo de brincadeira livre, em que cada criança regista no quadro “espaço de brincar” o local para onde quer ir brincar;

No período da tarde será realizada uma ficha de trabalho sobre a história, na qual as crianças terão de pintar as várias partes da figura do Pinóquio, recortá-las e colá-las no sítio correto de forma a obter a figura do Pinóquio.

Anexo 3

Exemplo de uma planificação da área de Expressão
Físico-Motora



PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Educador Cooperante: Celeste Mendonça		
Aluno: Tânia Duarte		Local de Estágio: Jardim de Infância da Sé		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data: 2 de Junho 2014		
Grupo: 3/4 anos		Tempo: Dia Completo		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">Área de Expressão e Comunicação;<ul style="list-style-type: none">Área das expressões: Expressão plástica e expressão físico-motora;Área do conhecimento do	<p>Desenvolver:</p> <ul style="list-style-type: none">A autoconfiança e autoestima;O nível funcional das capacidades motoras dos alunos;As relações espaciais em função do seu próprio corpo;A participação em jogos de equipa e a compreensão das regras;Incutir o gosto pela atividade física;Proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e fina, de modo a	<ul style="list-style-type: none">O dia da criança;Jogos tradicionais;	<ul style="list-style-type: none">Computador e colunas;Cerejas;Cordas;Papel de cenário;Pinturas Faciais;Tintas;Pincéis;	<ul style="list-style-type: none">Direta (através da participação, empenho e motivação das crianças).

mundo;

permitir que cada criança aprenda a utilizar e a dominar melhor o seu corpo.

Processos de Operacionalização:

Neste dia pretende-se proporcionar um dia diferente, com atividades relativas ao dia da criança.

Assim, ao longo do dia não haverá uma planificação estipulada mas sim, várias atividades como jogos tradicionais, individuais e em equipa, pintar com as mãos e com pinceis e pinturas faciais.

Descrição dos jogos:

Urso dorminhoco: Desenha-se um quadrado grande no chão. As crianças dividem-se por quatro equipas que correspondem uma a cada canto do quadrado. Esse canto será o refúgio de cada equipa que terá um nome pré-definido, escolhido pelas crianças. No centro do quadrado estará deitado o Urso Dorminhoco. Ao sinal da Educadora, as crianças começam a correr pelo espaço. A um segundo sinal o Urso Dorminhoco levanta-se e tenta apanhar as crianças. Ganha a equipa que chegar ao fim com mais elementos sem serem caçados.

Macaquinho do chinês: As crianças jogam num sítio onde haja uma parede. Uma criança, o ‘Macaquinho chinês’, posicionam-se junto ao muro, virada para a parede, e de costas para as outras crianças que estão lado a lado a cerca de 10 metros. Enquanto o Macaquinho diz ‘1,2,3 Macaquinho do Chinês’, as outras crianças devem mexer-se na direção do muro. Quando o Macaquinho se virar, as outras crianças devem ficar

todas imóveis.

Jogo da corrente: As crianças distribuem-se pelo espaço enquanto uma delas fica a tentar apanhá-las. À medida que vão sendo apanhadas, as crianças dão a mão, formando uma corrente. Apenas as das extremidades da corrente podem apanhar.

Jogo das cerejas: Penduram-se cerejas numa corda, ganha a criança que com as mãos atrás das costas, consiga apanhar mais cerejas com a boca.

Ao longo do dia, haverá também música ambiente.

Anexo 4

Exemplo de uma planificação da área de Expressão
Musical

PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Educador Cooperante: Celeste Mendonça		
Aluno: Tânia Duarte		Local de Estágio: Jardim de Infância da Sé		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data: 18 de Março 2014		
Grupo: 3/4 anos		Tempo: 90 minutos		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> Expressão Musical 	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver: <ul style="list-style-type: none"> A expressão oral; Capacidade expressiva; A memorização; A capacidade auditiva. 	<ul style="list-style-type: none"> Dia do Pai 	<ul style="list-style-type: none"> PowerPoint com imagens sobre a história “Pê de Pai” Música e vídeo “ Eu gosto e do papá” 	<p>Direta (através da expressividade dos alunos sobre a historia e a memorização da musica)</p>

Processos de Operacionalização:

A sessão inicia-se com a revisão da história que foi contada na sessão anterior, com cada criança a contar um bocadinho da mesma. Seguidamente iremos ouvir uma canção sobre o dia do pai.

De seguida as crianças serão questionadas sobre: 'Porque é que gostam muito do pai?', 'Digam uma coisa boa sobre o Pai?'

Espaço de brincar- as crianças escolhem uma área para irem brincar.

Por fim, voltam novamente a ouvir a música mimando-a para facilitar a sua memorização.

Letra da música "Eu gosto é do Papá", ritmo da música "Eu gosto é do verão" dos GNR

Autora: Alda Casqueira

Em março é dia do pai
A pessoa que eu mais quero bem
Ela sabe que eu o adoro
E sei que ele gosta de mim também
Gosto que ele me venha acordar
Com beijinhos cheios de ternura
Gosto que ele me leve a passear
E viver uma grande aventura

Refrão:

Eu gosto é do papá
De passear com ele p'la mão
Correr, saltar e bincar
E à noite ver televisão
E ao fim do dia, bem abraçados
Nós dois vamos dormir
Até que o dia
Volte para nós a sorrir

Anexo 5

Exemplo de uma planificação da área de Expressão
Plástica



PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Educador Cooperante: Celeste Mendonça		
Aluno: Tânia Duarte		Local de Estágio: Jardim de Infância da Sé		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data: 19 de Maio 2014		
Grupo: 3/4 anos		Tempo: Dia Completo		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">• Área de Expressão e Comunicação;• Área de matemática;• Área do conhecimento do mundo;	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolver:<ul style="list-style-type: none">• A expressividade;• A motricidade fina;• Conhecimento linguístico;• Promover o conhecimento das formas geométricas.	<ul style="list-style-type: none">• Formas geométricas	<ul style="list-style-type: none">• Canção “as formas geométricas”• Ficha das formas geométricas• Lápis de cor	<ul style="list-style-type: none">• Direta (através da participação e empenho das crianças);• Indireta (através da realização da ficha de trabalho)

Processos de Operacionalização:

A sessão inicia-se com as crianças na área da conversa/leitura, onde contarão os acontecimentos mais relevantes que ocorreram durante o fim-de-semana, será eleito o chefe e marcadas as presenças.

Apos o lanche voltam para a área da conversa/leitura onde aprenderão a música sobre as formas geométricas.

Seguidamente escolhem no quadro de brincar o local para onde querem ir brincar.

No período da tarde sentam-se nas mesas e recortam as formas geométricas para construir um boneco articulado constituído por círculos, retângulos, quadrados e triângulos.

Por fim dá-se um tempo para explorarem os bonecos e os decorarem de acordo com o gosto de cada um.

Anexo 6

Exemplo de uma planificação da área de Expressão
Dramática



PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Educador Cooperante: Celeste Mendonça		
Aluno: Tânia Duarte		Local de Estágio: Jardim de Infância da Sé		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data: 28 de Abril 2014		
Grupo: 3/4 anos		Tempo: Dia Completo		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">• Área de Expressão e Comunicação;• Domínio da linguagem oral;• Área de Expressão dramática.	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolver:<ul style="list-style-type: none">• A capacidade auditiva;• A expressão oral;• A motricidade fina;• O conhecimento linguístico;• A expressividade;• A autonomia;• O sentido estético.	<ul style="list-style-type: none">• Dia da Mãe;• Grafismos.	<ul style="list-style-type: none">• Vídeo do patinho feio• Ficha sobre o patinho feio• Lápis de cor	<ul style="list-style-type: none">• Direta (através da participação e empenho das crianças nas atividades);• Indireta (através da realização da

ficha)

- Incrementar o valor da igualdade;

Processos de Operacionalização:

No período da manhã, a sessão inicia-se com as crianças a terem um tempo para brincarem nos jogos de mesa.

De seguida será solicitado que se dirijam à área da leitura/conversa onde as crianças irão contar os factos mais relevantes que aconteceram no fim-de-semana. De seguida será feita a eleição do chefe do dia e serão marcadas as presenças.

A seguir ao lanche, as crianças continuam na área da leitura onde procederemos à visualização de um vídeo que conta a história 'O Patinho Feio'.

De seguida, com a nossa ajuda, as crianças irão dramatizar a história que acabaram de ouvir, escolhendo a personagem que querem fazer.

No período da tarde será realizada uma ficha sobre o patinho feio, onde se pretende desenvolver o grafismo com as crianças.

Por fim, escolhem o local para onde querem ir brincar, ocupando assim o restante tempo da sessão.

Anexo 7

Exemplo de uma planificação de uma história sobre
as profissões



PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Educador Cooperante: Celeste Mendonça		
Aluno: Marta Melo; Tânia Duarte		Local de Estágio: Jardim de Infância da Sé		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data: 24 de Março 2014		
Grupo: 3/4 anos		Tempo: Dia completo		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">• Área de Expressão e Comunicação;• Área da Matemática	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolver:<ul style="list-style-type: none">➤ A capacidade auditiva;➤ Capacidade de concentração;➤ O conhecimento linguístico;➤ O grafismo➤ A noção de número• Promover o conhecimento das profissões: sapateiro.	<ul style="list-style-type: none">• Profissões “O Sapateiro”	<ul style="list-style-type: none">• Adivinha• História• Ficha com o número 4.	<p>Direta (através do questionamento sobre a historia)</p> <p>Indireta (através da realização da ficha de trabalho)</p>

Processos de Operacionalização:

Iniciamos a sessão perguntando às crianças o que fizeram no fim-de-semana.

De seguida contamos uma adivinha, para ver se as crianças adivinham do que estamos a falar.

“ Mas que sina foi a minha,
Quem me fez eu não sei,
Sei que passo a vida inteira,
Sempre a pisar o chão,
Quem sou eu?”

Após obtermos a resposta 'sapato', questionamos os alunos sobre:

Sabem quem faz os sapatos?

E onde se vendem?

De seguida, lê-se a história “ O sapateiro e os Duendes” na área da leitura, e ao mesmo tempo vai-se mostrando as imagens do livro. Após a leitura, questionam-se as crianças sobre o que se passou na história.

Elege-se o chefe e marcam-se as presenças.

Apos o lanche sentam-se na mesa e realizam uma ficha de trabalho, onde se vai aprofundar o número 4.

No período da tarde vamos visitar um sapateiro que existe no bairro e observar o que ele faz e quais os materiais que utiliza na sua profissão.

Quando chegar a escola questionamos os alunos sobre:

O que faz o sapateiro?

Como se chama o local onde trabalha?

Que material utiliza?

Anexo 8

Exemplo de uma planificação da área da Matemática



PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Educador Cooperante: Celeste Mendonça		
Aluno: Tânia Duarte		Local de Estágio: Jardim de Infância da Sé		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data: 4 de Junho 2014		
Grupo: 3/4 anos		Tempo: Dia Completo		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">• Área de Expressão e Comunicação;• Área de matemática;	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolver:<ul style="list-style-type: none">• A capacidade auditiva;• A noção de conjunto e conjunto vazio;• A motricidade fina;• A capacidade de agrupar os objetos com as mesmas características;	<ul style="list-style-type: none">• Conjuntos;• Os números (1 a 4);	<ul style="list-style-type: none">• Blocos Lógicos;• Ficha de trabalho	<p>Direta (através da participação, empenho e interesse)</p> <p>Indireta (através da realização da ficha de trabalho)</p>

Processos de Operacionalização:

A sessão inicia-se na piscina.

Apos o lanche no cantinho da conversa/leitura, será eleito o chefe, marcar-se as presenças e aborda-se a noção de conjunto, perguntando aos alunos se sabem o que é um conjunto.

Seguidamente são disponibilizadas as peças dos blocos lógicos e cada aluno tem de formar um conjunto de acordo com as características que a educadora refere. Por exemplo: Dois triângulos azuis e grandes; Três círculos vermelhos; Dois Círculos amarelos pequenos, entre outros.

Marcam no quadro o local para onde querem ir brincar.

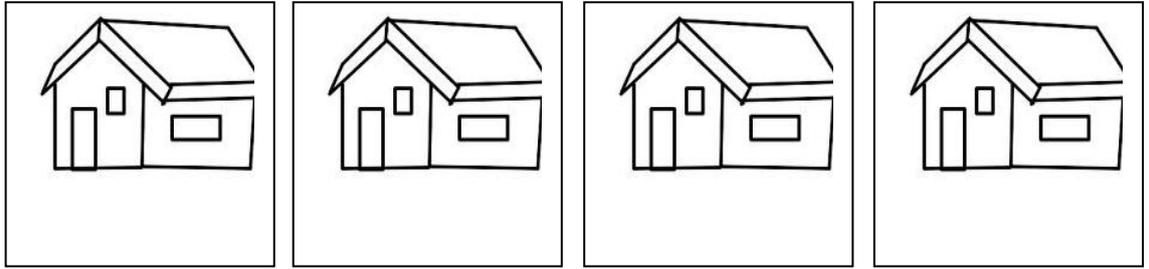
No período da tarde sentam-se na mesa e realizam o jogo de agrupar peças.

- O jogo consiste no seguinte:
- Num saco cada criança tira uma peça dos blocos lógicos e tem de a colocar no local correto.
- Estão disponíveis vários locais (um para as figuras grandes e vermelhos; um para as figuras pequenas e vermelhas; um para as figuras pequenas e amarelas, etc) ou (Um para os retângulos grandes e azuis; um para os círculos grandes e vermelhos; um para os quadrados pequenos e amarelos, etc)

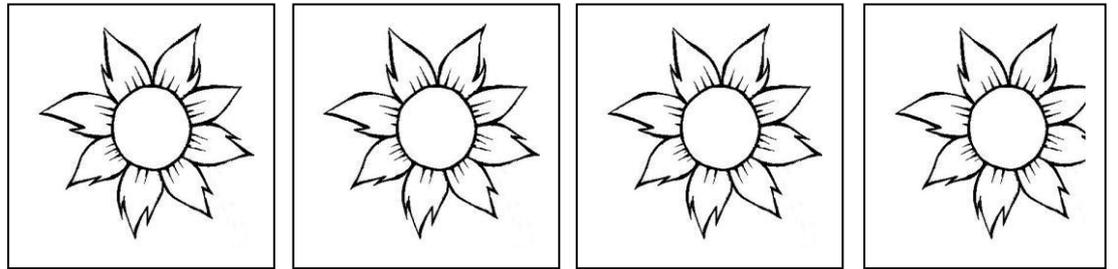
De seguida realizam a ficha de trabalho, na qual se pretende fazer a revisão dos números.

Por fim, marcam no quadro o local para onde querem ir brincar.

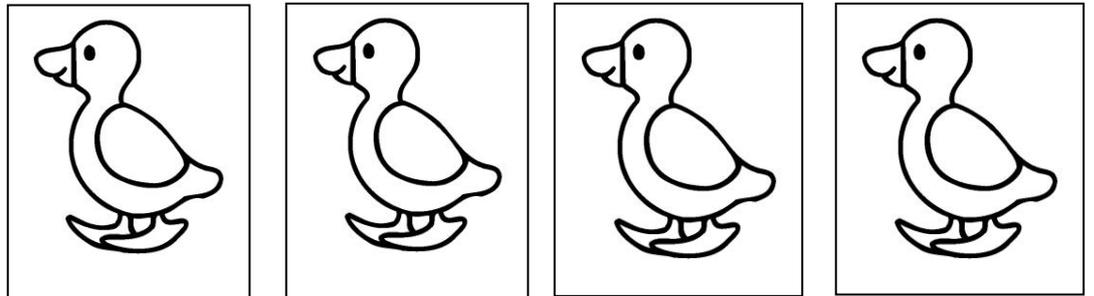
1



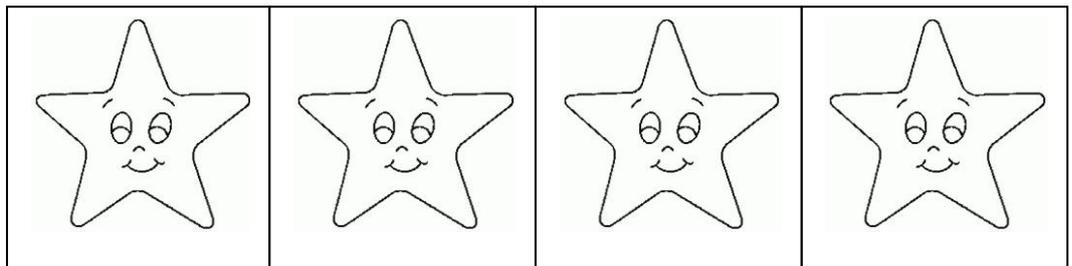
2



3



4



Anexo 9

Exemplo de uma planificação da área do
Conhecimento do Mundo



PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Educador Cooperante: Celeste Mendonça		
Aluno: Tânia Duarte		Local de Estágio: Jardim de Infância da Sé		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data: 2 de Abril 2014		
Grupo: 3/4 anos		Tempo: Dia Completo		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">• Área do Conhecimento do Mundo: a reciclagem;• Área de Expressão e Comunicação:	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolver:<ul style="list-style-type: none">• A capacidade de comunicação;• Expressão oral;• O vocabulário;• A motricidade fina.• Explorar vários materiais.	<ul style="list-style-type: none">• A separação do lixo: reduzir, reutilizar e reciclar;	<ul style="list-style-type: none">• História 'Pocoyo aprende a reciclar'• Imagens de objetos;• Arcos (Azul, amarelo e verde)	<p>Direta (através das perguntas acerca da história e da participação e empenho das crianças)</p> <p>Indireta</p>

<p>Domínio da linguagem oral e escrita;</p> <p>• Área das Expressões : Expressão dramática e Expressão Plástica.</p>			<ul style="list-style-type: none"> • Embalagens, garrafas, tampas, folhas de papel, embalagens de plástico; 	<p>(através da realização da ficha)</p>
--	--	--	--	---

Processos de Operacionalização:

Neste dia as crianças têm aula de natação das 9h15 às 10h.

Após o lanche, no salão polivalente, será contada a história 'Pocoyo aprende a reciclar'. Como forma de consolidação da histórias e aprendizagens anteriormente realizadas (sobretudo na 2ª visita à Quinta da Maúncia, realizada na passada 6ª feira onde as crianças aprenderam a regra dos “3 R” através da história “A casa do lixo zero” e construíram um boneco “Bom coração” e uma pandeireta a partir da reutilização do lixo), as crianças irão realizar o jogo da reciclagem que consiste em colocar três arcos no chão, com as cores dos respetivos ecopontos. Dentro de um saco estarão vários materiais tais como embalagens de cartão, embalagens de plástico, folhas de papel, garrafas e tampas de plástico, imagens e objetos de vidro. As crianças terão de colocar o objeto dentro do arco com a cor do respetivo ecoponto.

No período da tarde será realizada uma ficha de trabalho, na qual as crianças irão colar várias imagens de lixo nos ecopontos corretos.

Segue-se um tempo de brincadeira livre, em que cada criança regista no quadro “espaço de brincar” o local para onde quer ir brincar; o tempo das atividades termina com a autoavaliação e registo do seu comportamento ao longo do dia, realizado pelas crianças, no quadro de comportamento.

Anexo 10

Planificação da primeira regência no 1º ciclo



PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Elisabete Brito		Professora Cooperante: Maria Isabel Almeida		
Aluno: Tânia Duarte		Local de Estágio: Escola Básica do 1º ciclo de Bomfim		
Nível de Ensino: 1º ciclo do Ensino Básico		Data: 13 de Outubro de 2014		
Grupo: 3º ano		Tempo: 45 minutos		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">Área de Expressão Físico-Motora– Bloco 4 - Jogos	<ul style="list-style-type: none">Desenvolver:<ul style="list-style-type: none">Ativação funcional;A capacidade de concentração;Os tipos de passes;O trabalho em equipa;Aumentar a capacidade de reação e drible contínuo;Promover o controlo da orientação espacial e do controlo e condução da bola.	<ul style="list-style-type: none">Jogos com bola:<ul style="list-style-type: none">Passes;Batimentos;Deslocamentos;	<ul style="list-style-type: none">Bolas;Coletes;	<ul style="list-style-type: none">Direta (através da participação e empenho das crianças);

Processos de Operacionalização:

Parte Inicial (10 minutos):

Jogo dos 10 passes:

Os alunos começam por se dividirem em duas equipas com o mesmo número de elementos, lança-se a bola ao ar e quem possuir a mesma deverá fazer “dez passes” entre eles. Por cada 10 passes realizados sem deixar cair a bola ganham um ponto e assim, ganha a equipa que conseguir mais pontos. A equipa que não tem a posse de bola deverá impedir a equipa adversária de fazer os 10 passes e tentar roubar-lhes a bola. Assim, quem roubar a bola deve iniciar a contagem até chegar aos “dez passes” que quando são atingidos, a posse de bola passa para a outra equipa-completam os “dez passes” a bola para a outra equipa.

Parte Fundamental (30 minutos):

Formam-se pares e os alunos tem de realizar diferentes tipos de passes (passe picado, passe ao peito, passe com uma mão e receber com as duas, e passe por cima da cabeça.) (5 minutos)

Jogo do Mata (15 minutos)

Começa-se por dividir a turma em duas equipas com o mesmo número de jogadores. Cada equipa coloca-se no seu meio campo, existindo um “piolho” em cada equipa que se encontra na parte de trás da equipa adversária. Os jogadores de uma equipa vão trocando a bola entre o «piolho» e o seu campo, tentando cada equipa atingir com a bola («matar») todos os jogadores adversários.

O jogo termina quando uma das equipas conseguir «matar» o maior número de adversários.

Regras:

- A bola é jogada sempre com as mãos;
- O jogo inicia-se com uma equipa que vai trocando a bola com o «piolho», procurando a melhor posição para «matar» (atingir com a bola qualquer parte do corpo sem ser na cabeça) os adversários que se encontram à sua frente;
- Qualquer jogador pode matar, estando no campo principal ou no «piolho». Os jogadores só podem matar quando a bola for agarrada sem tocar no chão ou em qualquer obstáculo;
- Um jogador, quando é morto, vai para o «piolho» e aí fica até ao final do jogo;
- Se a bola sair dos limites do campo, pertence ao jogador que a conseguir apanhar.

O jogo à volta do círculo (10 minutos):

Divide-se a turma em grupos e cada grupo tem de formar um círculo. Ao primeiro aluno de cada grupo é entregue uma bola. Esse aluno vai ter de dar uma volta completa à roda, e tem de ir a correr e sempre a driblar. Quando completar a sua volta entrega a bola ao colega do lado, que irá fazer exatamente o mesmo exercício. Ganha o jogo a equipa que concluir primeiro o exercício.

Retorno à calma (5 minutos):

Os alunos dispõem-se a pares e cada um vai massajar o colega com a bola, passando com ela pelo corpo do colega.

Sumário: Bloco 4: Jogos com bolas.

Anexo 11

Exemplo de uma planificação de Expressão Físico-
Motora



PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Elisabete Brito

Professora Cooperante: Maria Isabel Almeida

Aluno: Tânia Duarte

Local de Estágio: Escola Básica do 1º ciclo do Bonfim

Nível de Ensino: 1º ciclo do Ensino Básico

Data: 5 de janeiro de 2015

Grupo: C13

Tempo: 50 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
• Expressão Físico-motora.	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolver a noção de espaço;• Desenvolver a motricidade fina;• Manusear, pontapear, passar bolas;• Dar toques com os pés, joelhos e cabeça;• Fomentar o trabalho em equipa;	<ul style="list-style-type: none">• Jogos com bolas.	<ul style="list-style-type: none">• Bolas;• Coletes;	<ul style="list-style-type: none">• Indireta (através da realização da ficha de exercícios);• Direta (através do empenho e da participação na realização das tarefas).

Processos de Operacionalização:

Exercício 1 (10 minutos): Os alunos em roda, devem evitar que as duas bolas que passam de mão em mão se encontrem. O jogador com a bola deve passá-la para seu lado direito ou esquerdo, tentando que não cheguem a ele as duas ao mesmo tempo. Não podem lançar a bola para jogadores que não estejam imediatamente ao lado. Se isso acontecer, quem receber deve devolvê-la para quem a atirou. Se as bolas chegarem de uma vez ao mesmo jogador, este é eliminado. O jogo termina quando sobrarem três jogadores.

Exercício 2: (10 minutos) Os alunos devem ter cada um uma bola e devem dar toques primeiro com o pé direito, depois com o pé esquerdo, joelhos, cabeça e por fim, com todas as partes do corpo. A seguir juntam-se em pares e devem voltar a repetir o exercício.

Exercício 3 (20 minutos): Neste exercício, a turma é dividida em grupos heterogêneos de 5 elementos, e será realizado o tradicional jogo de futebol com as regras de que quando uma equipa marca golo, a que sofre sai e troca com uma equipa que esteja de fora. As equipas que estão de fora deverão estar a circular a bola entre os respetivos elementos.

Exercício 4 (5 minutos): Os alunos sentam-se em roda de pernas afastadas. Um aluno começa com a bola e deve fazê-la rolar, devagar, até ao colega que desejar.

Anexo 12

Exemplo de uma planificação de Expressão Plástica



PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Elisabete Brito		Professora Cooperante: Maria Isabel Almeida		
Aluno: Tânia Duarte		Local de Estágio: Escola Básica do 1º ciclo do Bonfim		
Nível de Ensino: 1º ciclo do Ensino Básico		Data: 24 de novembro de 2014		
Grupo: C13		Tempo: 120 minutos		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">Expressão plástica.	<ul style="list-style-type: none">Construir uma árvore de Natal para decorar o painel da sala;Utilizar diversas técnicas de pintura.	<ul style="list-style-type: none">Natal: decoração da sala;	<ul style="list-style-type: none">Cd's;Fotografias;Cola e Tesouras;Marcadores;Lápis;	<ul style="list-style-type: none">Direta (através do empenho na realização das tarefas e na participação nas atividades).
Processos de Operacionalização:				
Na área das expressões iremos começar a explorar o tema do Natal, começando a fazer a decoração para a sala de aula.				
Será construído um placard com uma árvore de Natal construída com Cd's e fotos de cada aluno.				
Serão ainda pintados alguns motivos natalícios para colar no mesmo placard.				

Anexo 13

Pedidos de Natal

Pedidos de Natal

Olá Pai Natal!

Escrevemos esta carta para te fazer um pedido muito especial. Na verdade são vinte e três pedidos, um de cada letra do abecedário. São para nós e para todas as pessoas do mundo:

Amor. Para dar e receber.

Bondade. Para os corações que não têm a necessária.

Coragem. Para enfrentar os problemas do dia a dia.

Decisão. Poder decidir com a mente e com o coração.

Esperança. Que seja a última a morrer.

Felicidade. Todos merecem ser felizes.

Generosidade. Dar sem esperar receber.

Honestidade. Ser honesto é virtude.

Igualdade. Mesmo que as pessoas sejam diferentes.

Justiça. Porque a injustiça é cruel.

Liberdade. É um bem precioso.

Moral. Para saber distinguir o bem do mal.

Nacionalidade. Todos devem ter uma nação.

Orientação. Que ninguém se sinta perdido.

Paz. Porque a guerra não pode vencer.

Qualidade. Não interessa ter muitos se não forem bons amigos.

Respeito. Respeitar e ser respeitado.

Saúde. Para o corpo e para a mente.

Tranquilidade. Mesmo nos momentos mais difíceis.

União. Porque a união faz a força.

Valentia. Porque a coragem é a mais forte.

Xarope e outros medicamentos. Não falem a ninguém.

Zelo. Temos que zelar uns pelos outros.

Obrigado, Pai Natal e até para o ano!

Anexo 14

Exemplo de Planificação de Português



PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Elisabete Brito

Professora Cooperante: Maria Isabel Almeida

Aluno: Tânia Duarte

Local de Estágio: Escola Básica do 1º ciclo do Bonfim

Nível de Ensino: 1º ciclo do Ensino Básico

Data: 7 de janeiro de 2015

Grupo: C13

Tempo: 120 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">Português.	<ul style="list-style-type: none">Efetuar uma leitura que permita identificar o tema principal, os aspetos acessórios e responder a questões;Ler de acordo com orientações previamente estabelecidas;Elaborar por escrito, respostas a questionários;Planificar textos de acordo com um objetivo.	<ul style="list-style-type: none">Pronomes pessoais.	<ul style="list-style-type: none">Manual de português;Computador;Cartaz dos pronomes pessoais;Ficha do caderno de exercícios.	<ul style="list-style-type: none">Indireta (através da realização da ficha de exercícios);Direta (através do empenho e da participação nas atividades).

Processos de Operacionalização:

A aula terá início com a leitura em voz baixa do texto 'Lenda da minha cidade' para seguidamente serem escolhidos alguns alunos,

alternadamente para lerem o texto em voz alta. Após a leitura, a professora fará algumas perguntas de interpretação.

De seguida serão realizados e corrigidos os exercícios da página 68 e 69 do manual.

No que concerne ao conhecimento explícito da língua, serão lecionados os pronomes pessoais recorrendo uma apresentação em PowerPoint e a um cartaz com a síntese do mesmo.

Imediatamente a seguir serão realizados e corrigidos os restantes exercícios da página 69, a ficha nº 15 do caderno de exercícios e uma ficha de exercícios de consolidação dos conteúdos lecionados.

Por fim será realizado um ditado do texto anteriormente analisado.

Os pronomes pessoais

	Singular	Plural
1ª Pessoa		
2ª Pessoa		
3ª Pessoa		

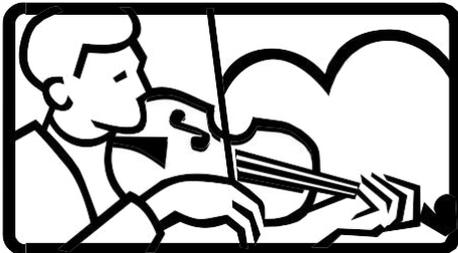
Os pronomes pessoais

	Singular	Plural
1ª Pessoa	 Eu	 Nós
2ª Pessoa	 Tu	 Vós
3ª Pessoa	 Ele / Ela	 Eles / Elas

Ficha de Português

Nome: _____ Data: _____

Pronomes Pessoais



O Ricardo toca.

Ele toca.

Ele, está em vez do nome Ricardo



A Vera canta.

Ela canta.

Ela, está em vez do nome Vera.

Ele e ela são **pronomes** porque estão em vez dos nomes.

E, porque indicam as pessoas gramaticais, são **Pronomes Pessoais**.

Pronomes Pessoais

Singular	1ª pessoa – Eu	É a pessoa que fala.
	2ª pessoa – Tu	É a pessoa com quem se fala.
	3ª pessoa – Ele ou Ela	É a pessoa de quem se fala.
Plural	1ª pessoa – Nós	São as pessoas que falam.
	2ª pessoa – Vós	São as pessoas com quem se fala.
	3ª pessoa – Eles ou Elas	São as pessoas de quem se fala.

1. Substitui os nomes pelos pronomes nas seguintes frases:

A Sofia está a ler.

O Pedro e o Rui vão ao cinema. _____

O Fernando vai almoçar. _____

A Rosa e a Susana estão a cantar. _____

Pronomes pessoais – Exercícios

1 – Faz a ligação correta como no exemplo.

Ele lê um livro. ☆	☆	Eu é a 1ª pessoa do singular.
Nós temos uma bola. ☆	☆	Tu é a 2ª pessoa do singular.
Vós cantais no recreio. ☆	☆	Ele é a 3ª pessoa do singular.
Eu comi um queque. ☆	☆	Nós é a 1ª pessoa do plural.
Tu bebeste leite. ☆	☆	Vós é a 2ª pessoa do plural.
Eles jogaram bem. ☆	☆	Eles é a 3ª pessoa do plural.

2 – Sublinha os pronomes pessoais das frases:

- Eu tenho uma caneta. Tu não tens nenhuma igual à minha.
- Eles compraram uma régua amarela. Nós comprámos uma azul.
- Eu vou passear com ela para o parque.

3 – Completa as frases com os pronomes pessoais corretos:

- _____ vens da escola?
- Sim, _____ venho da escola. Onde estão os meus irmãos?
- _____ foram com o teu pai às compras. Agora _____ vamos ter com eles.
- Ó mãe, _____ preferia ficar em casa.

4 – Completa o seguinte quadro:

	Singular	Plural
	eu	
2ª pessoa		
		elas, eles

5- Escreve as frases substituindo as palavras sublinhadas por pronomes pessoais:

a) **O João** saiu da sala apressado.

b) **Bruno e Pedro** foram juntas ao cinema.

c) **O Rui, a Andreia e eu** fomos ao jogo de futebol.

d) **As crianças** divertiram-se muito.

e) **Os turistas** são estrangeiros.

Anexo 15

Exemplo de uma planificação de Matemática



PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Elisabete Brito

Professora Cooperante: Maria Isabel Almeida

Aluno: Tânia Duarte

Local de Estágio: Escola Básica do 1º ciclo do Bonfim

Nível de Ensino: 1º ciclo do Ensino Básico

Data: 21 de janeiro de 2015

Grupo: C13

Tempo: 90 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">Matemática;	<ul style="list-style-type: none">Consolidar ludicamente a matéria lecionada nas aulas anteriores;Desenvolver o trabalho em equipa.	<ul style="list-style-type: none">Tabuada;Divisão exata e não-exata;Frações;Multiplicação;Algoritmo da subtração, adição, divisão e multiplicação.	<ul style="list-style-type: none">Jogo;Jogo do 24.	<ul style="list-style-type: none">Indireta (através da realização dos exercícios);Direta (através do empenho e da participação nas atividades).

Processos de Operacionalização:

Na área da matemática será realizado um jogo de perguntas englobando a matéria lecionada anteriormente.

Inicialmente, será explicado aos alunos o jogo do 24, resolvendo alguns exemplos.

De seguida serão distribuídas as folhas de jogo onde serão anotadas as respostas.

Por fim serão analisadas e corrigidas as respostas dadas pelos alunos.

Ficha de jogo

Matemática?



Vamos jogar...

Pergunta n°1



$$8 \times 7 = ?$$

Pergunta n°2



$$8 \times 4 = ?$$

Pergunta n°3



$$6 \times 7 = ?$$

Pergunta n°4



$$6 \times 8 = ?$$

Pergunta n°5



$$9 \times 7 = ?$$

Pergunta n°6



$$5478:6=?$$

Pergunta n°7



$$4521:3=?$$

Pergunta n°8

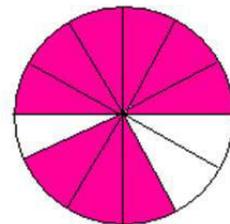


$$1045:5=?$$

Pergunta n°9



Qual é a fração que corresponde à parte pintada da figura?



Pergunta n°10



Pergunta n°11



$$8547 - 7695 =$$

Pergunta nº12



$$656 \times 3 =$$

Pergunta nº13



$$958 + 654 = ?$$

Pergunta n°14



$$458 : 10 = ?$$

Pergunta n°15



$$954 : 100 = ?$$

Pergunta n°16



$$564+241-368=?$$

Pergunta n°17



$$564+241-368=?$$

Pergunta nº18



Escreve em numeração romana:

2956

Pergunta nº19



Indica se as afirmações são verdadeiras (V) ou falsas (F):

- O número 5 é um múltiplo de 2. _____
- O número 10 é um múltiplo de 2, 5 e 10. _____
- O número 12 é um múltiplo de 5. _____
- Os múltiplos de 5 terminam sempre em 2. _____
- Os múltiplos de 2 terminam sempre em número ímpar. _____

Pergunta n°20



$$\underline{\quad} \times \underline{\quad} = 56$$

Pergunta n°21



$$\underline{\quad} \times \underline{\quad} = 64$$

Pergunta n°22



$$\underline{\quad} \times \underline{\quad} = 63$$

Pergunta n°23



$$\underline{\quad} \times \underline{\quad} = 72$$

Pergunta n°24



$$\underline{\quad} \times \underline{\quad} = 54$$

Anexo 16

Exemplo de uma planificação de Estudo do Meio



PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Elisabete Brito

Professora Cooperante: Maria Isabel Almeida

Aluno: Tânia Duarte

Local de Estágio: Escola Básica do 1º ciclo do Bonfim

Nível de Ensino: 1º ciclo do Ensino Básico

Data: 21 de janeiro de 2015

Grupo: C13

Tempo: 90 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">• Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none">• Fomentar o gosto pelas Ciências Experimentais;• Recolher, organizar e representar dados de uma atividade experimental;• Conhecer os procedimentos de uma atividade experimental;• Desenvolver o espírito científico dos alunos e o gosto pela investigação;• Desenvolver o trabalho colaborativo.	<ul style="list-style-type: none">• As plantas;• A germinação.	<ul style="list-style-type: none">• Manual;• Vaso com terra;• Bolbo de gladiolo;• Água;• Pá.	<ul style="list-style-type: none">• Indireta (através da realização dos exercícios);• Direta (através do empenho e da participação nas atividades).

Processos de Operacionalização:

Inicialmente será terminado o trabalho que iniciaram no dia anterior.

A aula prossegue com a questão: 'Qual a utilidade das plantas para o homem?', registrando as respostas no quadro.

De seguida serão analisadas as páginas 77 e 78 do manual, como forma de responder à questão.

Por fim será realizada uma atividade experimental que consistirá em plantar um bolbo de gladiolo e posteriormente registar o procedimento e o resultado que esperam alcançar com o germinar da planta.



PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Elisabete Brito

Professora Cooperante: Maria Isabel Almeida

Aluno: Tânia Duarte

Local de Estágio: Escola Básica do 1º ciclo do Bonfim

Nível de Ensino: 1º ciclo do Ensino Básico

Data: 11 de novembro de 2014

Grupo: C13

Tempo: 120 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">Estudo do Meio: À descoberta de si mesmo.	<ul style="list-style-type: none">Conhecer e identificar os elementos que constituem o Kit de primeiros socorros.	<ul style="list-style-type: none">O seu corpo: Primeiros Socorros.	<ul style="list-style-type: none">Caixa de primeiros socorros;Folheto informativo.	<ul style="list-style-type: none">Indireta (através da realização dos exercícios);Direta (através do empenho e da participação nas atividades).

Processos de Operacionalização:

No período da tarde será introduzida a área do Estudo do Meio com a Visita da médica Diana Sousa que vai à sala de aula falar do kit de primeiros socorros, o que o constitui e o que devem fazer quando for necessário utilizá-lo em casos específicos.

De seguida será realizada uma ficha de registo acerca da atividade onde os alunos terão de descrever o que se passou e desenhar o momento que mais gostaram.

Ficha informativa

Estudo do Meio - A segurança do meu corpo

O que devemos fazer para socorrer alguém?

A primeira coisa que um socorrista deve fazer é lavar muito bem as mãos para não transmitir bactérias através do ferimento. Deve também manter sempre a calma.

O que deve conter um Kit de Primeiros Socorros?

- Luvas de latex descartáveis;
- Termómetro digital;
- Compressas esterilizadas;
- Pacotes de açúcar;
- Antisséptico;
- Ligaduras;
- Tesoura;
- Adesivos;
- Sabão;
- Gaze;
- Pinça;
- Pensos rápidos;



Devemos ter sempre uma caixa de primeiros socorros em casa, na escola e noutros locais que frequentamos habitualmente.

Que casos específicos estudámos?

➤ **Mordeduras de animais:**



1. Limpar bem o local onde está a ferida com água e sabão, com movimentos do centro para os bordos;
2. Secar a ferida com uma compressa, através de pequeno e leves toques;
3. Desinfetar com um antisséptico utilizando a gaze em vez do algodão para não deixar pelos na ferida;
4. Informares-te se o animal que mordeu está ou não vacinado porque certas doenças podem-se transmitir aos humanos. No caso de não estar deve ser consultado de imediato um médico.

Caso o ferimento seja profundo a vítima deverá ir logo ao hospital.

➤ **Em caso de picadas de abelhas e vespas:**



1. Saber se a vítima é, ou não alérgica ao veneno. Se for, deve ser transportada de imediato ao hospital;
- Se não for alérgica devemos:
1. Procurar o ferrão e retirá-lo com a ajuda de uma pinça;
 2. Desinfetar com um antisséptico e pôr gelo no local;

Anexo 17

Documento de avaliação de um aluno do 1º ciclo

Anexo 18

História 'O Rato Ricardo'

Era uma vez um rato chamado Ricardo que andava a roer tudo. O rato Ricardo ruía rolhas, raquetes, redes e às vezes até apanhava algumas relíquias que são coisas muito velhinhas e valiosas.

Certo dia, o rato Ricardo foi apanhado pela dona Rita a roer os ramos da sua árvore preferida e, sem hesitar, mandou-o embora. Durante muitas horas ele andou perdido mas conseguiu encontrar o caminho para o rio e atravessou-o.

Quando encontrou uma casa, correu logo para a garagem para ver o que podia roer. Encontrou logo a rede do Rui e a seguir comeu uma romã que a Rute tinha deixado por ali.

Certo dia, o rato foi passear junto ao rio da sua nova casa e encontrou um ratinho pequeno, parecido com ele e perguntou-lhe:

- Ola, como te chamas?

-Olá, chamo-me Rodrigo e tu? - respondeu o outro ratinho.

-Eu sou o Ricardo. O que estás a fazer por aqui? - perguntou-lhe.

- Eu ando perdido - respondeu-lhe o Rodrigo - andava à procura de coisas para roer e perdi o caminho para casa.

- Eu também gosto muito de roer coisas, até tenho uma raquete enorme só para mim, anda, vou-te mostrar.

O dia estava bonito e os dois foram para a garagem do Ricardo onde ficaram por muito tempo a roer tudo o que lhes aparecia.



Anexo 19

História 'As irmãs Sofia e Sara'

A Sofia e a Sara são duas irmãs muito traquinas. A Sofia gosta de esconder os sapatos, as sapatilhas e as sandálias da Sara e a Sara gosta de brincar com a sacola da Sofia e de vestir as suas saias. A Sofia tem seis anos e a Sara tem sete anos.

Quando estão juntas gostam de saltar à corda, sacudir as folhas das árvores e tocar o sino da aldeia, sempre a correr.

Um dia, quando andavam a brincar apareceu uma serpente e elas, com medo, correram tanto e tão rápido para casa que até a mãe Sílvia e o pai Sérgio ficaram admirados de as ver.

- O que vos aconteceu meninas? - Perguntou o pai Sérgio.

- Vimos uma serpente e fugimos o mais rápido que conseguimos. - responderam as meninas.

- Não era preciso, bastava que não lhes mexessem e a serpente não vos fazia mal. - respondeu a mãe Sílvia. - Agora venham lanchar, trouxe cerejas da casa dos avós.

E as irmãs foram e nunca mais se lembraram da serpente.